



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

MARIA DEL ROSÁRIO DE FÁTIMA RODEIRO CLARO

A VARIAÇÃO NO USO DOS CLÍTICOS NO ESPANHOL MEDIEVAL

SALVADOR

2022

MARIA DEL ROSÁRIO DE FÁTIMA RODEIRO CLARO

A VARIAÇÃO NO USO DOS CLÍTICOS NO ESPANHOL MEDIEVAL

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Bahia para defesa no curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Felipe da Conceição Pinto.

SALVADOR

2022

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

RODEIRO CLARO, MARIA DEL ROSÁRIO DE FÁTIMA  
A VARIÇÃO NO USO DOS CLÍTCOS NO ESPANHOL  
MEDIEVAL / MARIA DEL ROSÁRIO DE FÁTIMA RODEIRO CLARO.  
-- SALVADOR, 2022.  
126 f.

Orientador: CARLOS FELIPE DA CONCEIÇÃO PINTO.  
Dissertação (Mestrado - PPGLINC) -- Universidade Federal  
da Bahia, ILUFBA, 2022.

1. ESPANHOL MEDIEVAL. 2. SINTAXE . 3. CLÍTCOS. 4.  
INTERPOLAÇÃO. I. DA CONCEIÇÃO PINTO, CARLOS FELIPE.  
II. Título.

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Carlos Felipe da Conceição Pinto

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Cristiane Namiuti

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus por iluminar os meus caminhos e ter me dado a vida. Obrigada, Senhor, por me mostrar que tudo tem seu tempo e sua hora para acontecer. Tudo no tempo de Deus.

À minha família que sempre me incentivou em todos os momentos, me dando força para continuar a jornada. Amo muito vocês. Agradeço a Deus todos os dias por fazer parte dessa família.

Ao meu Prof. Dr. Carlos Felipe da Conceição Pinto pela orientação e dedicação e por ter me apresentado o gerativismo.

Aos meus professores da graduação que plantaram a semente pela pesquisa e que sempre me incentivaram a fazer a pós-graduação.

Aos meus professores da pós-graduação que contribuíram para o meu sucesso.

Ao colegiado da pós-graduação pela atenção e profissionalismo, sempre prontos a solucionar as nossas solicitações.

Aos funcionários da Biblioteca Central da UFBA pelo auxílio.

A todos os funcionários do Instituto de Letras da Ufba que nos ajudam dia a dia.

Às professoras da banca examinadora, a Prof<sup>a</sup>. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves e a Prof<sup>a</sup>. Dra. Cristiane Namiuti por terem aceitado o convite em participar da minha banca de dissertação.

Aos amigos que estiveram ao meu lado nessa caminhada.

Ao mar que está presente desde a minha infância. Ao mar que eu recorro quando preciso tomar decisões importantes. Ao mar que agradeço pela energia que recebo.

Por fim, agradeço a todos que direta ou indiretamente fizeram parte dessa minha trajetória.

Essa pesquisa foi trabalhosa, mas quem disse que não seria?

Caminante, son tus huellas  
el camino y nada más;  
caminante, no hay camino,  
se hace camino al andar.

Al andar se hace camino  
y al volver la vista atrás  
se ve la senda que nunca  
se ha de volver a pisar.

Caminante no hay camino  
sino estelas en la mar.

(Antonio Machado: Poema XXIX, en Proverbios y Cantares)

¡Adiós, gloria! ¡Adiós, contento!  
¡Deixo a casa onde nacín,  
deixo a aldea que conoso,  
por un mundo que non vin!

Deixo amigos por extraños,  
deixo a veiga polo mar;  
deixo, en fin, canto ben quero...  
¡quén puidera non deixar!

[...]

Adiós, adiós, que me vou,  
herbiñas do camposanto,  
donde meu pai se enterrou,  
herbiñas que biquei tanto,  
terriña que nos criou.

[...]

Xa se oien lonxe, moi lonxe,  
as campanas do pomar;  
para mín, ¡ai!, coitadiño,  
nunca máis han de tocar.

[...]

¡Adiós tamén, queridiña...  
Adiós por sempre quizáis!...  
Dígoche este adiós chorando  
desde a beiriña do mar.

Non me olvides, queridiña,  
si morro de soidás...  
tantas légoas mar adentro...  
¡Miña casiña!, ¡meu lar!

(Rosalía de Castro: *Adiós ríos, Adiós fontes*, em Cantares Gallegos)

**Homenagem aos meus antepassados.**



**Resumo:**

Os clíticos têm sido discutidos dentro da Teoria Gerativa, mais precisamente, no Minimalismo (Chomsky, 1995), que tenta analisar o processo de cliticização e explicar a variação do seu posicionamento. Em relação à colocação dos clíticos, o espanhol atual apresenta próclise categórica em orações finitas, enquanto que o espanhol medieval apresentava variação entre ênclise (V-Cl), próclise (Cl-V), mesóclise (V-cl-V) e interpolação (cl-XP-V), seguindo a lei de Tobler-Mussafia em que os clíticos não podiam aparecer em posição inicial absoluta. Nesse contexto, havia também um clítico com dependência fonológica, enclítica não só ao verbo, mas a qualquer item lexical. Essa pesquisa propõe descrever, analisar e explicar o funcionamento da colocação pronominal dos clíticos no espanhol medieval e para isso utilizamos os dados de três textos de diferentes épocas (séculos XIII, XIV e XV), identificar os fatores condicionantes dessa colocação pronominal, analisar a relação entre movimento do verbo e posição do clítico e discutir se haveria apenas um sistema de clíticos ou mais de um sistema, como também se haveria mais de uma gramática competindo. Deste modo, esta pesquisa visa a analisar uma série de fenômenos em que se manifestam importantes divergências dentro do sistema ou sistemas de colocação do pronome clítico no espanhol medieval. Esta pesquisa é de cunho hipotético-dedutivo, porque temos hipóteses que deverão ser comprovadas ou refutadas; é descritiva, porque estuda e descreve características, propriedades ou relações existentes na comunidade linguística do espanhol medieval; é documental, pois é realizada uma investigação por meio de documentos dos séculos XIII ao XV. Com relação à análise dos dados, foram feitas uma análise qualitativa e outra quantitativa. Em uma análise quantitativa verificou-se a ocorrência de ênclise, próclise, mesóclise e interpolação nos séculos XIII ao XV. Em uma análise qualitativa verificou-se como os sistemas de clíticos e a competição de gramáticas funcionavam. No primeiro capítulo, temos a introdução da dissertação falando sobre as hipóteses, os objetivos e a metodologia utilizados. No segundo capítulo, são apresentados os pressupostos teóricos. No terceiro capítulo, discutimos se os clíticos são afixos ou palavras funcionais. No quarto capítulo, é feita uma análise da posição e variação dos clíticos. No quinto capítulo, propomos uma explicação sobre como a ênclise, a próclise e a interpolação são geradas no espanhol medieval. A conclusão é que há duas gramáticas interagindo no espanhol medieval. A interpolação é gerada por um tipo de gramática de clítico de segunda posição, em que o clítico é uma projeção máxima independente do verbo, adjungida à direita de algum constituinte qualquer (especialmente a conjunção na oração subordinada). A ênclise e a próclise são geradas por outra gramática, na qual aspectos sintáticos e prosódicos entram em jogo. No caso da ênclise categórica, o aspecto prosódico da Lei Tobler-Mussafia obriga o clítico à ênclise. No caso da próclise categórica, entram em jogo aspectos sintáticos, como os traços da categoria que aparece em posição pré-verbal. Não se chegou a nenhuma conclusão, neste trabalho, sobre a opcionalidade entre ênclise e próclise nos mesmos contextos, porque foram identificados os mesmos elementos ocorrendo nos dois casos, o que requer uma investigação futura, mais específica e detalhada.

**Palavras-chave:** espanhol medieval, sintaxe, clíticos, interpolação.

**Abstract:**

Clitics have been discussed within the Generate Theory, more precisely, in Minimalism (Chomsky, 1995) which tries to analyze the cliticization process and explain the variation of its displacement. Regarding the placement of clitics, current Spanish presents categorical proclisis in finite clauses, while medieval Spanish presented variation between enclisis (V-Cl), proclisis (Cl-V), mesocclisis (V-cl-V) and interpolation (cl-XP-V), following the Tobler-Mussafia law in which clitics could not appear in absolute starting position. In this context, there was also a clitic with phonological dependence, enclitic not only to the verb, but to any lexical item. This research proposes to describe, analyze and explain the functioning of the pronominal placement of clitics in medieval Spanish and for this we use data from three texts from different periods (13th, 14th and 15th centuries), identify the conditioning factors of this pronominal placement, analyze the relationship between verb movement and clitic position and discuss whether there would be only one system of clitics or more than one system, as well as whether there would be more than one competing grammar. This research is hypothetical-deductive in nature, because we have hypotheses that must be proven or refuted; it is descriptive, because it studies and describes characteristics, properties or relationships existing in the linguistic community of medieval Spanish; It is documentary, as an investigation is carried out using documents from the 13th to the 15th centuries. Regarding data analysis, a qualitative and a quantitative analysis were carried out. In a quantitative analysis, the occurrence of enclisis, proclisis, mesocclisis and interpolation was verified in the 13th to 15th centuries. In a qualitative analysis, it was verified how clitic systems and grammar competition worked. In the first chapter, we have the introduction of the dissertation talking about the hypotheses, objectives and methodology used. In the second chapter, the theoretical assumptions are presented. In the third chapter, we discuss whether clitics are affixes or function words. In the fourth chapter, an analysis of the position and variation of clitics is made. In the fifth chapter, we propose an explanation of how enclisis, proclisis and interpolation are generated in medieval Spanish. The conclusion is that there are two interacting grammars in Medieval Spanish. The interpolation is generated by a type of second-position clitic grammar, in which the clitic is an independent maximal projection of the verb, adjuncted to the right of any constituent (especially the conjunction in the subordinate clause). Enclisis and proclisis are generated by another grammar, in which syntactic and prosodic aspects come into play. In the case of categorical enclisis, the prosodic aspect of the Tobler-Mussafia Law forces the clitic to enclisis. In the case of categorical proclisis, syntactic aspects come into play, such as the features of the category that appears in a pre-verbal position. No conclusion was reached in this work about the optionality between enclisis and proclisis in the same contexts, because the same elements were identified occurring in both cases, which requires more specific and detailed future investigation.

Keywords: medieval Spanish, syntax, clitics, interpolation

**Resumen:**

Los clíticos han sido discutidos dentro de la Teoría Generativa, más precisamente, en el Minimalismo (Chomsky, 1995) que trata de analizar el proceso de cliticización y explicar la variación de su posicionamiento. En cuanto a la ubicación de los clíticos, el español actual presenta proclisis categórica en oraciones finitas, mientras que el español medieval presentaba variación entre enclisis (V-Cl), proclisis (Cl-V), mesocclisis (V-cl-V) e interpolación (cl-XP-V), siguiendo la ley de Tobler-Mussafia en la que los clíticos no podían aparecer en posición inicial absoluta. En este contexto, existía también un clítico con dependencia fonológica, enclítico no sólo al verbo, sino a cualquier elemento léxico. Esta investigación se propone describir, analizar y explicar el funcionamiento de la colocación pronominal de los clíticos en el español medieval y para eso utilizamos datos de tres textos de diferentes épocas (siglos XIII, XIV y XV), identificar los factores condicionantes de esta ubicación pronominal, analizar la relación entre el movimiento verbal y la posición de los clíticos y discutir si habría un solo sistema de clíticos o más de un sistema, así como si habría más de una gramática en competencia. De esta manera, esta investigación pretende analizar una serie de fenómenos en los que se manifiestan importantes divergencias dentro del sistema o sistemas de colocación del pronombre clítico en el español medieval. Esta investigación es de naturaleza hipotético-deductiva, porque tenemos hipótesis que deben ser probadas o refutadas; es descriptivo, porque estudia y describe características, propiedades o relaciones existentes en la comunidad lingüística del español medieval; Es documental, ya que se realiza una investigación utilizando documentos de los siglos XIII al XV. En cuanto al análisis de los datos, se realizó un análisis cualitativo y otro cuantitativo. En un análisis cuantitativo se constató la ocurrencia de enclisis, próclisis, mesóclisis e interpolación en los siglos XIII al XV. En un análisis cualitativo se verificó cómo funcionaban los sistemas clíticos y la competencia gramatical. En el primer capítulo tenemos la introducción de la tesis hablando de las hipótesis, objetivos y metodología utilizada. En el segundo capítulo se presenta el marco teórico. En el tercer capítulo, analizamos si los clíticos son afijos o palabras funcionales. En el cuarto capítulo se realiza un análisis de la posición y variación de los clíticos. En el capítulo quinto proponemos una explicación de cómo se generan la enclisis, la proclisis y la interpolación en el español medieval. La conclusión es que existen dos gramáticas que interactúan en el español medieval. La interpolación se genera mediante un tipo de gramática clítica de segunda posición, en la que el clítico es una proyección máxima independiente del verbo, adjunta a la derecha de cualquier constituyente (especialmente la conjunción en la oración subordinada). La enclisis y la proclisis son generadas por otra gramática, en la que entran en juego aspectos sintácticos y prosódicos. En el caso de la enclisis categórica, el aspecto prosódico de la Ley Tobler-Mussafia obliga al clítico a la enclisis. En el caso de la proclisis categorial entran en juego aspectos sintácticos, como los rasgos de la categoría que aparece en una posición preverbal. En este trabajo no se llegó a ninguna conclusión sobre la opcionalidad entre enclisis y proclisis en los mismos contextos, debido a que se identificaron los mismos elementos ocurriendo en ambos casos, lo que requiere una investigación futura, más específica y detallada.

**Palabras clave:** español medieval, sintaxis, clíticos, interpolación.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> O problema lógico da aquisição da linguagem .....	23
<b>Figura 2:</b> Sistema Computacional .....	25
<b>Figura 3:</b> Escala Prosódica .....	27
<b>Figura 4:</b> Derivação Sintática .....	108

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Sistema de clíticos no espanhol medieval .....	47
<b>Tabela 2:</b> Língua Inglesa .....	60
<b>Tabela 3:</b> Língua Alemã .....	61
<b>Tabela 4:</b> Língua Grega .....	62
<b>Tabela 5:</b> Ocorrência de clíticos encontrada em cada texto .....	86
<b>Tabela 6:</b> Ocorrência geral (em percentagem) de clíticos em cada contexto .....	86
<b>Tabela 7:</b> Ocorrência geral de clíticos em cada século em orações matrizes, subordinadas e coordenadas .....	87
<b>Tabela 8:</b> Quantidade de clíticos nas orações matrizes, subordinadas e coordenadas em orações finitas .....	87
<b>Tabela 9:</b> Ênclise e próclise categóricas em cada século .....	88
<b>Tabela 10:</b> Colocação pronominal em orações matrizes nas duas fases do espanhol.	111
<b>Tabela 11:</b> Colocação pronominal em orações subordinadas nas duas fases do espanhol .....	111

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	15
1.1 HIPÓTESES DE INVESTIGAÇÃO .....	17
1.2 OBJETIVOS .....	18
1.3 JUSTIFICATIVA .....	18
1.4 CORPUS E METODOLOGIA .....	19
1.5 DIVISÕES DA DISSERTAÇÃO .....	19
<b>2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b> .....	21
<b>2.1 O GERATIVISMO</b> .....	21
2.1.1 O PROBLEMA DE PLATÃO E A HIPÓTESE INATISTA .....	22
2.1.2 A TEORIA DE PRINCÍPIOS E PARÂMETROS.....	23
2.1.3 O MINIMALISMO .....	24
<b>2.2 A FONOLOGIA PROSÓDICA</b> .....	26
2.2.1 AS ESTRUTURAS PROSÓDICAS .....	27
2.2.2 AS RESTRIÇÕES PROSÓDICAS .....	29
<b>2.3 A TEORIA DA OTIMIDADE</b> .....	30
<b>2.4 COMPETIÇÃO DE GRAMÁTICAS</b> .....	32
<b>2.5 CONCLUINDO A SEÇÃO</b> .....	33
<b>3 O QUE SÃO CLÍTICOS</b> .....	35
<b>3.1 CLÍTICOS: AFIXOS OU PALAVRAS FUNCIONAIS</b> .....	38
<b>3.2 A FUNCIONALIDADE DOS CLÍTICOS</b> .....	45
3.2.1 OS CRITÉRIOS DE ZWICKY E PULLUM NO ESPANHOL MEDIEVAL ...	45
<b>3.3 A TIPOLOGIA DOS CLÍTICOS</b> .....	50
3.3.1 A TIPOLOGIA DE ZWICKY .....	50
3.3.2 A TIPOLOGIA DE KLAVANS .....	55
3.3.3 A TIPOLOGIA DE CARDINALETTI E STARKE .....	59
<b>3.4 A POSIÇÃO DOS CLÍTICOS</b> .....	62
3.4.1 CLÍTICOS DE SEGUNDA POSIÇÃO (2P) .....	63
3.4.1.1 LÍNGUAS COM POSIÇÃO 2W .....	64
3.4.1.2 LÍNGUAS COM POSIÇÃO 2D .....	65
3.4.1.3 LÍNGUAS COM POSIÇÃO 2W E 2D .....	66
3.4.1.4 O ESPANHOL MEDIEVAL COMO CLÍTICOS DE SEGUNDA POSIÇÃO	69
<b>3.5 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO</b> .....	72
<b>4. ANÁLISE DA COLOCAÇÃO DOS CLÍTICOS NOS TEXTOS MEDIEVAIS</b>	74
<b>4.1 A COLOCAÇÃO DOS CLÍTICOS</b> .....	74
4.1.1 ÊNCLISE OBRIGATÓRIA .....	77
4.1.2 PRÓCLISE OBRIGATÓRIA .....	78
4.1.3 MESÓCLISE NO ESPANHOL MEDIEVAL .....	79
4.1.4 INTERPOLAÇÃO NO ESPANHOL MEDIEVAL .....	81
<b>4.2. O ESTUDO DA POSIÇÃO E VARIAÇÃO DOS CLÍTICOS</b> .....	84
4.2.1 O CORPUS DOS TEXTOS ANALISADOS .....	85
4.2.2 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS DO CORPUS .....	85
4.2.3 CASOS DE ÊNCLISE E PRÓCLISES CATEGÓRICAS .....	87
4.2.4 DISCUSSÃO DOS CONTEXTOS DE VARIAÇÃO .....	89
4.2.5 INTERPOLAÇÃO NOS TEXTOS ESTUDADOS .....	98
<b>4.3 CONCLUÍDO O CAPÍTULO</b> .....	100

<b>5 TIPOS DE CLÍTIOS NO ESPANHOL MEDIEVAL .....</b>	<b>102</b>
<b>5.1 COMO ÊNCLISE E PRÓCLISE SÃO GERADOS .....</b>	<b>106</b>
<b>5.2 CONCLUINDO O CAPÍTULO.....</b>	<b>114</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>116</b>
<b>REFERÊNCIA DOS TEXTOS MEDIEVAIS.....</b>	<b>120</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>121</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O espanhol medieval apresentava colocação pronominal diferente do espanhol moderno. O espanhol atual apresenta próclise categórica em orações finitas, enquanto que o espanhol medieval apresentava variação entre a ênclise (V - Cl) e a próclise (Cl - V) seguindo a Lei de Tobler – Mussafia (TM), que determinava que os clíticos não podiam ocorrer em posição inicial absoluta em uma oração. O exemplo (1) ilustra a próclise categórica no espanhol atual. No espanhol medieval temos os exemplos em seguida ilustrando: (2) a ênclise em orações matrizes; e (3) a ênclise seguindo a Lei de Tobler-Mussafia:

- (1) Ya **le** he dado a Laura el libro que me pidió  
 Já lhe dei a Laura o libro que me pediu  
 (FONTANA, 1993, p. 278)
- (2) Esto=**t** lidiare aqui antel Rey don alfonsso  
 Vou desafiá-lo sobre isso na frente do Rei don Alfonso  
 (FONTANA, 1993, p.53)
- (3) respondi**l** don Pelayo en guisa. et dixo**l**  
 Respondeu lhe don Pelayo dessa maneira, e disse lhe  
 (FONTANA, 1996, p.41)

Segundo Lapesa (1981), Fontana (1993) e Pharies (2006), no espanhol medieval além da próclise e ênclise, existia também a mesóclise em verbos no Futuro Simples e no Condicional (Futuro do Pretérito do Português) que foram encontrados no texto de Afonsí e no Poema de Mio Cid (século XIII).

- (4) a. Seer**uos** am perdonados uuestros pecados  
 Ser vos ao perdoados vossos pecados
- b. Vengar **no** emos dellos del mal que nos na fecho  
 Vengar no emos deles do mal que nos há feito  
 (PHARIES, 2006, p. 125)

Por fim, no espanhol medieval, os clíticos na posição pré-verbal poderiam não estar necessariamente adjacentes ao verbo, permitindo a intercalação de constituintes entre o clítico e o verbo, fenômeno este conhecido como interpolação. A interpolação é



um fenômeno que se dava em orações subordinadas e o elemento mais comum interpolado era o adverbio negativo *non* (5).

- (5) todas las bocas que **la** *non* besaron  
todas as bocas que a não beijaram  
(LFU111/ CASTILLO LLUCH, 1996, p.302)

O exemplo acima mostra que o clítico tinha certa liberdade de posicionamento no espanhol medieval.

Além disso, existia um clítico com dependência fonológica, enclítica que necessitava de um antecedente para se apoiar e esse antecedente podia ser qualquer constituinte.

- (6) a. esto**l** dixo su madre Rebeca  
isto lhe disse sua mãe Rebeca  
b. yo**s** prometo que oy en este dia...  
eu te prometo que hoje neste dia...  
(FONTANA, 1996, p.42)

No espanhol medieval a posição dos clíticos nas orações matrizes era pós-verbal (V - Cl), como podemos observar no exemplo (7), enquanto que nas orações subordinadas temos o clítico antes do verbo [Conjunção + (Cl - V)], como no exemplo (8).

- (7) Respondio=**les** el que lo non farie  
Respondeu-lhes ele que o não faria  
(GCU.6/ FONTANA, 1993, p. 53)

- (8) Est crebanto la sepient... que encara **la** tienen los fiUos d'Israel  
É quebranto a serpente... que ainda a têm os filhos de Israel.  
(LR,5:2/ ELVIRA, 1987, p. 68)

Pode ocorrer o clítico estar anteposto ao verbo em orações coordenadas com a conjunção *et* (conjunção + Cl-V). A explicação que Castillo Lluich (1996) dá para esse caso é que a conjunção *et* não apresenta nenhuma reserva e permite sem dificuldade que o pronome se apoie nela, mas isso só é possível, porque existe uma conjunção subordinada implícita entre *et* e o clítico.

Esto prueba que se presupone la existencia de una conjunción subordinante implícita entre *et* y el pronombre *y*, en todo caso, que la estructura oracional responde a una rección interna que no existe en oraciones principales. Finalmente, debemos señalar que, incluso cuando no está presente la conjunción, en las subordinadas el pronombre es siempre preverbal. (CASTILLO LLUCH, 1996, p.347-348)

No entanto, segundo Fontana (1993), a estrutura sintática subjacente a cada oração é crucial para determinar se um clítico terminará em uma posição em que se deve enclitizar à oração coordenada ou se deve proclitizar.

Thus, a brief examination of the syntactic environments where the conjuncts involving V[+finite]-Cl and Cl-V[+finite] strings occur shows that the syntactic structure underlying each clause is crucial to determining whether a clitic will end up in a position where it must encliticize to the coordinating conjunction or, alternatively, to the tensed verb on its left. (FONTANA, 1993, p. 145).

Assim, os problemas principais levantados nessa dissertação são: discutir como se derivava a ênclise e a próclise no espanhol medieval; e discutir se o fenômeno da cliticização era uma questão sintática ou prosódica.

## 1.1 HIPÓTESES DE INVESTIGAÇÃO

Os clíticos tinham certa liberdade de movimento: havia um clítico com dependência fonológica, enclítica que necessitava de um antecedente para se apoiar. Este antecedente não precisava ser um verbo, podia ser qualquer constituinte lexical. Nas orações principais, o clítico se pospõe ao verbo; e nas orações subordinadas, o clítico se antepõe ao verbo.

Não é possível explicar a posição enclítica somente através do fenômeno da sintaxe. Na sintaxe, temos os constituintes se relacionando entre si, dentro de uma estrutura sintática, hierarquicamente ordenada. Na fonologia prosódica temos os constituintes prosódicos, organizados em uma Hierarquia Prosódica (Prosodic Hierarchy). Por isso estudaremos a variação dos clíticos não só como um fenômeno sintático, mas também fonológico nos textos dos séculos XII ao XV.

O que pretendemos demonstrar é que a sintaxe tem acesso à fonologia. O estudo da interface sintaxe-fonologia é o caminho para solucionar como se deu a variação dos clíticos no espanhol medieval.

## 1.2 OBJETIVOS

O objetivo geral da presente dissertação é analisar e descrever o funcionamento da colocação pronominal dos clíticos no espanhol medieval.

Os objetivos específicos são:

- 1) Descrever a colocação pronominal no espanhol medieval.
- 2) Identificar os fatores condicionantes da colocação pronominal no espanhol medieval.
- 3) Analisar a relação entre movimento do verbo e colocação pronominal no espanhol medieval.
- 4) Discutir se há apenas um sistema de clíticos ou mais de um sistema.

## 1.3 JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa visa analisar uma série de fenômenos no âmbito dos pronomes clíticos, em que se manifestam importantes divergências dentro do sistema ou sistemas de colocação do pronome clítico no espanhol medieval.

Dentre os fenômenos a serem estudados temos o fenômeno da interpolação. A interpolação ocorreu com maior frequência no período medieval, mas o questionamento a ser feito é o motivo de seu declínio ao longo dos séculos do espanhol medieval. Nos textos medievais podemos encontrar vários constituintes intercalados entre o clítico e o verbo, sendo a construção preferida de interpolação a partícula negativa *non*.

Devemos questionar se o fenômeno da cliticização se dava por questões sintáticas ou fonológicas ao longo do espanhol medieval.

Aprender como as gramáticas das línguas mudam de um estado para o outro e como essa língua atingiu um determinado estado é importante para compreender o processo de mudança dentro da teoria linguística. Segundo Kroch (1989), a variação muitas vezes reflete escolhas que não são categoricamente determinadas por princípios linguísticos, mas por características contextual e situacional.

O processo de mudança gramatical que sofre uma língua ao longo do tempo deve-se a fatores históricos e sociais.

To study the process of change, we must recognize that the historical texts from which we abstract our data are records of language in use. They have preserved, for us to re-experience or to study, past human linguistic activity; and this activity was not that of ideal speaker/hearers in a homogeneous setting but that of actual people in specific historical circumstances. (KROCH, 1989, p. 03).

Esse trabalho justifica-se porque os estudos feitos até agora sobre a colocação pronominal dos clíticos na época medieval não explicam o porquê da anteposição ou posposição e não relacionam a variação de colocação com algum princípio sintático ou funcional e de que maneira as regras de colocação mudaram ao longo do tempo.

#### 1.4 CORPUS E METODOLOGIA

Esta pesquisa é de cunho hipotético-dedutivo. É documental, pois é realizada uma investigação, por meio de documentos dos séculos XII ao XV. O *corpus* analisado foi coletado dos seguintes textos:

- a) Vida de Santa María Egipciaca (SME) – século XIII
- b) História de los Godos de San Isidoro (GSI) – século XIV
- c) Comedia de Calisto y Melibea (CEL) – século XV

É descritiva, porque estuda e descreve características, propriedades ou relações existentes nesse corpus do espanhol medieval.

Neste trabalho, selecionamos as orações com clíticos e classificamos de acordo com a sua posição na oração: ênclise, quando o clítico está anteposto ao verbo; próclise, quando o clítico está posposto ao verbo; mesóclise, quando temos o clítico intercalado entre a raiz do verbo e a sua desinência no futuro do presente e no futuro do pretérito; e também aparece entre o clítico e o verbo, outro elemento sintático distinto, chamando-se esse fenômeno de interpolação.

Analisamos as diferentes colocações dos clíticos em orações matrizes e subordinadas.

Analisamos e identificamos os fatores condicionantes da colocação pronominal e analisamos se havia uma relação entre o movimento do verbo e essa colocação do clítico (ênclise e próclise) no espanhol medieval.

Como resultado, esperamos: oferecer uma análise detalhada do funcionamento dos clíticos no espanhol medieval, demonstrando o motivo da variação entre ênclise e próclise; fornecer resultados sobre a relação entre a cliticização e o movimento do verbo; mostrar se haveria competição de gramáticas no espanhol medieval.

#### 1.5 DIVISÕES DA DISSERTAÇÃO

A dissertação está organizada em quatro capítulos além deste primeiro capítulo introdutório.

O capítulo seguinte destina-se aos pressupostos teóricos do modelo formal adotado. Abordaremos a Gramática Universal (GU) de Chomsky (1986), composta de Princípios e Parâmetros, e o Programa Minimalista. Falaremos da Fonologia Prosódica e também da Teoria da Otimidade.

No terceiro capítulo, discutiremos se os clíticos são afixos ou palavras funcionais, analisando os diferentes discursos acerca da sua tipologia e posição. Para os clíticos serem de segunda posição (2P), eles têm que ter uma palavra (2W) ou uma frase (2D) adjacente a eles.

No quarto capítulo será feita uma análise da posição e variação dos clíticos nos textos medievais dos séculos XIII ao XV, apresentando o *corpus*, e levantando os dados quantitativos e qualitativos de ênclise, próclise, mesóclise e interpolação.

No quinto capítulo, explicaremos como a ênclise e a próclise foram gerados no espanhol medieval. No espanhol antigo, o clítico podia ser colocado tanto anteposto (próclise) como posposto (ênclise) não só ao verbo, mas a qualquer item lexical. Na anteposição do clítico podia se intercalar outra palavra entre ele e o verbo, fenômeno chamado de interpolação.

E, por último, nas considerações finais, serão expostas as conclusões da dissertação sobre a variação entre ênclise e próclise e que essa variação é um fenômeno pós-sintático, exclusivamente fonético-fonológico.

## 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Essa dissertação analisará os clíticos como fenômeno de interface sintaxe-fonologia, ou seja, como a estrutura sintática se relaciona com a estrutura prosódica no posicionamento dos clíticos.

Assumiremos como referencial teórico a Gramática Gerativa (CHOMSKY, 1965), evidenciando a Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981) e o Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995), associada com outras teorias como a Fonologia Prosódica (NESPOR e VOGEL, 1986), a Teoria da Otimidade, e a Competição de Gramáticas (KROCH, 1989) para explicar como se dava a variação entre ênclise e próclise no espanhol medieval.

### 2.1 O GERATIVISMO

Em meados dos anos 50, Chomsky (1957) surge com a Teoria Gerativa em que assume que a linguagem pode ser estudada como parte do mundo natural. A Faculdade da Linguagem é um sistema de natureza mental, cognitiva e biológica que permite ao falante se comunicar e interagir, a partir de um conjunto de intenções definidas conceitualmente. A Faculdade da Linguagem é uma capacidade inata, radicada na mente/cérebro do indivíduo, constituída de princípios linguísticos.

O gerativismo é uma teoria que se dedica ao estudo das línguas naturais no sentido de língua-I. A língua-I é o conhecimento linguístico de um indivíduo acerca de uma dada língua.

The I-language, then, is some element of the mind of the person who knows the language, acquired by the learner, and used by the speaker-hearer. (CHOSMSKY, 1986, p. 23).

A língua-I é a sua faculdade cognitiva que permite o indivíduo de produzir e compreender um número infinito de expressões linguísticas de seu ambiente (língua-E). A língua-I é gerada por um sistema de regras e princípios que entram em computações mentais complexas para determinar a forma e o significado das sentenças. A gramática gera as sentenças que ela descreve e também as suas descrições estruturais; dizemos que a gramática gera fracamente as sentenças da língua e gera fortemente as descrições estruturais dessas sentenças.

A língua gerada pela gramática é infinita. Embora ela seja infinita a gramática em si é finita. Assim as regras da gramática devem permitir uma forma de repetição

para que possam gerar um número infinito de sentenças. A natureza recursiva da sintaxe que aborda Roberts (2010) é um componente necessário que Chomsky (1986) chamou de aspecto criativo no uso da linguagem. A criatividade é a capacidade de produzir e compreender um número ilimitado de sentenças. E essa capacidade de adquirir e criar um número ilimitado de sentenças se deve à disposição biológica exclusiva da espécie humana. Como as crianças conseguem adquirir a língua do seu ambiente de maneira tão rápida e aparentemente sem esforço cognitivo, apesar da complexidade estrutural inerente a qualquer língua? Na concepção de Chomsky, a resposta para o Problema de Platão está na capacidade inata do indivíduo para adquirir uma língua natural.

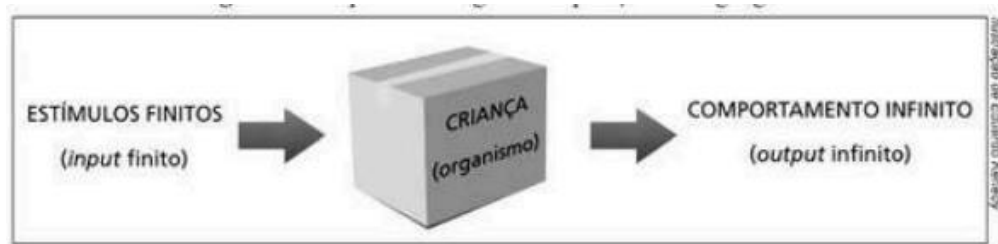
Na próxima subseção, veremos que Chomsky (1986) postula o problema de Platão e a hipótese inatista para falar sobre o problema da pobreza de estímulo que as crianças são expostas para a aquisição da linguagem.

### 2.1.1 O PROBLEMA DE PLATÃO E A HIPÓTESE INATISTA

Nesta subseção, veremos como as crianças são capazes de adquirir tão cedo um sistema tão rico, de uma forma espontânea, aparentemente involuntária, mesmo que haja mais de uma língua no ambiente em que ela esteja exposta.

Os estímulos aos que as crianças são expostas não seriam suficientes para que elas construíssem um sistema complexo da linguagem. Os estímulos iniciais são pobres, porque ela não possui todas as informações necessárias para a aquisição da linguagem. Chomsky (1986) chama esta situação como o Problema de Platão: se os dados linguísticos primários (PLD – Primary Linguistic Data) são insuficientes para explicar o sistema de conhecimento final, então a mente da criança põe à sua disposição um conjunto complexo de princípios linguísticos, que os guia no processo da aquisição da linguagem. A este argumento Chomsky (1986) denomina de argumento da pobreza de estímulo. O argumento da pobreza de estímulo propõe que a criança recebe estímulos finitos durante a aquisição da linguagem, porém esse estímulo gera sentenças infinitas ao final do processo, como ilustrado abaixo:

Figura 1: O problema lógico da aquisição da linguagem



(KENEDY, 2016, p.65)

Concluindo, a hipótese inatista é formulada para dar conta do Problema de Platão. O inatismo afirma que os humanos nascem providos de faculdade da linguagem, uma dotação biológica característica dos seres humanos, que possibilita um indivíduo de adquirir uma língua natural.

#### 2.1.2 A TEORIA DE PRINCÍPIOS E PARÂMETROS

Em 1957, as ideias de Chomsky começaram a ser conhecidas pelos linguistas após a publicação de *Syntactic Structure* (SS). Chomsky (1957) propõe a existência de uma Gramática Universal (GU) na mente dos falantes, a qual discorre acerca da capacidade que todos possuem para o aprendizado de qualquer língua. A GU propõe que todos os indivíduos nascem com uma gramática internalizada, na qual ficam guardadas todas as regras, de todas as línguas. A Gramática Universal (GU) é o estado inicial da aquisição da linguagem. A GU compõe-se de dois conjuntos de informações, os Princípios e os Parâmetros. Os Princípios são universais, rígidos, invariáveis, comuns a todas as línguas; e os Parâmetros são as variações linguísticas possíveis cujo valor final e definitivo apenas é atingido durante o processo de aquisição. Na Teoria da Sintaxe Gerativa, o valor de um único parâmetro pode alterar profundamente a lógica das possibilidades de geração de estruturas. Compreender a formulação e a codificação dos parâmetros e o modo como interagem com os princípios universais, determinam as propriedades da Gramática Universal (GU).



### 2.1.3 O MINIMALISMO

O Minimalismo é uma reformulação do modelo de regência e ligação da Teoria de Princípio e Parâmetro. O Minimalismo é um conjunto de orientações motivadas pela ideia de que a linguagem atinge um altíssimo grau de eficiência com um número mínimo de recursos e operações. O Programa Minimalista está alicerçado no que Chomsky (1995) chamou de Necessidade Conceptual Virtual (Virtual Concept Necessity), em que a linguagem se apresenta com um design óptimo em relação às condições que deve satisfazer: tudo que é proposto em termos de teoria deve ser justificado em termos das condições externas dadas pelas interfaces com as quais as línguas se relacionam, ou por condições de economia. O ponto a se considerar é quão óptima é a Faculdade da Linguagem. Para Chomsky (1995), o Programa Minimalista é uma tentativa de encarar as questões surgidas a partir da adoção de duas teses minimalistas: a tese fraca e a tese forte.

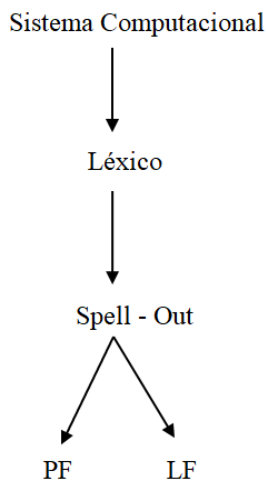
A tese Minimalista Fraca configura-se como uma busca pela melhor teoria possível para a Faculdade da Linguagem, e presuppõe o Princípio de Occam. De acordo com esse princípio, se duas teorias têm a mesma quantidade de dados, a que apresentar menor postulado teórico é a mais adequada, sendo a outra eliminada em prol desse modelo mais enxuto, chamado de Navalha de Occam (William de Occam, 1285). Já a tese Minimalista Forte pergunta o quanto a Faculdade da Linguagem é óptima em sua natureza primeira que é a vertente ontológica do Minimalismo.

Há dois sistemas com os quais a linguagem contacta: sistema de pensamento, no Minimalismo chamado de sistema C-I (conceptual - intensional), e o sistema sensorio-motor chamado de sistemas A-P (articulatório-perceptual). A Faculdade da Linguagem tem de se associar a um conteúdo comunicativo no C-I e a um conteúdo fônico produzido no A-P. A Faculdade da Linguagem gera expressões em cada um desses níveis de representação chamados de níveis de interface. No Programa Minimalista o nível de interface com o A-P é a Forma Fônica (PF- Phonology Form), e o nível de interface com o C-I é a Forma Lógica (LF-Logical Form). A partir do momento que as sentenças são pares de sons e significados, o Programa Minimalista assume que somente os dois níveis de representação: LF e PF são os níveis necessários para se relacionar som e significado. Chomsky (1993) apontou que a DS e a SS fazem mais parte da teoria interna do que a LF e PF. A tarefa central do Programa Minimalista é mostrar que o papel da DS e da SS são supérfluos neste programa. O primeiro passo

para as suas eliminações já tinha sido documentado na literatura técnica minimalista, especialmente na sua introdução.

A Faculdade da Linguagem conta com um Sistema Computacional Linguístico que é responsável pela construção de objetos sintáticos a partir de um arranjo de itens disponibilizados em uma Numeração. Sobre os itens da Numeração atuam as operações de Select, Merge, Agree e Move. Spell-Out é o momento da derivação em que se separa a informação relevante a ser enviada a cada uma das interfaces. Esta derivação se dá em dois níveis de representação: a PF e a LF. A operação Select seleciona um item da Numeração a ser introduzido na derivação. Uma vez que a Numeração pode ser constituída de vários elementos, a Select deve se aplicar mais de uma vez e se faz necessária outra operação que combine os itens retirados da Numeração. Essa operação que concatena objetos sintáticos, formando um novo objeto de um determinado tipo é Merge. Tanto Select quanto Merge não apresenta custo operacional, uma vez que constituem operações indispensáveis para que se dê início a uma derivação sintática. Quanto a Agree e Move, sua atuação é deflagrada pela presença de traços denominados não-interpretáveis. A interpretação dos traços é determinada pelas condições de legibilidade. O Princípio da Interpretação Plena determina que as informações disponibilizadas nos níveis de interface sejam legíveis para os sistemas de interface. Nestes níveis, só traços que são legíveis devem estar presentes, enquanto que traços ilegíveis devem ser apagados ainda durante a derivação. Se uma dada derivação satisfaz o Princípio de Interpretação Plena, ela converge, caso contrário, ela fracassa.

Figura 2: Sistema Computacional



A necessidade de condições de economia em derivações e representações, as consequências da Necessidade Conceptual Virtual, e a procura por uma unidade e simetria nas operações e representações são os três pilares do Programa Minimalista.

## 2.2 A FONOLOGIA PROSÓDICA

Nessa segunda perspectiva teórica será abordada a perspectiva da fonologia prosódica, que segundo Nespor e Vogel (1986), é uma teoria de organização do enunciado em unidades fonológicas organizadas em domínios.

Na Fonologia Prosódica a fonologia interage tanto com a sintaxe, quanto com a semântica e a morfologia. O objeto de estudo da Fonologia Prosódica são as categorias prosódicas relevantes, que envolvem domínios mais extensos do que a palavra fonológica, prevendo o estudo de fenômenos de ordem frasal (Phrasal Phonology).

Para Nespor (2010), a maior parte da sua pesquisa recai no interesse da interface sintaxe-prosódica, porque, segundo ela, nós não conseguiríamos entender um ao outro sem a prosódica, ou seja, a comunicação não seria efetiva. Hoje já se sabe que as crianças conseguem diferenciar aspectos da prosódica muito cedo. Ela afirma que a interação sintaxe-prosódica é interessante para a aquisição de primeira língua. Anderson (2005) acrescenta que a criança na infância é sensível à organização fonológica dos enunciados em frases:

There is no doubt that they use this structure as a crucial key to discovering the syntactic organization of sentences and phrases. In order to do this, they must assume that syntactic phrases correspond largely to phonological ones. It seems clear that the prosodic structure is available to the learner before the syntactic form. (ANDERSON, 2005, p. 72)

Kato (2017), no seu artigo sobre os estudos dos sistemas de clíticos no Português Brasileiro, investiga a variação no domínio dos clíticos pelas crianças antes da escolarização. Kato (2017) sustenta a hipótese que a criança, antes da escolarização, só apresenta formas determinadas pela aprendizagem por seleção, enquanto após o início da escolarização, ela passa a apresentar variação de formas adquiridas por seleção e formas aprendidas via instrução através do processo de mixagem, e conclui que a variação na criança começa com o início da escolarização com formas adquiridas em sua gramática nuclear e variantes fornecidas pela escola.

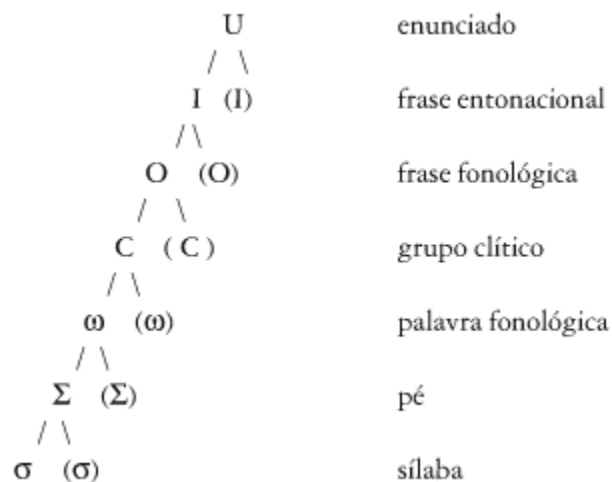
Nas seguintes subseções, serão estudadas as estruturas prosódicas e seus domínios, e as restrições prosódicas que nos ajudará a explicar a colocação dos clíticos.

### 2.2.1 AS ESTRUTURAS PROSÓDICAS

A estrutura prosódica, segundo Selkirk (1984) e Nespor e Vogel (1986) é formada pelos constituintes prosódicos, organizados em uma Hierarquia Prosódica (Prosodic Hierarchy), em que cada domínio está contido no próximo domínio superior: sílabas ( $\sigma$ ) que são organizadas em pés ( $\Sigma$ ), pés que se organizam em palavras fonológicas ou prosódicas ( $\omega$  ou PWd), palavras que se organizam em frases fonológicas ( $\phi$  ou PPh), frases fonológicas que se organizam em frases entonacionais (I), e por último, frases entonacionais que se formam em enunciados (U). Pode-se observar a escala prosódica abaixo, onde Nespor e Vogel (1986) defendem que os constituintes devem ser organizados em estrutura de árvores do tipo X-barra, ficando todos os elementos sob o domínio do mesmo nó.

Figura 3: Escala Prosódica

(1) Escala prosódica



(BISOL, 2004, p. 60)

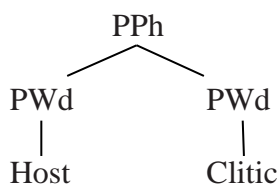
Para Nespor e Vogel (1986) ainda existe entre a frase fonológica e a palavra fonológica o grupo clítico que seria constituído pela palavra prosódica e pelos seus clíticos, quer se encontrem na margem esquerda (próclise), quer estejam na margem direita (ênclise) daquela. Já na proposta de Selkirk (1984) não existe o grupo clítico, porque é comum considerá-lo como um componente da palavra fonológica.

Anderson (2005) afirma que está implícita nessa teoria a suposição de que a organização prosódica é exaustiva e que pode ser constatada na convenção chamada de Interpretação Plena (Full Interpretation): para ser bem formado na Forma Fonética (Phonetic Form - PF), o conteúdo fonético deve ser incorporado à estrutura prosódica.

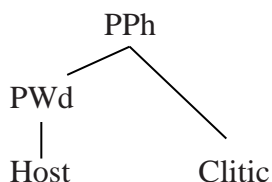
Quanto à estrutura prosódica, a combinação do clítico a uma palavra lexical (host-plus-clitic) dá quatro combinações possíveis (1) resultantes dessa organização:

(1)

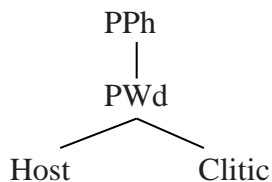
**1. PWord Clitic:**



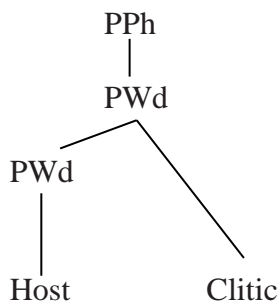
**2. Free Clitic:**



**3. Internal Clitic:**



**4. Affixal Clitic:**



(ANDERSON, 2005, p. 46)

Nessa combinação Selkirk (1995) destaca: em (1) o clítico se comporta como uma palavra prosódica. Em (2) tem-se o clítico livre, em que o clítico está ligado diretamente à frase fonológica. Em (3) ela apresenta o clítico interno, o clítico se integra

a uma palavra prosódica por incorporação. E por último (4) o clítico afixal em que o clítico se une à palavra prosódica vizinha por adjunção.

## 2.2.2 AS RESTRIÇÕES PROSÓDICAS

Os constituintes prosódicos são organizados de forma hierarquizada seguindo a Hipótese do Nível Restrito (The Strict Layer Hypothesis): “um dado constituinte da hierarquia prosódica só pode dominar um constituinte de um nível imediatamente inferior ao seu” (SELKIRK, 1984, p. 34-39).

Anderson (2005) apresenta as restrições responsáveis pela organização das estruturas prosódicas. Tais restrições estão listadas abaixo, em que ‘C’ representa uma categoria prosódica:

1. **Layeredness (Camadas):** Nenhum  $C_i$  domina um  $C_j$ ,  $j > i$ , por exemplo: nenhum pé domina uma palavra prosódica.
2. **Headedness (Núcleo):** Qualquer  $C_i$  diretamente domina um  $C_{i-1}$ , por exemplo: qualquer palavra prosódica domina um pé.
3. **Exaustividade:** Nenhum  $C_i$  domina diretamente um  $C_j$ ,  $j < i - 1$ , por exemplo, nenhuma palavra prosódica domina diretamente uma sílaba.
4. **Não-recursividade:** Nenhum  $C_i$  domina diretamente outro  $C_i$ , por exemplo: nenhuma palavra prosódica domina outra palavra prosódica; estruturas adjungidas não existem.

De acordo com Anderson (2005) para que se mantenha a independência lógica da Não-recursividade, deve haver a reformulação do Headedness para: Qualquer  $C_i$  domina diretamente algum  $C_j$ , onde  $j \geq i - 1$ . E segundo ele, se as condições fossem observadas, haveria apenas dois resultados possíveis da combinação pós-lexical de um clítico fonológico e seu hospedeiro: ou uma palavra prosódica seria construída sobre o clítico e os dois se tornariam parte da mesma frase fonológica, ou então o clítico seria incorporado em um elemento adjacente ao nível acima. Neste caso, seriam os PWord clitics (clíticos prosódicos) e os clíticos internos. Nas línguas que aparecem os clíticos livres, eles violariam a Exaustividade, enquanto em línguas com clíticos afixais, estes violariam a Não-recursividade, e possivelmente a Exaustividade também. Se essas restrições ocorrem em algumas línguas, a teoria deveria ser alterada para que a Hipótese do Nível Restrito não fosse imposta como condição absoluta na estrutura prosódica. Assim, vê-se que alguns princípios da gramática não são absolutos, a ideia básica é que a estrutura de uma gramática compreenda um sistema de restrições ordenadas, mas

violáveis, em vez de um conjunto de regras de reescrita ordenadas. Essa é a ideia central da Teoria da Otimidade (Optimality Theory - OT) que forma a base de várias análises recentes dos fenômenos de cliticização.

### 2.3 A TEORIA DA OTIMIDADE (OT)

A Teoria da Otimidade se desenvolveu a partir da teoria fonológica gerativa. A teoria da Otimidade é sem dúvida a teoria fonológica mais fluente da última década. Chagas de Souza (2017) afirma que enquanto a fonologia gerativa clássica é derivacional e baseada em regras; a Teoria da Otimidade clássica é não derivacional e baseada em restrições.

A Teoria da Otimidade se apoia em uma noção simples: a satisfação de uma restrição pode ser designada para ter prioridade absoluta sobre a satisfação de outra. O meio que uma gramática usa para resolver conflitos é classificar restrições em uma hierarquia restrita de dominação. Cada restrição tem prioridade absoluta sobre todas as restrições mais baixas na hierarquia:

... any well-formed structure within the vocabulary of phonological expressions might be the output corresponding to the given input. Taking that as the starting point, we could assume that the problem is to provide a set of “triage” conditions – the constraints – for sorting out all of these (logically) possible outputs and arriving at the most suitable: the optimal one. (ANDERSON, 2005, p. 50)

Como resultado, as restrições se interagem e se conflitam, tendo uma classificação. A partir dessas classificações é que os parâmetros podem ser reduzidos em cada língua.

Na OT, as restrições ditam que forma é permitida ou proibida. As restrições são de dois tipos: imperativa ou proibitiva.

A imperativa obriga um elemento a aparecer em certa posição, ou de um elemento adotar certa forma. Por exemplo, temos a restrição alinhar à esquerda, em que o clítico deve ser o elemento mais à esquerda em seu domínio.

**Edge Most (e, L/R, D)**, em que **e** é um elemento como um afixo ou clítico, e **L/R** se refere à esquerda ou à direita do domínio (**D**) com que o **e** acompanha. Esse Edge Most refere-se às restrições de alinhamento.

A proibitiva exclui formas que estão em certa posição em um lugar específico, por exemplo:

**Non Initial:** o elemento **e** não deve ser o primeiro elemento dentro do domínio **D**, ou seja, um clítico não deve ser o primeiro elemento no seu domínio.

Essas restrições conflitam entre si, porque se um clítico está na posição à esquerda de um elemento, subentende-se que ele está na posição inicial. Na OT, a restrição **Non Initial** domina a restrição **Left Most** em que o clítico aparece na posição mais afastada da esquerda possível, sem realmente se encontrar no início do seu domínio, ou seja, o clítico aparecerá em segunda posição.

Anderson (2005) chama a atenção para a língua Warlpiri, afirmando que nessa língua um grupo de clíticos aparece em segunda posição dentro da frase, composto de um auxiliar base (possivelmente  $\emptyset$ ) seguido de um ou de vários clíticos. E para demonstrar isso, Anderson (2005) destaca o estudo feito por Hale (1973) que propõe um princípio sobre o lugar do clítico. Quando a base do auxiliar é monossilábica (ou  $\emptyset$ ), o auxiliar segue o primeiro constituinte da frase. Quando a base do auxiliar é bissilábico, o auxiliar pode aparecer no início ou na segunda posição. Vejamos o exemplo abaixo:

(2) a. Wawiri      =ka=rna      purra-mi  
          kangaroo    PresImpf-1sgSbj    cook-NPast  
          I am cooking the kangaroo  
          Eu estou cozinhando o canguru

b. Kapi=rna    wawiri      purra-mi  
          Fut-1sgSbj    kangaroo    cook-NPast  
          I will cook the kangaroo  
          Eu cozinharei o canguru

(ANDERSON, 2005, p. 139)

Segundo Anderson (2005), há línguas que a posição do clítico na posição inicial é possível, porque alguns clíticos especiais que são colocados na posição inicial não são prosodicamente deficientes, mas apesar de se ter clíticos em posição inicial, a preferência é pela segunda posição:

We might, for instance, invoke a preference for the left edge of the syntactic phrase that constitutes the clitic's domain to correspond to the left edge of the prosodic phrase that realizes it. On the theory being developed here, the clitic is not itself a syntactic constituent of its phrasal domain, but rather a phonological marker of some feature(s) associated with the domain. As a result, if the clitic itself appears in phrase-initial position, it will produce a violation of this alignment requirement. (ANDERSON, 2005, p. 141).



## 2.4 COMPETIÇÃO DE GRAMÁTICAS

Kroch (1989, 2001) afirma que o processo da mudança linguística não é um fato da gramática, mas do uso da linguagem, das escolhas que as pessoas fazem entre formas alternativas em seu repertório de conhecimento gramatical na formulação de enunciados. Kroch (1989, 2001) diz que as mudanças linguísticas são processos graduais da variação da frequência de uso de uma construção ou outra, que concluem em substituição de uma das construções, ou dos sistemas em competição.

Once a community becomes diglossic with respect to a given parameter setting, every speaker will learn both settings. The choice of which criterion of well-formedness to apply in the production of a given utterance is one that falls in the domain of performance and so is not an issue for grammatical theory. How learners acquire diglossic competence is, of course, an important issue for language acquisition, but there is no doubt that they do. That members of a community should converge on roughly the same average frequency of use of a set of available variants is not surprising, nor is it surprising that this average frequency should vary over time. (KROCH, 2001, p. 31).

Lightfoot (1999) postula que na existência de dois ou mais sistemas gramaticais, o pesquisador deve mostrar não somente que elas abarcam todas as expressões usadas por um indivíduo, como também se elas são suscetíveis de serem aprendidas pela criança a partir dos dados primários que ela recebe do exterior.

A criança nasce com a capacidade para a aquisição da linguagem. Os estímulos que ela recebe durante os primeiros anos da aquisição da linguagem são finitos, chamados de dados linguísticos primários. As crianças recebem estímulos do ambiente em que ela está inserida (Língua-E) por um tempo, mais ou menos de três a quatro anos de idade, período em que o conhecimento linguístico está formado. A partir daí, ela começa a criar, interagindo com esses dados linguísticos primários formando cada vez mais enunciados inéditos, construindo a sua competência linguística (Língua-I). Tanto Kroch (1989, 2001) como Yang (2000) destacam que quando uma criança aprende uma língua, ela pode construir uma gramática diferente da de seus pais, porque estão interagindo esses dados linguísticos primários com os diferentes ambientes que são expostos:

change occurs between the generations, when children learning a language construct a grammar different from that of their parents (Lightfoot, 1988, 1989) on the basis of altered primary data they are exposed to in the course of acquisition. (KROCH, 1989, p. 3)

One component, long recognized by historical linguists, is a theory of language acquisition by child learners: ultimately, language changes because learners acquire different grammars from their parents. In addition, as children become parents, their linguistic expressions constitute the acquisition evidence for the next generation. (YANG, 2000, p.231)

Para Lightfoot (2006), a mudança linguística ocorre gradualmente através da população, de um lugar para outro, de um grupo para o outro, em que a mudança gramatical também está ligada às mudanças na fala e na linguagem externa.

Pinto (2011) sintetiza como a mudança linguística é explicada no gerativismo: na fixação paramétrica diferente das gerações anteriores durante o processo de aquisição da linguagem, devido a uma mudança no ambiente linguístico que deixa de oferecer pistas (cues) para a fixação de determinado parâmetro. Pinto (2011) ressalta que uma gramática estranha, diferente da gramática da geração anterior é inserida na comunidade e provoca uma alteração de dados.

Aprender como as gramáticas das línguas mudam de um estado para o outro e como essa língua atingiu um determinado estado é importante para compreender os processos graduais da variação da frequência de uso de uma construção ou outra.

Por causa dessa variação linguística no espanhol medieval, conjecturamos que havia mais de um sistema de clíticos, dado a esse contato de línguas, deixando marcas bem características na sintaxe.

## 2.5 CONCLUINDO A SEÇÃO

Neste capítulo, apresentamos uma breve introdução do referencial teórico utilizado nessa dissertação sobre a Gramática Gerativa desenvolvida por Noam Chomsky. Com base nessa teoria, a capacidade de produzir e compreender a linguagem vem dos princípios universais e dos parâmetros particulares. Assim, desde o começo a Gramática Universal mantém ativa os seus princípios, enquanto os seus parâmetros são ativados quando em contato com o ambiente.

Para Fontana (1993), os clíticos sofrem um processo de mudança, de projeções máximas para núcleos, de XP para X°.

Posteriormente falamos da Fonologia Prosódica, porque assumimos que a variação que ocorre com os clíticos é um fenômeno prosódico. A posição que o clítico ocupa na sentença, sintaticamente como clítico de segunda posição, mas enclítico foneticamente em relação ao primeiro constituinte, indica que o efeito é um efeito de natureza fonológica. É de se pensar que os clíticos são um resultado de um processo

diacrônico de cliticização, e veremos isso nos dados históricos dos textos medievais que serão trabalhados.

Em um estudo diacrônico, percebemos que a gramática do espanhol mudou ao longo dos séculos, principalmente na chamada época medieval. As diferentes posições que o clítico ocupava leva a pensar que haveria dois sistemas de clíticos, e conseqüentemente, haveria também duas gramáticas competindo no espanhol antigo.

Pinto, em comunicação pessoal, sugere que há duas gramáticas de clíticos no espanhol medieval: uma gramática de clítico de segunda posição GRAM1: XP (2PCI), em que o clítico é sempre o segundo elemento (enclítico ao verbo ou à conjunção), e outra gramática em que o clítico se adjunge ao verbo e obedece à Lei de Tobler-Mussafia GRAM2: X° (variação entre ênclise e próclise), sendo assim, para Pinto uma única gramática não comportaria ora a ênclise à conjunção, ora a ênclise ao verbo. Pinto (2011) assume a proposta gerativista de que a aquisição da linguagem é o lugar da mudança linguística.

Para Kroch (1989), ao se estudar o processo de mudança que ocorre nas línguas, deve-se ter o conhecimento de que os textos históricos são registros da língua em uso. E Pinto (2011) destaca que o espanhol medieval apresentava um processo de competição de gramáticas que é revelado pela variação entre construções incompatíveis exibidos no texto. Por isso, estudaremos as mudanças na colocação dos clíticos em textos diversos, dos séculos XII ao XV para mostrar que realmente havia gramáticas em competição no espanhol medieval, porque segundo Kroch (2001) textos de mesmo período tendem a ser mais similares do que diferentes nas suas frequências na competição de suas variações.

### 3. O QUE SÃO CLÍTICOS

Riiho (1988) observa que tanto na gramática tradicional, quanto na gramática gerativa, os pronomes pessoais átonos românicos e não-românicos são considerados como clíticos.

Na sintaxe o clítico tem características de palavra, sendo sintaticamente independente, desempenhando um papel sintático no nível do sintagma. Clíticos possuem a forma de afixos, mas também a distribuição de elementos funcionais.

We take as our starting point the idea that, canonically speaking, clitics are like prosodically weak function words in terms of their syntactic distribution but like affixes in terms of the formal properties. Thus, like (canonical) function words, canonical clitics do not show selection of the word classes they are in immediate construction with (in other words, they show promiscuous attachment) and like function words they take wide scope over conjoined phrases. However, like (canonical) affixes they are prosodically dependent, and like affixes they have a form that is less than the minimal, syntactically independent, word form. In effect, then, a canonical clitic is something like a canonical phrasal affix, that is, an element with the distribution of a (function) Word but the form and prosodic properties of an affix. (SPENCER; LUIS, 2012, p. 232-233)

Os clíticos têm sido discutidos dentro da Teoria da Sintaxe Gerativa nos últimos anos, mais precisamente no Programa Minimalista (Chomsky 1995) e várias propostas têm surgido para analisar o processo de cliticização<sup>1</sup> e explicar a variação do seu deslocamento, resultante da interação de duas propriedades: uma morfosintática e a outra morfofonológica. Um dos mais importantes desafios é como tratar o estudo da combinação dos clíticos, delimitando o que pertence à sintaxe, à morfologia, e à fonologia em uma perspectiva gerativista. Uma análise exclusivamente sintática não dá conta de todos os fenômenos que ocorrem com os clíticos.

Há dois aspectos que se tem que levar em conta quando se fala em identificar o status dos clíticos: a) está se falando de uma palavra representada na sintaxe como qualquer outra palavra ou se está lidando com uma palavra cuja sintaxe é especial ou idiossincrática? b) Essa palavra é um clítico ou afixo?

---

<sup>1</sup> Cliticização é o processo pelo qual o clítico forma um único item lexical com a palavra que ele se incorpora chamada de palavra hospedeira (clitic host). Ele pode preceder essa palavra a que ele se anexa (próclise), ou ele pode se incorporar a ela (ênclise), ou até mesmo ele pode se intercalar (mesóclise), neste sentido a cliticização é extremamente fonológico. Não é fácil estudar e definir os diferentes tipos de clíticos que têm surgido ao longo da literatura, mas tentaremos elucidar algumas tipologias acerca dos vários tipos de clíticos.

In other languages, the elements which mark case functions or grammatical functions are clitics. In some descriptions of such languages these are referred to as clitic prepositions/postpositions, while in other descriptions they are referred to as clitic case markers. For our purposes it doesn't greatly matter how we describe them, provided we recognize that their morphological and syntactic behaviour is neither that of fully-fledged words, nor that of bona fide affixes. (SPENCER; LUÍS, 2012, p. 22)

Segundo Anderson (2005), os clíticos não são itens sintáticos, mas sim itens morfológicos e nesta visão ele os considera como afixos frasais. Klavan (1995) afirma que os clíticos são verdadeiros afixos, mas aqueles cujo lugar é definido pela estrutura sintática, os afixos frasais. Muitos afixos são tanto prefixos como sufixos, mas também podem ser infixos. Prefixos devem vir antes do primeiro elemento, os sufixos devem vir depois do último elemento e os infixos devem estar localizados depois do primeiro, ou antes do último (o que é muito raro).

Para Heggie e Ordoñez (2005), os afixos, em alguns casos, são considerados como o ponto final em um processo de gramaticalização, em que temos a redução de uma palavra para um clítico e de um clítico para um afixo. Esse caminho de transição de uma categoria para outra é chamada de CLINE. O processo de gramaticalização de um afixo flexional é o seguinte: item de conteúdo > palavra gramatical > clítico > afixo flexional

Heggie e Ordoñez (2005) mostram com um exemplo de Hopper & Traugott (1993, p.7) sobre *cline* no léxico do Inglês:

- (1) a basket *full* of eggs > a *cupful* of water > *hopeful*  
um cesto cheio de ovos > um copo cheio de água > cheio de esperança

(HEGGIE; ORDOÑEZ, 2005, p. 2)

Nesse processo de gramaticalização, na primeira frase, a palavra *full* é uma palavra dotada de significado completo. Na segunda frase, *full* está anexada à palavra *cup*, sofrendo redução, funcionando como um clítico; e na última frase, *full* também está incorporada à palavra *hope*, mas neste caso *full* está funcionando como um afixo, formando uma nova palavra por sufixação.

No Francês padrão, a terceira pessoa masculina é **il** (2a) e a feminina é **elle** (2b). No Francês não-padrão, temos um exemplo desse processo de gramaticalização

flexional: o clítico sujeito foi neutralizado para a forma masculina e aparece como afixo ligado ao verbo (2c).

- (2) a. Je vois Jean à cote du mur. Il est grand et porte un chapeau.  
Eu vejo João perto do muro. Ele é alto e está usando um chapéu
- b. Je vois Michelle à cote du mur. Elle est grande et porte un chapeau.  
Eu vejo Michelle perto do muro. Ela é alta e está usando um chapéu
- c. *Ma femme* il est venu  
Minha mulher veio

(HEGGIE; ORDONÉZ, 2005, p.2)

Fonologicamente, os artigos são considerados como proclíticos, mas o seu lugar na frase é determinado pela sintaxe. Em Inglês se pode suprimir um artigo em uma frase na oração coordenada:

- (3) The [[boys from Paris] and [girls from Milan]] were present  
Os garotos de Paris e as garotas de Milão estavam presentes.  
(SPENCER; LUÍS, 2012, p. 3)

De acordo com Spencer e Luís (2012), essa omissão não ocorre no Francês (4a), o artigo deve ser repetido na segunda oração coordenada (4b):

- (4) a. \* Les garçons de Paris et filles de Milan étaient présents  
Os garotos de Paris e garotas de Milão estavam presentes
- b. Les garçons de Paris et les filles de Milan étaient présents  
Os garotos de Paris e as garotas de Milão estavam presentes

(SPENCER; LUÍS, 2012, p. 4)

No exemplo (4b), esse tipo de comportamento não é característico nem de palavra funcional, nem de clítico, e sim de afixo.

A principal dificuldade é distinguir clíticos dos afixos (em especial afixo flexional), e clíticos de palavras funcionais.

Na próxima seção, analisaremos as propriedades de Zwicky (1977) e os critérios utilizados por Zwicky e Pullum (1983) para mostrar as diferenças entre clítico e afixo.

### 3.1 CLÍTICOS: AFIXOS OU PALAVRAS FUNCIONAIS

Zwicky (1977) e Anderson (2005) identificaram que, nas línguas, alguns itens parecem ser palavras independentes ou afixos. Eles diferenciaram uma palavra de um afixo e propôs algumas propriedades para facilitar essa distinção:

#### 1. **Ordering (ordem):**

Para Zwicky (1977), as ordens alternativas dos morfemas dentro de uma palavra estão associadas a diferenças no significado cognitivo. Segundo Anderson (2005), a ordem de afixação na palavra é bastante rígida, enquanto a ordem das palavras dentro da frase pode variar.

#### 2. **Internal Sandhi:**

Para Zwicky (1977), ela se aplica somente às palavras, nunca através das fronteiras entre duas palavras. Além disso, Anderson (2005, p.09) acrescenta que a distinção entre sandhi interno e sandhi externo remonta aos antigos gramáticos sânscritos. O sandhi interno significa alteração de sons nas extremidades dos morfemas; o sandhi externo significa mudança de sons encontrados nas extremidades das palavras, como exemplo se tem o processo chamado de *liaison*. Resumindo, atualmente o sandhi interno e o sandhi externo correspondem à diferença entre a fonologia lexical e pós-lexical.

#### 3. **Binding (vinculação)**

Para Zwicky (1977), os *bound morphemes*<sup>2</sup> (morfemas vinculados) são afixos.

Segundo Anderson (2005), na vinculação, alguns itens morfológicos podem aparecer sozinhos ou combinados, e os morfemas vinculados são afixos, enquanto as palavras são livres.

#### 4. **Construction with affix (construção com afixo):**

Zwicky (1977) destaca que se um elemento estiver em construção com um afixo, ou é uma base ou outro afixo. De acordo com Anderson (2005), Zwicky (1977) usa esse critério para sustentar a alegação de que um elemento na língua madurese que ocorre

---

<sup>2</sup> bound morphemes: is a grammatical unit that never occurs by itself, but always attached to some other morpheme. (<https://glossary.sil.org/term/bound-morpheme>)

entre dois afixos identificáveis cuja base pode ser estabelecida independentemente, devem ser eles mesmos um afixo.

#### 5. Rule imunity (imunidade a regras):

Zwicky (1977) afirma que as regras sintáticas não afetam os afixos, uma vez que estas regras fazem parte das palavras. Para Anderson (2005), esse critério é baseado em fortes suposições lexicalistas sobre a relação entre morfologia e sintaxe.

#### 6. Accent (acento):

Anderson (2005), parafraseando Zwicky (1977), destaca que elementos que não toleram acento são considerados como afixos.

Há elementos que não se encaixam na categoria de palavras, nem como afixos, de acordo com as seis propriedades acima mencionadas. Na literatura esses itens são chamados de clíticos. Zwicky e Pullum (1983) diferenciaram os clíticos dos afixos levando-se em conta a redução das formas verbais **to have** ('ve, 's) e **to be** ('s) e a forma reduzida da palavra negativa **not** (n't) no Inglês. Os critérios propostos foram:

- Os clíticos podem exibir um baixo grau de seleção no que diz respeito aos seus hospedeiros, enquanto os afixos mostram um alto grau de seleção no que diz respeito aos seus radicais. Os clíticos são mais restritos à sua distribuição.
- Intervalos arbitrários no jogo de combinações são características mais de palavras afixadas do que de grupos clíticos.
- Idiossincrasias morfofonológicas são mais características de palavras afixadas do que de grupos clíticos.
- Idiossincrasias semânticas são mais características de palavras afixadas, do que de grupos clíticos.
- As regras sintáticas podem afetar palavras afixadas, mas não podem afetar grupos clíticos.
- Os clíticos podem se ligar a um material que já contém clíticos, mas os afixos não podem.

Heggie e Ordoñez (2005) analisaram alguns critérios de Zwicky e Pullum (1983). Eles observaram que esses critérios ocorrem em algumas línguas, não sendo



tidos como critérios universais. Quando Zwicky e Pullum (1983) destacam que os clíticos podem se ligar a um material que já contém clíticos, mas afixos não podem, o que dizer em relação aos clíticos que se adjungem ou se incorporam aos verbos nas línguas românicas? Há dois casos em que os elementos são considerados como afixos e se ligam a um material contendo um clítico. Eles destacam os estudos feitos por Harri (1995) sobre o verbo de terceira pessoa do plural em Espanhol Caribenho (-n), (5a-b); e os estudos feitos por Cunha e Cintra (1994) sobre o futuro do presente (-ei) no Português Brasileiro (5c), em ambos os casos o afixo pode se conectar com o clítico.

(5) a. Váya-n -se **-n**/ váya -se **-n**  
 go/ 3pp-clitic-3pp / go -refl-3pp  
 Vão-se

b. De -le **-n** un libro  
 Dê-lhe um livro

c. Calar -me **-ei** / Eu me calar-**ei**  
 Eu me calarei

(HEGGIE; ORDOÑEZ, 2005, p. 3)

Outro ponto problemático que Heggie e Ordoñez (2005) destacam é o critério que diz que as regras sintáticas podem afetar palavras sintáticas, mas não podem afetar grupos clíticos. É claro que as regras sintáticas podem afetar a colocação clítica. Por exemplo, a subida de clítico é sensível à ilha das interrogativas “-qu” em Espanhol, porque o clítico pode passar por um complementizador declarativo, mas não pode passar por um complementizador interrogativo.

(6) a. *Tengo que comprar***lo**/ **Lo** *tengo que comprar*  
 Eu tenho que comprar-lo

b. *No sé si comprar*-**lo**/ \**No* **lo** *sé si comprar*  
 Eu não sei se o compro

(HEGGIE; ORDOÑEZ, 2005, p. 4)

Por último, não necessariamente os intervalos arbitrários no jogo de combinações são características mais de palavras afixadas. Os clíticos também podem mostrar intervalos nos paradigmas. Como exemplo, Heggie e Ordoñez (2005) destacam que o Francês padrão não tem o clítico **me** na posição pós-verbal. Neste caso usa-se a forma **moi**. Interessante que isso já não ocorre com o clítico de terceira pessoa **le**. Concluindo, esse fenômeno não se deve ao fato somente ao padrão acentuado do sistema francês.

(7) a. \*Regarde-**me**/ Regarde-**moi**  
Olhe para mim.

b. Regarde-**le**  
Olhe para mim.

(HEGGIE; ORDOÑEZ, 2005, p 5)

Todos esses casos que vimos anteriormente tornam difíceis estabelecer critérios de diferenciação entre clíticos e afixos. Spencer e Luís (2012) preferem deixar os clíticos como itens que podem tanto funcionar como afixos ou como palavras funcionais.

Spencer e Luís (2012) e Anderson (2005) sintetizaram as propriedades dos clíticos<sup>3</sup> para distingui-los entre palavras ou afixos e chegaram à conclusão de que:

### **Os Clíticos:**

1. São categorias funcionais
2. São geralmente desacentuados
3. Precisam de um hospedeiro para se adjungir
4. Têm pouca seletividade em relação ao seu hospedeiro
5. Aparecem em um grupo rigidamente ordenado
6. Frequentemente tem uma sintaxe diferente da palavra que eles se adjungem
7. Pronominais costumam servir como argumento do verbo, mas em algumas línguas os clíticos podem ser duplicados por frases substantivas completas, dando a aparência de concordância sujeito-verbo ou objeto-verbo.
8. podem ser anexados a materiais que já contenham clíticos

---

<sup>3</sup> Tradução minha das propriedades dos clíticos e dos afixos.

**Já os Afixos:**

1. Têm um alto nível de seletividade
2. São mais propensas a ter lacunas acidentais ou paradigmáticas do que as combinações hospedeiro+ clítico
3. Têm maior probabilidade de ter formas idiossincráticas do que as combinações hospedeiro + clítico
4. Têm maior probabilidade de ter semântica idiossincrática do que as combinações hospedeiro + clítico
5. Podem ser afetados por regras sintáticas, enquanto isso não acontece com os grupos de hospedeiro + clítico
6. Não podem ser anexados a material que já contenha clíticos

Uma das características que diferem os clíticos dos afixos é que alguns clíticos não selecionam a palavra hospedeira a qual eles se conectam (no caso das línguas servo/croata e o alemão), outros já precisam se conectar a um verbo auxiliar ou verbo lexical (línguas românicas).

There are important respects in which the clitic pronouns surveyed above differ from affixes. A feature of the Serbian/Croatian and German clitics is that they don't select the class of the base they attach to, and can thus take words of any category as their host (that is, they show promiscuous attachment). Romance clitic pronouns are different in this respect, in that they have to attach to a verb form, whether an auxiliary verb or a lexical verb. This is a characteristic of a number of clitic pronoun systems. Such systems are in some ways intermediate between true clitic systems and true affix system. (SPENCER; LUIS, 2012, p. 30)

Por causa da ausência de acento, o clítico se aproxima dos afixos. Mas, pelo clítico ter uma natureza fonológica fraca, isso explica a tendência que ele manifesta em se apoiar no constituinte acentuado à sua direita (ênclise) ou à sua esquerda (próclise), permitindo-lhe uma mobilidade na frase.

A clitic which attaches to the right edge of its host, like a suffix, is called an enclitic. A clitic which attaches to the left edge of its host is called a proclitic. (There are also endoclitics which attach inside their host, in the manner of an infix, though these are much rarer). (SPENCER; LUÍS, 2012, p. 01)

Algumas línguas têm diferentes flexões no verbo, dependendo de se é uma frase assertiva ou uma frase interrogativa. Essas categorias são frequentemente realizadas por

clíticos. Os auxiliares em Inglês são considerados como clíticos, porque não é normal um afixo de tempo, modo ou aspecto se anexar a um nome, o que não é impossível:

- (8) a. Harriet is reading/ Harriet's Reading  
Harriet está lendo
- b. Dick has left/ Dick's left  
Dick deixou
- c. The kids have been warned/ The kids've been warned  
As crianças foram avisadas
- d. Sue would have complained/ Sue'd have complained  
Sue teria reclamado
- e. Tom will have been looking for Harriet/ Tom'll have been looking for Harriet  
Tom estará procurando Harriet

(SPENCER; LUIS, 2012, p.15)

Nestes exemplos, observamos os verbos auxiliares tanto em sua forma completa, como em sua forma reduzida fonologicamente. Segundo Anderson (2005) a questão é: a substituição da forma reduzida pela forma completa não é livre. Em alguns casos, somente a forma completa pode aparecer, como no exemplo abaixo, em que, no final da frase, somente a forma completa pode aparecer, nunca a reduzida.

- (9) a. Do you know what Freddie is/\*'s (this year for Halloween)?  
Você sabe o que vai ser Freddie este ano no Dia das bruxas?
- b. Tommy has been a werewolf more often than Freddie has/\*'s (at Halloween).  
Tommy tem sido mais frequentemente um lobisomem do que Freddie (no Dia das bruxas).

(ANDERSON, 2005, p. 25)

A restrição de se utilizar a forma completa em vez da reduzida não tem relação com a fonologia, mas está associada à sintaxe.

Os verdadeiros afixos são muito seletivos em relação a qual palavra eles se incorporam: os afixos de tempo e número só se afixam a verbos (10a), enquanto que os afixos de gênero se afixam a elementos nominais (10b).

- (10) a. Está-**ba-mos** muy contentos paseando por la calle del Príncipe.  
Estávamos muito contentes passeando pela rua do Príncipe.
- b. La act-**riz** se puso a actuar en el plató de la gran ciudad madrileña.  
A atriz se pôs a atuar no palco da grande cidade madrilenha.

Os clíticos têm pouca seletividade em relação ao seu hospedeiro. Na linguística moderna essa promiscuidade dos clíticos é o que os diferem dos afixos. Isso se verifica nos exemplos abaixo, em que o verbo auxiliar está anexado a diferentes palavras como um advérbio (11a), uma preposição (11b), um pronome (11c), um verbo (11d) e um adjetivo (11e), respectivamente:

- (11) a. The girl over there's Reading  
A menina ali está lendo
- b. The guy you were talking to's already left  
O cara com quem você estava conversando já foi embora
- c. The girl nearest him'd have complained  
A garota mais próxima dele teria reclamado
- d. The man who phoned'll have been looking for Harriet  
O homem que telefonou, estará procurando por Harriet
- e. The kids responsible've been singing  
As crianças responsáveis têm cantado

(SPENCER; LUIS, 2012, p. 15)

O Inglês não é a única língua a ter auxiliares clíticos. A língua Servo/Croata também tem uma forma reduzida (**su**) e uma forma completa (**jesu**) do verbo ser.

- (12) a. Devojke su u sadu  
As garotas estão no jardim
- b. Devojke JESU u sadu  
As garotas estão no jardim

(SPENCER; LUIS, 2012 p.16)

No espanhol moderno os auxiliares do verbo não têm forma reduzida e consequentemente não são considerados clíticos, nem afixos.

- (13) a. La niña está hablando con su amiga  
A menina está falando com sua amiga
- b. Yo He estudiado mucho estos días  
Eu tenho estudado muito estes dias

No português do Brasil, a forma reduzida do verbo *estar* quando funciona como auxiliar do verbo principal também não é considerado clítico, nem afixo, vejamos o exemplo abaixo:

- (14) A menina **tá** falando com sua amiga.

A partir da exposição acima, podemos observar que os pontos estudados são observações feitas sobre o comportamento dos clíticos e dos afixos. Na próxima seção, estudaremos a funcionalidade dos clíticos e utilizaremos os critérios de Zwicky (1977) para explicar a funcionalidade dos clíticos no espanhol medieval.

### 3.2 A FUNCIONALIDADE DOS CLÍTICOS

Como foi visto anteriormente, analisamos algumas categorias de Zwicky (1977) em algumas línguas para mostrar que essas regras não são universais. Agora vejamos a funcionalidade dos clíticos, analisando esses critérios, em relação ao espanhol medieval.

#### 3.2.1 OS CRITÉRIOS DE ZWICKY E PULLUM NO ESPANHOL MEDIEVAL

Nesta seção, analisaremos a funcionalidade dos clíticos no espanhol medieval à luz dos critérios de Zwicky e Pullum (1983).

O primeiro critério diz que os clíticos podem exibir um baixo grau de seleção em relação a seu anfitrião, enquanto os afixos exibem um alto grau de seleção em relação ao seu pé, sendo os clíticos mais restritos à sua distribuição. Como veremos a seguir, independentemente da sua posição, o clítico podia estar preso ao verbo, como também, podia estar preso a outros elementos.

No espanhol medieval, o clítico podia estar anteposto ou posposto ao verbo, mas a sua posição básica era a de ênclise, porque o clítico era impedido de aparecer em

posição inicial absoluta, sendo regido pela lei de Tobler-Mussafia (TM)<sup>4</sup>. Assim a sintaxe é sensível à lei de colocação do clítico em posição inicial absoluta.

- (15) respondil don Pelayo en guisa. et dixol  
 respondeu- lhe don Pelayo de tal maneira e disse-lhe

(FONTANA, 1996, p. 41)

Em orações em que o verbo não é um elemento não clítico na sequência de constituintes, o clítico não podia preceder o verbo. O verbo precedia o primeiro constituinte para preencher um requerimento essencialmente fonológico.

- (16) a. estol dixo su madre rebeca  
 isto lhe disse sua mãe Rebeca

- b. os<sup>5</sup> prometo que oy en este dia...  
 eu te prometo que hoje neste dia...

(FONTANA, 1993, p.42)

No espanhol medieval, os clíticos na posição pré-verbal poderiam não estar necessariamente adjacentes ao verbo, permitindo a intercalação de constituintes entre o clítico e o verbo, fenômeno este conhecido como interpolação.

- (17) pero que            =lo non            fallamos    en toda la estoria  
 mas que            o não            encontramos-3<sup>a</sup>-pl    em toda a história

(FONTANA, 1993, p. 20)

<sup>4</sup> Segundo a lei de Tobler-Mussafia (TM), não se podia ter o clítico em posição inicial absoluta.

<sup>5</sup> Segundo Eberenz (2000), a partir da segunda metade do século XV, a forma *vos* vai sendo suplantada pela forma *os*. Eberenz (2000) a partir de uma investigação detalhada de Garcia et al (1990, p.101-125) emergem os fatos essenciais do assunto: desde a origem da língua, *os* aparece esporadicamente como variante formal de *vos*, respondendo à lei do menor esforço fonatório. E continuando a sua explicação a cerca do fenômeno, Eberenz (2000) complementa que nas últimas décadas do século XV, *os* invade os textos de modo massivo, convertendo-se na forma do pronome átono.

De hecho, un cambio tan brusco sólo puede explicarse como transposición al lenguaje escrito de un fenómeno ya ampliamente difundido en la comunicación oral. No sabemos cuándo se generalizó la nueva forma en la lengua hablada. (EBERENZ, 2000, p. 210).

Carlos Felipe Pinto, em comunicação pessoal, levanta a hipótese que além do clítico estar anexado ao pronome sujeito à esquerda (*yo*), ele pode ser também uma questão meramente fonológica, podendo haver uma contração, pois a vogal final do pronome sujeito é *o* e a vogal que inicia o clítico é *o* também, fato comum no espanhol atual, em que claramente o clítico é proclítico ao verbo.

No espanhol medieval com o fenômeno da interpolação, o clítico era fonologicamente ligado ao verbo ou ao constituinte que ele se apoiasse, e não sintaticamente ligado ao verbo como é agora no espanhol atual.

No primeiro critério de Zwick e Pullum (1983), em minha opinião, o clítico é considerado como um afixo, porque ele se adjunge ou se incorpora à palavra que ele se conecta.

O segundo critério afirma que os intervalos arbitrários no jogo de combinações são características mais de afixos do que de grupos clíticos. No espanhol medieval, o sistema de clíticos se dava como na tabela abaixo:

**Tabela 1:** Sistema de clíticos no espanhol medieval

Pessoa/ Número	Acusativo	Dativo	Reflexivo
1ª p. sing.	Me	Me	Me
2ª p. sing.	te	Te	Te
3ª p. sing.	lo (masc.) / la (fem.)	le / ge	Se
1ª p. pl.	nos	Nos	Nos
2ª p. pl.	Vos	Os	Os
3ª p. pl.	los (masc.) / las (fem.)	les/ge	Ge

A estrutura desse sistema se baseia em duas características: a função e o gênero dos clíticos. Na função tem-se os clíticos manifestando caso acusativo (objeto direto) e dativo (objeto indireto). No gênero têm-se o clítico masculino e feminino. A primeira e a segunda pessoas não exprimem variações de caso, gênero ou reflexão.

Em uma frase, a ordem dos clíticos no espanhol não se dá de forma livre, nem todos os clíticos podem combinar-se entre si. Sabe-se que, primeiramente, aparece o objeto indireto (caso dativo) seguido do objeto direto (caso acusativo). Segundo Heggie e Ordoñez (2005), há uma lacuna na combinação da terceira pessoa acusativa e dativa. Em vez de se encontrar uma terceira pessoa dativa (le/ les), esta é alternada para **se**, porque o **se** é o único clítico que não é especificado para pessoa ou caso. Sabemos que no espanhol medieval o clítico utilizado era o **ge** que depois passou para **se**. Segundo Eberenz (2000), isso ocorreu devido a uma alternância entre os morfemas /ž / e /s/ e também pela existência do **se** reflexivo.



- (18) Vio que santi spiritus **ge lo** mostro aquello que ella fablo (SME, fol. 77r)  
 Vio que o santo Espírito o mostrou àquele que ela falou

Muitos linguistas afirmam que casos como estes não podem ser explicados via sintaxe, mas através de uma análise morfológica. Essa ordem interna rígida da combinação dos clíticos nos leva a afirmar o status de afixo dos clíticos. Segundo Anderson (2005) os clíticos se comportam como afixos, e a única diferença entre eles é que os clíticos são unidos a frases sintáticas, enquanto afixos são anexados a palavras.

Em relação ao terceiro critério: idiossincrasias morfofonológicas são mais características de palavras afixadas do que de grupos clíticos. No espanhol antigo, tem-se a terceira pessoa do singular dativo (*le*) que, no caso de ênclise ao verbo, há o apagamento da vogal em (19a), não ocorrendo tal caso quando se tem a terceira pessoa do plural dativo (*les*), como no exemplo (19b), e o acusativo masculino singular e plural (*lo/los*), como no exemplo (19c), e o acusativo feminino singular/plural (*la/las*), como no exemplo (19d).

#### General Estoria I (GE)

- (19) a. Et fazie<n>do**l** asu ymage<n> & asu semeia<n>ça.  
 E fazendo-lhe a sua imagem e a sua semelhança  
 (fol 1v)
- b. del parayso dio**les** unas pellizas fechas de pelleias  
 do paraíso deu-lhes umas roupas feitas de pele  
 (fol.2v)
- c. departio**lo** & fizolo todo  
 despediu-lhe e o fez todo  
 (fol. 1r)
- d. que semeiasse uaca & fizola muy hermosa  
 que semeasse vaca e a fez muito formosa  
 (fol. 70v)

Na quarta categoria, idiossincrasias semânticas são mais características de palavras afixadas, do que de grupos clíticos. Os pronomes fortes e fracos são semanticamente equivalentes. Segundo Pountain (2001), no exemplo (20) tem-se o fenômeno do deslocamento à esquerda do objeto direto (*las sus fijas*) e a presença do pronome objeto correferencial (*las*), esse deslocamento é possível graças ao uso do

marcador diferencial do objeto **a** (chamado de ‘*personal a*’ em espanhol), este permite uma movimentação livre da ordem das palavras SVO para OSV.

- (20) A **las** sus fijas | enbraco las prendía (Cantar de Mio Cid)  
A as suas filhas| em braço as prendia

(POUNTAIN, 2001, p.60)

Sobre o quinto critério, as regras sintáticas podem afetar palavras afixadas, mas não podem afetar grupos clíticos. Se o clítico é um afixo, então ele e o verbo devem operar como uma palavra sintática, sendo afetado por uma operação sintática. Zwicky e Pullum (1983) afirmam que palavras flexionadas, verbos, adjetivos, e advérbios são frequentemente tratados como unidades pelas operações sintáticas.

“Indeed, given the wide variety of hosts to which these clitics attach, it is hard to imagine what such an operation would be like. But inflected nouns, verbs, adjectives, and adverbs are of course regularly treated as units by syntactic operations”. (ZWICKY; PULLUM, 1983, p.506).

No espanhol antigo, os clíticos não apareciam em posição inicial (21a), seguindo a Lei de Tobler – Mussafia (TM). Isso incluía não só posição inicial absoluta, como também a ênclise em orações matrizes introduzida pela conjunção coordenada aditiva (21b) e com alguns advérbios (21c):

- (21) a. respondil don Pelayo en guisa. et dixol  
respondeu lhe don Pelayo dessa maneira, e disse lhe

(FONTANA, 1996, p.41)

- b. & fizo **lo** traer preso  
E fez o trazer preso

(FONTANA, 1993, p.141)

- c. Demas digouos que si yo...  
De mais digo-vos que se eu...

(PCG, p. 397:18/ ELVIRA, 1987, p.70)

No sexto e último critério, os clíticos podem se ligar a um material que já contém clíticos, mas os afixos não podem. No espanhol medieval, segundo Lapesa

(1981), Fontana (1993) e Pharies (2006), além da próclise e ênclise, existia também a mesóclise em verbos no Futuro Simples e no Condicional que foram encontrados no texto de Alfonso X e no Poema de Mio Cid (século XIII). Neste caso, o clítico se adjunge ou se incorpora ao verbo, e os elementos são considerados como afixos e se ligam a um material contendo um clítico.

(22) a. Seeruos am perdonados uuestros pecados  
Ser vos ao perdoados vossos pecados

b. Vengar no emos dellos del mal que nos na fecho  
Vengar no emos deles do mal que nos há feito

(PHARIES, 2006, p. 125)

Ao longo dessa seção estudamos os critérios de Zwicky (1977) aplicados nos clíticos do espanhol medieval e pudemos observar que, na maioria dos casos o clítico funciona como um verdadeiro afixo.

### 3.3 A TIPOLOGIA DOS CLÍTICOS

Nesta seção, faremos uma abordagem sobre a tipologia dos clíticos e destacaremos três estudos importantes na categorização do sistema de clíticos. Segundo Waner (1987), os clíticos não são puramente morfológicos, sintáticos ou fonológicos. Os clíticos têm várias tipologias, dependendo do traço comportamental que será estudado. Os clíticos são compostos por uma série de parâmetros que interagem entre si, formando vários sistemas de clíticos.

#### 3.3.1 A TIPOLOGIA DE ZWICKY

Zwicky (1977) estudou os clíticos em relação a sua propriedade distributiva e sua relação com a sua forma. Zwicky (1977) formulou uma tipologia do clítico e identificou três variações de clíticos:

1. **Special Clitics:** são caracterizados como elementos não-acentuados, variantes de formas livres e que têm uma sintaxe especial: segunda posição, imediatamente seguindo a primeira palavra de uma frase ou oração. Anderson (2005) prefere a denominação de

clítico morfosintático<sup>6</sup>. No Francês, o clítico com função de objeto direto vem antes do verbo (23b), apesar do Francês ser uma língua SVO (23a).

- (23) a. Je vois Jean  
Eu vi Jean  
\* Je Jean vois

- b. Je **le** vois  
Eu o vi  
\* Je vois le/lui

(ZWICKY, 1977, p. 4-5)

Mas o clítico com função de objeto direto se comporta como afixo por causa da regra de Imunidade em (24c).

- (24) a. Je connais Jean et je crains Jean  
Eu conheço Jean e tenho medo de Jean

- b. Je connais et crains Jean  
Eu conheço e tenho medo de Jean

- c. Je **le** connais et je **le** crains  
Eu o conheço e eu tenho medo dele  
\*Je **le** connais et crains

(ZWICKY, 1977, p.5)

A ordem do espanhol atual em uma frase afirmativa é SVO, mas quando se usa os clíticos, eles vêm geralmente antes do verbo. Assim, a ordem passa a ser SOV, onde O corresponde a CL.

- (25) a. María **lo** compró  
Maria o comprou

- b. María compró un libro con poemas  
Maria comprou um livro com poemas

(SPENCER; LUIS, 2012, p. 42-43)

---

<sup>6</sup> Morphosyntactic Clitic: a linguistic element whose position with respect to the other elements of the phrase or clause follows a distinct set of principles, separate from those of the independently motivated syntax of free elements in the language. (ANDERSON, 2005, p. 31)

2. **Simple Clitics:** são variações não-acentuadas de morfemas livres que podem ser reduzidas morfológicamente e subordinadas a uma palavra vizinha. Em relação à sua sintaxe, eles aparecem na mesma posição que pode ser ocupada por uma palavra livre. Corresponde a uma palavra funcional fraca, que deve se adjungir fonologicamente a uma palavra adjacente.

a free morpheme, when unaccented, may be phonologically reduced, the resultant form being phonologically subordinate to a neighbouring word. (ZWICKY, 1977, p. 5)

Além da sua fonologia fraca, uma das propriedades mais importantes dos clíticos simples é a sua sintaxe que é regular. Anderson (2005) prefere a denominação de clítico fonológico<sup>7</sup>.

(26) a. She's gone = She is/has gone.  
Ela se foi

b. They've all seen this movie before = They have all seen this movie before.  
Todos eles tinham visto esse filme antes

(ZWICKY; PULLUM, 1983, p.503)

Também pronomes especiais e preposições são frequentemente considerados como clíticos simples.

(27) a. She met **him**  
Full form: [mEt hIm]  
Clitic form: [mEtIm]  
Ela o encontrou

(SPENCER; LUIS, 2012, p. 5)

b. Mary looked at **me**  
Full form: [at]  
Clitic form: [ət]  
Maria me olhou

(SPENCER; LUIS, 2012, p.42)

---

<sup>7</sup> Phonological Clitic: a linguistic element whose phonological form is deficient in that it lacks prosodic structure at the level of the (Prosodic) Word. (ANDERSON, 2005, p. 23)

No Alemão, os clíticos pertencem ao grupo dos clíticos simples.

(28) a. Er hat es gewusst  
Ela sabe disso

b. Er hat's gewusst  
Ele sabia disso

(29) a. Ich habe ihn gesehen  
Eu o tenho visto

b. Ich hab'n gesehen  
Eu o tenho visto

(SPENCER; LUIS, 2012, p. 27)

3. **Bound Words:** são elementos sempre não-acentuados e fonologicamente subordinados a uma palavra vizinha. Em relação a sua sintaxe, ele está sempre associado a uma frase inteira e fonologicamente associado a uma palavra simples ou adjacente a ela. O “que” da língua latina é uma conjunção que pode estar associada semanticamente a uma palavra, a uma frase, a uma oração, embora ela esteja anexada à primeira palavra:

(30) duāsque ibi legionēs cōnscrībit  
E (ele) inscreve duas legiões lá  
(De Bello Gallico, cited by Hale and Buck (1966: sec. 307))

(ZWICKY, 1977, p.6)

Os clíticos na língua Tagalo são partículas adverbiais que semanticamente estão associadas a toda a frase. Por exemplo, a partícula “ba” está anexada depois da primeira palavra da sentença:

(31) a. Nakita ba ni Juan si Maria ngayon?  
Viu o tópico do agente hoje?

b. Ngayon ba nakita ni Juan si Maria?  
Juan viu Maria hoje?

- c. Hindi ba nakita ni Juan si Maria?  
 Juan não viu Maria hoje?  
 (examples adapted from Schachter (1974))

(ZWICKY, 1977, p. 7)

Outro exemplo de ‘bound words’, segundo Zwicky (1977), é o possessivo ‘s em Inglês. O morfema ‘s é associado semanticamente a uma palavra e fonologicamente associado à última palavra da frase.

- (32) a. Germany’s defenses  
 As defesas da Alemanha
- b. The Queen of England’s hat  
 O chapéu da rainha da Inglaterra
- c. The woman I talked to’s arguments  
 A mulher com quem conversei argumenta
- d. The woman I interviewed’s arguments (o morfema segue o sufixo inflexional)  
 Os argumentos da mulher que entrevistei

(ZWICKY, 1977, p.7)

Podemos observar que a distinção dos clíticos em Zwicky (1977) é feita entre a sua sintaxe e a sua distribuição com as formas completas.

(33) Zwicky’s original typology of clitics

	full form	simple syntax
Simple clitic	yes	yes
Special clitic	yes	no
bound word	no	no

(SPENCER; LUIS, 2012, p. 43)

Concluimos que os clíticos simples podem aparecer em algumas posições ocupadas pela sua forma completa, enquanto os clíticos especiais nunca o podem; e que os clíticos simples devem o seu status à sua fraqueza fonológica, enquanto que os clíticos especiais o devem à sua sintaxe, não sendo prosodicamente fracos. Atualmente,

os *bound words* desapareceram como uma categoria independente (até Zwicky em seus trabalhos posteriores – Zwicky e Pullum, 1983- os abandonaram) e os clíticos simples têm destaque reduzido. Portanto, o principal interesse de estudos atualmente na literatura reside nos clíticos especiais, e que a partir de agora somente serão chamados de clíticos.

Os clíticos no espanhol medieval são considerados como clíticos especiais, porque, fonologicamente, eles estão anexados a um item lexical, funcionando como verdadeiros afixos; e, sintaticamente, eles têm uma sintaxe especial: “Special clitics are characterized as unaccented bound forms that are variants of free forms (similar, that is, in sound and meaning to some non-clitic word); and which display “special” syntax” (ANDERSON, 2005, p. 10).

### 3.3.2 A TIPOLOGIA DE KLAVANS

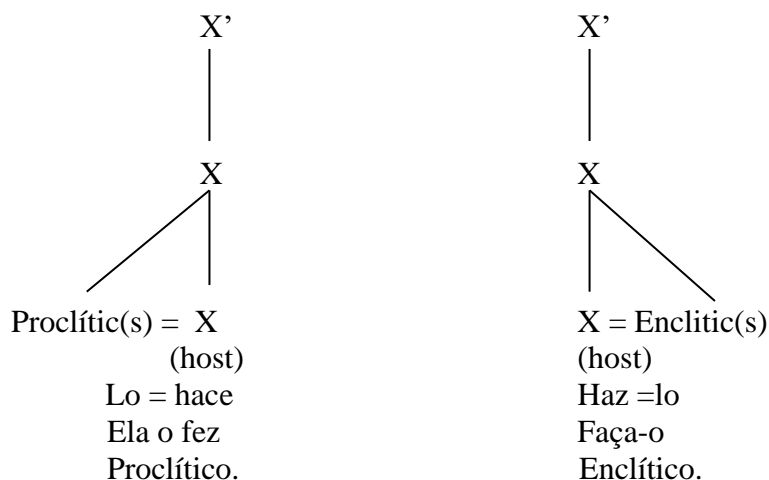
Klavans (1985) diferencia as propriedades sintáticas dos clíticos de suas propriedades fonológicas. Ela tenta explicar onde os clíticos se ligam e se relacionam com o item lexical que eles se adjungem ou se incorporam. Para ela, os clíticos são unidades morfológicas com características sintáticas e fonológicas que constituem os parâmetros da cliticização.

Quando um clítico está conectado com seu hospedeiro, ele está sintática e fonologicamente ligado a este hospedeiro.

...one might assume that a clitic which occurs before a particular phrase must be phonologically PROCLITIC-and conversely, that a clitic occurring after a particular phrase must be phonologically ENCLITIC (KLAVANS, 1985, p. 96)



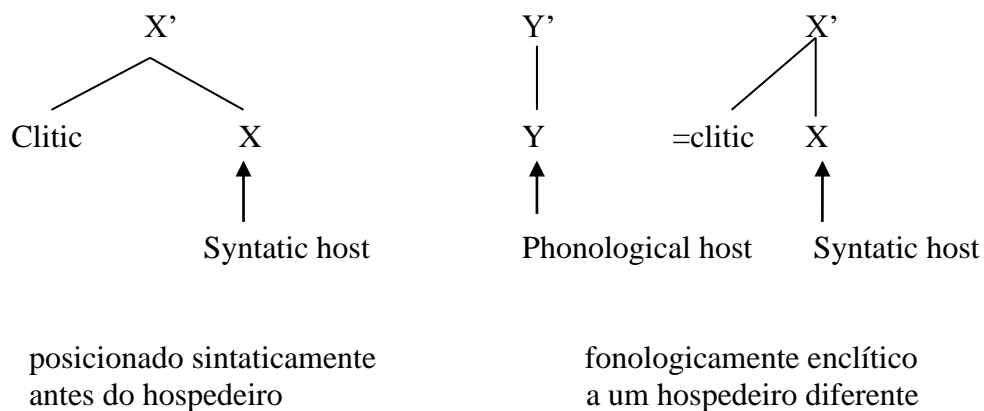
## (34) Árvores com o clítico em Espanhol



(KLAVANS, 1985, p. 97)

Para Klavans (1985), as árvores abaixo (35) estão incorretas, porque só mostram o clítico em seu posicionamento sintático, sem levar em conta a sua conexão fonológica com o seu hospedeiro.

## (35)



(KLAVANS, 1985, p.97)

De acordo com Klavans (1985), um clítico pode estar associado a um constituinte sintaticamente, mas não precisa ser fonologicamente cliticizado a esse mesmo constituinte.

A sintaxe de qualquer clítico está caracterizada pelo domínio (dominance) em que ele está localizado CP/IP, DP/NP, XP (ANDERSON, 2005, p.79). Anderson (2005)



Três desses quatro tipos são muito encontrados nas línguas naturais: clítico inicial, por exemplo, temos os determinantes na língua Kwakw'ala<sup>9</sup> (37a), clíticos de segunda posição que iremos analisar a posteriori; e por último os clíticos em posição final, como o caso possessivo 's em Inglês (37b).

(37) a. yəlkwəmas=ida bəɡwanəma=x-a 'watsi=s-a gwaxλuxw

O homem feriu o cachorro com o pau

(ANDERSON, 2005, p. 15)

b. My mother's bag.

A bolsa de minha mãe

(P3) - Parâmetro 3 (Ligação Fonológica): Próclise/Ênclise. Apresenta a ligação do clítico ao seu hospedeiro fonológico. Lembrando que o clítico pode se anexar fonologicamente a um item lexical que pode não fazer parte do seu domínio sintático.

Klavans (1985) destaca que o P3 pode ser redundante já que a próclise remete ao clítico vir antes do item lexical e que a ênclise remete a ele vir depois, mas é necessária a distinção desses parâmetros por motivos descritivos.

Anderson (2005, p. 82) resumiu a tipologia da posição dos clíticos especiais de acordo com os parâmetros abaixo:

O clítico está localizado<sup>10</sup>:

1. Dentro do domínio de algum constituinte sintático ( $X^o$  ou  $X_{max}$  para algum valor de X).
2. Em relação ao primeiro constituinte versus o último constituinte do domínio (interpretado sintaticamente ou prosodicamente).
3. Precedendo ou seguindo esse ponto de ancoragem.

<sup>9</sup> The name *Kwakw'ala* is commonly used to designate a number of distinct but related dialects spoken by a number of distinguishable tribal groups on the northeast coast of Vancouver Island, British Columbia, and in areas of the adjacent mainland (of which the Kwagui are one, but only one). (ANDERSON, 2005, p. 14)

<sup>10</sup> Tradução minha.

### 3.3.3 A TIPOLOGIA DE CARDINALETTI E STARKE

Cardinaletti e Starke (1999) argumentam que os pronomes podem ser classificados em três tipos: fortes, fracos e clíticos, formando uma gradação de deficiência estrutural que repercute na morfologia, na sintaxe, na fonologia e na semântica: pronomes fortes > pronomes fracos > clíticos

Para Cardinaletti e Starke (1999) os pronomes fortes e fracos são projeções máximas e os clíticos são projeções que se juntam a núcleos funcionais através da Estrutura Superficial (Spell-Out). Os pronomes fracos têm algumas propriedades dos clíticos: eles não ocupam posições DPs (38a); eles não aparecem isolados (38b); eles não podem ser focalizados (38c); eles não podem ser modificados (38d). Ilustraremos com o pronome fraco do italiano:

- (38) a. professore diede l'autorizzazione agli studenti/\***loro**.  
O professor deu a autorização aos estudantes/ a eles.
- b. A chi ha dato l'autorizzazione? \***Loro**.  
Para quem ele deu a autorização? Para eles.
- c. \*Il professore non diede **loro** l'autorizzazione ma a LUI.  
O professor deu a autorização não a ELES, mas a ELE.
- d. \*Gianni parla solo **loro** di questo.  
Gianni falou somente para eles sobre isso

(HAEGEMAN, 1996, p. 140)

Nem todas as línguas têm todos esses tipos de pronomes. Por exemplo, a língua inglesa e alemã exibem somente os pronomes fortes e fracos, enquanto que na língua Grega somente aparece pronomes fortes e clíticos. Na literatura, a maioria dos linguistas considera os pronomes fracos como clíticos. Vejamos a tabela abaixo e os exemplos a posteriori de cada língua na tabela:

**Tabela 2: Língua Inglesa**

verbos auxiliares	forte	fraco
are	ɑ: (ɪ)	r, ə
will	wɪl l,	l, l
had	had	d, d
have	hav	v, v
is, has	ɪz, haz	z

pronomes		
them	ðem	m
her	hɜ:(ɪ)	r,ə
him	hɪm	ɪm
you	ju	jə

Outros		
and	and	n
for	fɔ:(ɪ)	fr, fə
to	tu:	tə

(SPENCER; LUIS, 2012, p.93)

- (39) a. Pat's ([s]) leaving, Kim's ([z]) coming in, and Chri's ([ə]) replacing Jan.  
Pat está indo embora, Kim está chegando, e Chris está substituindo Jan.

(ANDERSON, 2005, p. 29)

**Tabela 3:** Língua Alemã

Pronomes	forte	fraco	
du	du:	də	2sg
sie	zi:	zə	3sg fem.
ihm ,	i:m	m	3sg masc. Dat
ihn ,	i:n	n	3sg masc. Acc.
es	es	s	3sg neut.

<b>Determinantes</b>			
dem	de:m	m ,	def. masc/neut.sg.dat
den	de:n	n ,	def.masc. acc.sg
die	di:	d(ə)	def.nom.pl/def.fem.acc.sg

(SPENCER; LUIS, 2012, p. 92-93)

Pode-se reduzir mais o clítico em relação ao pronome fraco, por exemplo: 'm ~ihm (him-him) no Alemão, como vemos abaixo:

(40) a. DaB Maria **ihm** gestem das Buch gegeben hat.  
 Que maria o fraco ontem o livro ac. deu

b. Daß'm Maria gestern das Buch gegeben hat  
 Que o cl Maria ontem o livro ac.deu

(MAVROGIORGOS, 2010,p. 16)

**Tabela 4:** Língua Grega

caso	forte/pronomes completos									
Nom. ego	esi	aftos	afto	afti	emis	esis	afti	afta	aftes	
Acus. Emena (ne)	esena (ne)	afton (e)		aftin (e)	emas	esas	aftus			
Gen. Ø	Ø	aftu (nu)		afti (ni)s	Ø	Ø	afton (on)			

Fraco/pronomes curtos										
Nom	Ø	Ø	tos	to	ti	Ø	Ø	ti	ta	tes
Acc	mu	su	ton(e)		tis	mas	sas			tis/(tes)
Gen	me	se	tu		ti(n)(e)					tus
Per	1sg	2sg	3sg	3sg	3sg	1pl	2pl	3pl	3pl	3pl
NUM			masc	neut	fern			masc	neut	fem
GEND										

(MAVROGIORGOS, 2010,p. 10)

- (41) Esas dhen sas ksero kala.  
 Vocês pl não vocês pl cl conhecem bem

(MAVROGIORGOS, 2010, p.15)

Clíticos ou pronomes fracos, para Zwicky (1977), esses pronomes são chamados de clíticos especiais, são formas reduzidas das variações morfológicas dos pronomes fortes. Há uma deficiência hierárquica entre os clíticos segundo Cardinaletti e Starke (1999), os pronomes fortes são menos deficientes do que os pronomes fracos, que são menos deficientes que os clíticos, sendo esta a estrutura menos complexa. Essa deficiência ocorre em todos os níveis gramaticais.

### 3.4 A POSIÇÃO DOS CLÍTICOS

A posição dos clíticos tem sido muito estudada ao longo da literatura. Surgiu com os estudos feitos pelo suíço Jacob Wackernagel (1892), o qual descreveu a construção dos clíticos na língua clássica indo-europeia, clíticos chamados de segunda

posição (2P - second position), também conhecidos como clíticos de Wackernagel ou lei de Wackernagel.

### 3.4.1 CLÍTICOS DE SEGUNDA POSIÇÃO (2P)

Os clíticos de segunda posição são aqueles que, em orações matrizes, estão posicionados depois da primeira palavra na sentença, ou depois do primeiro constituinte e eles não podem aparecer no início da sentença devido a sua fraqueza fonológica e pela sua direção de fixação; em orações subordinadas, eles aparecem como primeiro elemento na sentença, imediatamente seguindo o complementizador. Para ser clítico de segunda posição (2P), o clítico requer um hospedeiro do seu lado esquerdo (enclítico), que pode ser uma palavra ou uma frase. Halpern (1992) propõe que o posicionamento padrão dos clíticos 2P, na sintaxe, é na extremidade esquerda da frase, em uma projeção máxima como IP. Já nas orações matrizes, onde o posicionamento padrão colide com as restrições impostas pelo componente fonológico, para se alcançar a projeção máxima deverá se utilizar a regra denominada inversão prosódica (*prosodic inversion*)<sup>11</sup> para reordenar os constituintes sintáticos. Para ele, a inversão prosódica somente é utilizada em ocasiões que é necessário provar a junção do clítico com o seu anfitrião.

Para distinguir entre esses dois tipos de posições, usaremos o conceito dado por Halpern (1995): quando o clítico de segunda posição aparece depois do primeiro constituinte sintático, que consiste em uma simples palavra, é chamado de 2W (*second word - segunda palavra*). Para Halpern (1995), 2W não só significa que o clítico deve aparecer somente depois da primeira palavra de seu domínio, mas também o clítico pode aparecer nessa posição até mesmo quando o primeiro constituinte do domínio consiste em mais de uma palavra; 2D (*second constituent daughter - segundo constituinte*), quando o clítico aparece após toda a primeira frase da oração. Visto que os clíticos 2P se ligam aos constituintes frasais, na sintaxe Klavans (1985) se refere a eles como afixos frasais (*phrasal affixes*).

Veremos nas subseções seguintes, as línguas com posições 2W, 2D, ou línguas que têm ambas posições.

---

<sup>11</sup> Posicionar um clítico depois de uma palavra inicial se, e somente se, essa palavra constituir uma unidade sintática que pode se mover, independentemente do que a segue.



### 3.4.1.1 LÍNGUAS COM POSIÇÃO 2W

Falaremos de um outro tipo de clítico de segunda posição, o 2W, que ocorre logo após a primeira palavra fonológica.

No Grego antigo, observa-se o clítico em 2W.

(42) [IP theios =moi enupnion elthen Oneiros ]  
divino-N me-D sonho-N veio Oneiros-N

(TAYLOR, 1996, p. 478)

Taylor (1996) pontua que a alternância entre o sintagma inicial e a posição do 2W é um fenômeno prosódico.

Using data from Koiné Greek clitics which are syntactically associated with the noun phrase, I show that these clitics are sensitive to phonological phrase boundaries; thus when a clitic is unable to find a host to its left due to an intervening phonological phrase boundary, inversion takes place and the clitic appears in 2W of the following phrase. (TAYLOR, 1996, p.477)

Na língua Tagalo (uma das línguas faladas nas Filipinas), o clítico tende a vir depois do verbo, mas isso não impede que outras palavras venham no início da sentença, acompanhando o clítico.

(43) a. Tinawag niya ang bata  
Chamou ela ANG criança

b. Bakit ka niya tinawag  
porque você ela chamou

c. Hindi ka niya tinawag  
NEG você ela chamou

(SPENCER; LUIS, 2012, p. 59)

A língua Hittite foi uma língua Indo-europeia, que existiu na idade do bronze, que hoje é a Turquia e o norte da Síria. Os clíticos em Hittite aparecem em uma ordem fixa, depois da primeira palavra nas sentenças finitas.

(44) a. nu=nnas̄ É-ir kuit ēššuen  
INTR=DATIPL casa (NT) QUE.NT.sc construímos (IPL)

(GARRETT, 1996, p. 88)

### 3.4.1.2 LÍNGUAS COM POSIÇÃO 2D

Na língua Checa a posição dos clíticos é bastante rígida. Não há alternância entre o uso de 2W ou 2D. Nesta língua só pode ser usado os clíticos na posição 2D. Nem o pronome clítico, nem o clítico auxiliar podem se intercalar entre um constituinte sintático, como ocorre na língua Servo/Croata.

(45) a. Ten básník mi ˇcte ze své knihy  
Aquele poeta me DAT ler. 3SG do seu livro

b. \* Ten mi básník ˇcte ze své knihy

(HALPERN, 2017, p. 111)

A língua Eslovena é uma língua que tem semelhanças com a língua Servo/Croata, quando permite a liberdade na ordem dos constituintes nas frases, mas se assemelha à língua Checa, porque os clíticos só podem ocorrer em posições 2D, ou seja, os clíticos só podem se posicionar logo após uma frase completa.

(46) a. in moje srce je bilo veselo  
E meu coração AUX. 3 SG estar feliz

b. \* in moje je srce bilo veselo  
e meu AUX. 3SG coração estar feliz

(SPENCER; LUIS, 2012, p. 53)

Há uma particularidade na língua Eslovena, ela permite que o clítico se alterne entre a posição 2D e a primeira posição. No exemplo abaixo, o clítico auxiliar aparece em posição inicial se anexando fonologicamente à palavra que ele se adjunge.

(47) a. Ko sem se vzdranila, sem ležala na postelji  
QuandoAUX. 1SG REFL acordeiLPART AUX. 1SG deitado LPART na cama

(SPENCER; LUIS, 2012, p. 54)

Warlpiri é outra língua em que a sua posição principal é a posição 2D. A posição inicial na sentença que precede o clítico deve ser caracterizada nos termos da sintaxe. E

dentro do grupo clítico, os clíticos têm uma ordem rígida a seguir: os clíticos auxiliares (expressam tempo, aspecto e modo) precedem os clíticos pronominais (codificando traços de sujeito e não-sujeito).

- (48) a. Ngana-patu ka lu wangka-mi?  
 Quem-PL.NOM 3PL.SUB falando PAST (Laughren 2002, 94)
- b. Wati-ngki manu karnta-ngku ka lu ngarri-rni  
 homem-ERG e mulher-ERG 3PL.SUBJ dêem NPAST (Laughren 2002, 95)  
 Homens e/ ou mulheres dêem uma bronca nele
- c. Ngulya-ngka jintana-ngka ka lu paka-rni  
 toca-LOC uma-LOC 3PL.SUBJ mataram-PAST (Laughren 2002, 95)  
 (SPENCER; LUIS, 2012, p. 55)

### 3.4.1.3 LÍNGUAS COM POSIÇÕES 2W e 2D

Há várias línguas em que o cl2P Pode alternar livremente entre 2W e 2D, como exemplo destacam-se a língua Servo/Croata, a língua Luiseno, a língua Pashto, a língua Ngiyambaa.

Na língua Servo/Croata o clítico *je* (49) é um auxiliar. Isso demonstra que os 2P podem servir a uma infinidade de funções. Eles podem ser pronominais, auxiliares, partículas de discurso, etc. Os clíticos podem ser precedidos por qualquer constituinte sintático devido à liberdade na ordem das palavras.

- (49) a. Čovek je voleo Mariju  
 Homem. NOM = AUX amava Maria. ACC
- b. Čovek je Mariju voleo  
 c. voleo je Mariju čovek  
 d. voleo je čovek Mariju  
 e. Mariju je čovek voleo  
 f. Mariju je voleo čovek

(HALPERN, 1995, p. 15)

Outra particularidade da língua Servo/Croata é que o clítico (50) vem imediatamente depois do primeiro sintagma, mas nunca no final.

- (50) a. U sadu su  
 No jardim 3PL. ESTAR

b. U sadu su devojke  
no jardim 3PL.BE garotas

c. \*Devojke u sadu su  
garotas no jardim 3PL.ESTAR

(SPENCER; LUIS, 2012, p. 16-17)

O grupo de clíticos em (51a, 52a), mostra as mesmas propriedades em relação à ordem dos clíticos em (51b, 52b). Observamos que a forma 3sg *je* em (51) aparece depois do clítico dativo, enquanto que o clítico auxiliar 3pl *su* em (52), aparece antes do dativo. Em (51a) e (52b), o clítico auxiliar e o pronome clítico estão posicionados depois da primeira frase, *onaj les, ova polja*.

(51) a. Onaj les mi je vrlo drag  
Aquele floresta 1SG.DAT 3SG.AUX muito querida

b. Onaj les mi je bil vrlo drag  
Aquele floresta 1SG.DAT 3SG.AUX ESTAR PART.SG muito querida

(52) a. Ova polja su nam vrlo draga  
Aqueles campos 3PL.AUX 1PL.DAT muito queridos

b. Ova polja su nam bila vrlo draga  
Aqueles campos 3PL.AUX 1PL.DAT SER PART.PL muito queridos

(SPENCER; LUIS, 2012, p. 49)

Assim como ocorre na língua Servo/Croata, na língua Luiseno o auxiliar e o clítico pronominal são obrigados a aparecer na segunda posição, mesmo que os constituintes apareçam em qualquer ordem. Na língua Luiseno, o clítico pode alternar livremente entre 2D e 2W. O clítico pode aparecer depois do primeiro constituinte (53a) ou depois da primeira palavra (53b).

(53) a. wiiwiš 'axaat up na'q  
wewish delicioso 3SG está queimando

b. wiiwiš up 'axaat na'q

(SPENCER; LUIS, 2012, p. 51)

Ngiyambaa é uma língua Pama-Nyungan da Austrália conhecida pela sua flexibilidade na ordem dos constituintes. Sua liberdade na ordem dos constituintes contrasta com a posição marcada de certos clíticos que devem ocorrer na segunda posição, após a primeira palavra ou após a primeira frase completa. Em (54a) e (55a) os clíticos **ndu** e **bara** se anexam as primeiras palavras **?adhay** e **bangaba**. Nos exemplos (54b) e (55b) os clíticos se conectam aos sintagmas **?adhay guya** e **bangaba: dhibi**.

(54) a. ?adhay =**ndu** guya dha-yi gambira  
Saboroso 2NOM peixefish comeut-PAST ontem

b. ?adhay guya =**ndu** dha-yi gambira  
saboroso peixe 2NOM comeu-PAST ontem

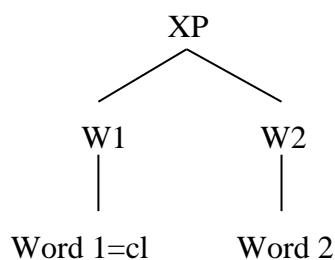
(55) a. bangaba: **bara** dhibi ?a:nhi winaru  
branco.ABS (enfático) pássaro ABS viu mulher ERG

b. bangaba: dhibi **bara** ?a:nhi winaru

(SPENCER; LUIS, 2012, p. 51)

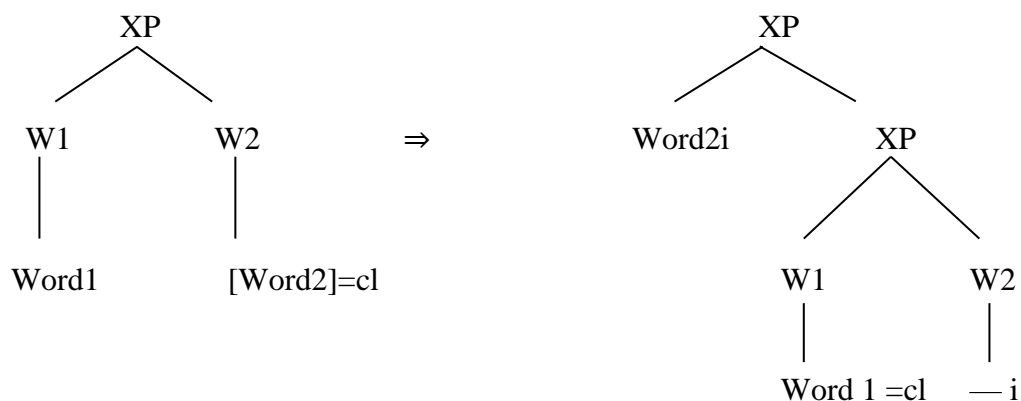
Por causa da flexibilidade na ordem dos constituintes, na língua Ngiyambaa, como nas línguas Servo/ Croata, Alemã, Japonesa, Russa, Persa, Turca, entre outras, ocorre o que se chama na literatura sintática o fenômeno de embaralhamento (Scrambling Phenomena)<sup>12</sup>. Spencer e Luis (2012) pontuam que quando o sintagma é “quebrado” pelo fenômeno do embaralhamento, cada palavra torna-se um tipo de sintagma.

(56) Posição 2W:



<sup>12</sup> Chomsky (1995) explica que toda língua tem uma ordem básica das palavras dentro de uma sentença, mas há algumas línguas que variam muito nessa ordem.

(57) Posição 2W como posição 2D + Embaralhamento



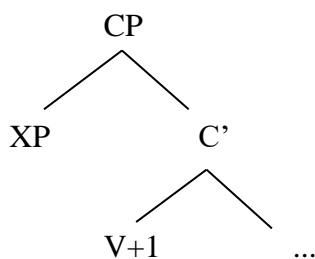
(SPENCER; LUIS, 2012, p. 52)

#### 3.4.1.4 O ESPANHOL MEDIEVAL COMO CLÍTICOS DE SEGUNDA POSIÇÃO

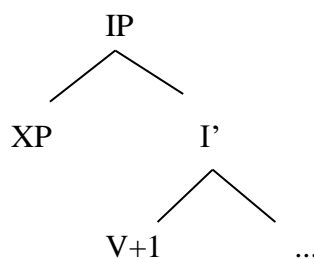
Como vimos, há um grande número de línguas que não admitem os clíticos em primeira posição.

Uma língua V2 é aquela cujo verbo flexionado aparece em segunda posição na sentença, sendo precedido por apenas um constituinte, independentemente se o primeiro constituinte é o sujeito ou qualquer outro constituinte de qualquer natureza sintática. Segundo Fontana (1993), o espanhol antigo era uma língua V2 simétrica<sup>13</sup>.

(58) Língua V2 Assimétrica



(59) Língua V2 Simétrica



(HALPERN; FONTANA, 1993, p. 258)

Há duas propriedades que explicam a posição que o verbo se posiciona no espanhol medieval: de uma posição mais baixa (V) para uma posição mediana (I); e de

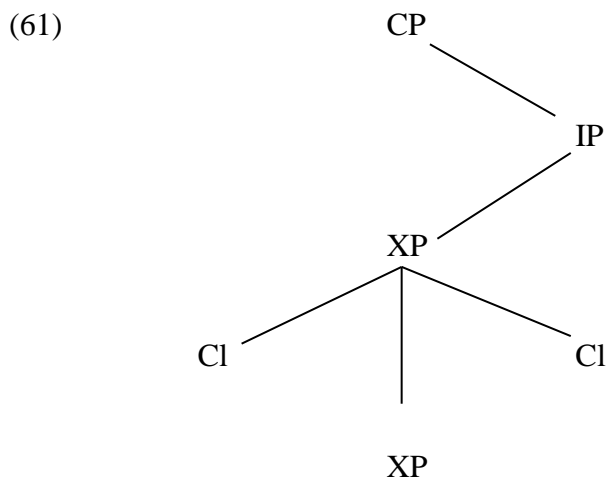
<sup>13</sup> As línguas V2 são divididas em assimétricas e simétricas: línguas V2 assimétricas são aquelas que o efeito V2 é visto em orações matrizes; enquanto que línguas V2 simétricas são aquelas que o efeito V2 é possível tanto em orações matrizes, como em orações subordinadas.

uma posição mediana (I) para uma posição mais alta (C). Fontana (1993) mostra que o espanhol antigo era uma língua V2, com movimento para INFL (V – I), sendo uma posição A-barrá que abriga o elemento pré-verbal, e a topicalização para SpecIP. O domínio relevante para a colocação do clítico deve ser posicionado para IP, e não para CP.

- (60) La estória **lo** contara  
 [IP La historia lo contara]  
 A história lhe contara

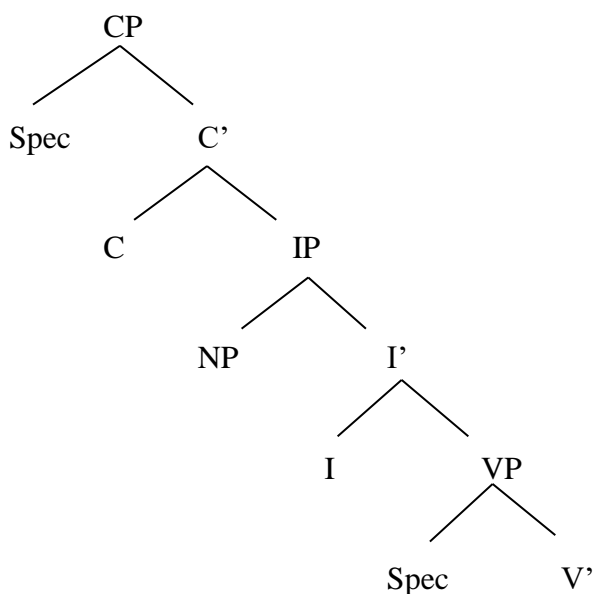
(FONTANA, 1993, p. 40)

Assim sendo, Fontana (1993) adota o modelo abaixo para os clíticos do espanhol antigo, baseado na análise de Taylor (1990) para os clíticos no grego antigo, e que depois foi adotado por Pintzuk (1991) para o inglês antigo.



Pinto (2011) declara que o espanhol antigo era uma língua V2 realizando-se no campo CP, movendo-se até C, ou seja, de uma posição mais baixa para uma posição mais alta (V – I – C). Isso ocorre devido ao movimento “Head Movement Constraint” (HMC), o verbo não pode se mover de V para C diretamente, ele deve passar obrigatoriamente por IP até chegar a C. Se o clítico está em C e está fonologicamente dependente de um item lexical, algo deve mover para o Spec CP para mantê-lo na posição C. Como um único constituinte pode se mover para o Spec de CP, os clíticos sempre se manterão na segunda posição (2P).

(62)



Nas línguas românicas as palavras ênclise e próclise estão relacionadas aos clíticos virem anexados ou acompanhados somente ao verbo. No espanhol medieval, os clíticos também são de segunda posição (2P), só que eles podem se anexar a qualquer item lexical, independentemente de sua categoria, formando uma única palavra fonológica. Fontana argumenta:

In Fontana (1993), I argue at some length that OSp clitics are essentially different from the categories we know as clitics in most modern Romance languages (see also Rivero 1986, 1992); specifically, they belong to the class of categories known as second position clitics (2P). Very roughly, I argue that 2P clitics are very prosodically deficient NPs, which appear at S-structure in a position at the left edge of IP. The distribution of these elements is the combined result of phonological and syntactic constraints. Being prosodically deficient (inherently enclitic), they must be phonologically attached to a host on their left in order to be licensed at PF; in the syntax, they adjoined to the specific position they occupy at S-structure via a special syntactic rule, presumably related to syntactic operation usually called SCRAMBLING. (FONTANA, 1993, p. 236).

Concluindo, os clíticos 2P do espanhol medieval são clíticos 2W, porque podem se adjungir ou se incorporar a uma palavra, são sempre unidos a projeções máximas da frase que é o CP, e não ao IP, anexando-se a um complementizador, e não se adjungindo ou se incorporando somente a um verbo. Sabe-se que o posicionamento sintático do clítico à esquerda de algum domínio, e a sua união a uma palavra fonologicamente adjacente são operações independentes, mas a união desses dois processos, a cliticização sintática com a cliticização fonológica, são importantes para que o clítico



permaneça na segunda posição, porque tanto o clítico como o seu hospedeiro se movimentam na sintaxe, mas a sua motivação para esse movimento é fonológica: os clíticos devem se anexar ao seu anfitrião.

### 3.5 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Em síntese, o que se pode observar, é que existem várias teorias que explicam e determinam a posição dos clíticos nas sentenças. Alguns autores consideram que a posição dos clíticos se deve a fenômenos fonológicos, outros consideram que se trata de fenômenos sintáticos, e outros a ambos, ou seja, a fenômenos sintático-fonológicos. Na primeira teoria, os clíticos são elementos dependentes fonologicamente, porque precisam de uma palavra ou sintagma para se anexar. Na segunda teoria, os clíticos são deslocados da sua posição canônica até a sua posição mais à esquerda, que pode ser um V, um I, um Agr, um C, ou qualquer outra projeção máxima. A terceira teoria afirma que o clítico é uma mescla das duas teorias anteriores, que ele ocupará por via da sintaxe a segunda posição na sentença, e fonologicamente ele chegará até o ponto, unindo-se a um constituinte anfitrião. Além dessas teorias citadas acima, podemos destacar as quatro categorias de Bošković' (2000, 2001), segundo Anderson (2005, p. 117)<sup>14</sup>, elas se classificam em:

- ❖ Sintaxe Forte: a posição do clítico é completamente determinada pela sintaxe.
- ❖ Fonologia Forte: a fonologia é completamente responsável por alocar os clíticos na segunda posição. A sintaxe gera os clíticos em posições argumentais normais. Eles são movidos, então, para a segunda posição, conforme a necessidade na fonologia.
- ❖ Sintaxe Fraca: a maioria dos movimentos dos clíticos é sintática. Embora, a Inversão Prosódica pode intervir na fonologia para satisfazer a exigência de um clítico para um anfitrião apropriado.
- ❖ Fonologia Fraca: o movimento dos clíticos ocorre na sintaxe, e envolve uma quantidade considerável de liberdade de posicionamento. O papel da fonologia é passivo, filtrando certas sentenças sintaticamente bem formadas que violam requisitos fonológicos dos clíticos.

---

<sup>14</sup> Tradução minha.

Anderson (2005) conclui que não há vantagem em obter um movimento do clítico através somente dessas categorias, com isso haveria a exclusão de duas categorias na Tipologia de Bošković (2000, 2001): a Fonologia Forte e a Sintaxe Fraca. Portanto, para Anderson a movimentação dos clíticos se daria através de mecanismos puramente sintáticos, e que qualquer teoria que descrevesse a colocação dos clíticos em segunda posição somente se faria através de tais mecanismos, levantando alguns aspectos como: a) os clíticos se agrupam na mesma posição sintaticamente; b) esta posição é essencialmente fixa para todas as construções; c) esta posição está localizada em um lugar alto na árvore para que não haja espaço para mais de um constituinte que a preceda. Para Anderson (2005) deve haver uma posição sintaticamente motivada para que o clítico ocupe tal posição. Uma posição na periferia esquerda, em uma posição de núcleo (head position) de CP, TP, IP, ou qualquer outra projeção funcional precedida pelo especificador dessa categoria. Anderson (2005) assinala que relatos puramente sintáticos para explicar a posição dos clíticos são falhos e que a sintaxe não seria o melhor lugar para mostrar os princípios que abarcam a posição dos clíticos, e que se deveria buscar uma teoria que não contemple inteiramente todas as categorias de Bošković (2000, 2001).

Segundo Anderson (2005), a teoria que completaria essa explicação seria a Teoria da Otimidade, que já foi abordada anteriormente no capítulo 2 e que pode ser aprofundada no seu livro, no capítulo 6 (Anderson, 2005, p. 127 - 176).

No espanhol medieval. Os clíticos aparecem apoiados a um item lexical, podendo ser um verbo ou qualquer outro elemento e são considerados como clíticos especiais, porque se anexam fonologicamente à uma palavra e têm uma sintaxe especial.

Ao longo do trabalho, veremos que os clíticos no espanhol medieval, são clíticos de segunda posição (2P): não aparecem na primeira posição em orações matrizes; e nas subordinadas, os clíticos aparecem na oração, imediatamente logo após o complementizador.

## 4 ANÁLISE DA COLOCAÇÃO DOS CLÍTICOS NOS TEXTOS MEDIEVAIS

Neste capítulo, apresentaremos como se comportava o clítico no espanhol medieval de acordo com os dados do corpus analisado. Na seção 4.1 veremos os estudos de alguns autores para a compreensão de como se dava a ênclise, a próclise, a mesóclise e a interpolação no período medieval. Na seção 4.2 analisaremos o corpus dos textos do século XII ao XV, descrevendo os resultados encontrados nas orações matrizes, subordinadas e coordenadas.

### 4.1 A COLOCAÇÃO DOS CLÍTICOS

O espanhol atual apresenta próclise categórica em orações finitas, enquanto que o espanhol medieval apresentava variação entre a ênclise (V - Cl) e a próclise (Cl - V), seguindo a Lei de Tobler – Mussafia (TM - 1886) que determinava que os clíticos não podiam ocorrer em posição inicial absoluta em uma oração. A explicação estava argumentada em aspectos fonológicos e sintáticos.

Nieuwenhuijsen (1999) observa que nos estudos de Gessner (1893) as regras de colocação dos clíticos no espanhol medieval estão relacionadas com a ideia de o clítico ser uma forma inacentuada, débil, que necessitava um elemento precedente para se conectar, e isso explicaria o porquê de o clítico nunca se colocar antes de um verbo que viesse em posição inicial absoluta, como também o clítico podia se colocar quase sempre diante do verbo em orações negativas, neste caso, sempre tendo um elemento negativo precedente em que ele podia se apoiar. Em orações encabeçadas por coordenadas aditivas (e/et), o clítico se antepor ou pospor ao verbo se daria por sua falta de tonicidade:

En tanto que en general, las conjunciones coordinantes no suelen llevar a la anteposición del PA, éste puede aparecer delante del verbo si ciertos constituyentes de la oración que precede también pertenecen a la oración encabezada por *e*. Aunque Gessner no aclara este punto, suponemos que quiere decir que, mientras que la conjunción *e* no puede servirle de apoyo fonológico al PA, dichos constituyentes de la oración precedente sí pueden servir como tal. De ahí que entonces el PA se coloque delante del verbo. (NIEUWENHUIJSEN, 1999, p. 15)

De acordo com Nieuwenhuijsen (1999), Gramberg (1988) encontrou vários casos do clítico em posição inicial absoluta que datam do século XV e princípios de XVI. Ele chamou a atenção que se deveria ter como possíveis diferenças de estilos e

registros, pois todos os clíticos ocorriam em textos que se caracterizavam por uma linguagem popular.

Castillo Lluch (1996), na sua tese doutoral, dentre muitos outros autores, destaca o trabalho de Meyer-Lübke (1897). Este com a sua tese chamada de *Lei da Ênclise*, com uma explicação fonológica, baseou-se na falta de acento do pronome, o que o obrigaria a apoiar-se no primeiro elemento tônico da frase. Para Meyer-Lübke (1897), os pronomes são sempre enclíticos, vindo imediatamente depois do verbo, ou mesmo vindo antepostos ao verbo, porque eles estavam enclíticos ao primeiro elemento. De acordo com Castillo Lluch (1996), tanto Gessner (1893) como Meyer-Lübke (1897) constataram que o clítico não dependia estritamente do verbo. A partir dos estudos de Gessner (1893), soube-se que o clítico no espanhol medieval não se anexava somente ao verbo em posição inicial absoluta, mas também a outros constituintes da frase.

Para Chenery (1905), as palavras átonas (como partículas ou pronomes) tendem a se tornar enclíticas à palavra *exordium*<sup>15</sup> da oração, e o ritmo da fala faz com que o acento mais fraco venha logo após o acento mais forte na oração. Ele explica no seu estudo, *Object Pronouns in Dependent Clauses: A Study in Old Spanish Word-Order*, como se converteu o sistema do espanhol antigo de colocação do clítico, uma ordem não marcada em que o verbo e o pronome iniciavam a frase (V – Cl), para o sistema atual (Cl – V).

According to this theory the pronoun objects were always enclitic in Latin and generally enclitic to the initial word of the clause. The change from the enclitic position, postulated for Vulgar Latin, to the proclitic position with the verb, observed in Romance Languages, is accounted for by the shifting of the position of the verb from the end of the clause to the second place. (CHENERY, 1905, p. 78).

Nieuwenhuijsen (1999) destaca os estudos de Keniston (1937) ao tratar das orações afirmativas precedidas por uma subordinada, admitindo que houvesse muita variação de colocação dos clíticos e que não era possível encontrar um princípio funcional para explicar tal fenômeno. Para Keniston (1937), a posição do clítico tem a ver com o grau de união da subordinada com o verbo da oração principal. Isso levaria o clítico a se apoiar na oração subordinada precedente, não havendo tal elemento, o clítico se encontraria posposto ao verbo. Nieuwenhuijsen (1999) analisou os estudos de Ramsden (1963) que estão baseados na ideia de que no Espanhol Antigo a posição do

---

<sup>15</sup> Termo utilizado por Chenery (1905) para se referir às palavras que iniciam orações subordinadas.

clítico estava determinada pela união lógica e funcional do elemento precedente e o verbo. Uma relação forte entre os dois levaria à anteposição do clítico, enquanto se não houvesse uma relação levaria a posposição do clítico. Ela não vê nenhum motivo intrínseco de um verbo e seu precedente resultar na anteposição do clítico: “se podría argumentar, incluso, que el PA antepuesto justamente rompería dicha unión” Nieuwenhuijsen (1999, p. 21).

Elvira (1987) tem uma proposta de análise da colocação do clítico no Espanhol Antigo que examina a relação possível entre a movimentação do verbo e a tendência enclítica do pronome. Segundo ele, a movimentação do clítico em relação ao verbo parece depender de três tipos de situações: 1) sempre quando há anteposição do clítico em relação ao verbo, levando-se em conta um fenômeno de movimentação do clítico ao começo do período levando o clítico a separar-se do verbo; 2) uma segunda situação ou contexto sintático que leva a posposição do clítico; 3) e por último, situações sintáticas que parece não ter uma explicação clara da ordem dos pronomes, o motivo em que às vezes pode se usar ênclise ou próclise: “Nuestros textos documentan abundantemente ambas soluciones, sin que del examen de los ejemplos encontrados pueda deducirse el mecanismo posible que regula la posición del pronombre” (ELVIRA, 1987, p. 71). Ele também discute a relação entre as diferentes posições do verbo nas orações principais e subordinadas e a posição do clítico em respeito ao verbo nas duas orações, mas não esclarece a variação de colocação do clítico.

Para Castillo Lluch (1996) no estudo para a colocação dos clíticos no espanhol medieval permaneciam ativas as influências rítmicas advinda da lei enclítica de Meyer-Lübke (1897), e a incidência de princípios de matéria sintática:

Como demostraremos más adelante (apartado 3.2.4.1), solo por influencia rítmica parecen encontrar explicación determinadas situaciones en las que participa el pronombre átono antiguo. Lo que es complejo de determinar es hasta cuándo permanecen activas en español estas influencias fonológicas. A este respecto, si nos atenemos a los datos lingüísticos, hemos de señalar que la cronología de estos factores rítmicos varía dependiendo de las estructuras. (CASTILLO LLUCH, 1996, p. 342-343)

...nosotros abogamos por una vuelta al reconocimiento teórico de la ley de la enclisis, porque, como creemos haber probado, importantes aspectos de la colocación pronominal española antigua solo parecen encontrar explicación en razones fonológicas. Sin embargo, hemos demostrado también que la ley enclítica no es capaz por sí sola de dar cuenta de todas las distribuciones del pronombre átono medieval. Como vemos, circunstancias no predichas por este principio, como que el pronombre rompa pausa, se apoye en la conjunción coordinante *et* de carácter átono y no se apoye en elementos anteriores que podrían servirle de soporte, son relativamente frecuentes y

evidencian que otras razones de naturaleza sintáctica rigen también la colocación pronominal, imponiéndose, en las condiciones bajo las que se aplican, por encima de los principios enclíticos y solapándolos. (CASTILLO LLUCH, 1996, p.358-359)

Na próxima subseção, mostraremos os principais contextos em que alguns autores estudados descrevem a colocação dos clíticos e suas variações. Apresentaremos algumas características de ênclise, próclise, mesóclise e interpolação no espanhol medieval.

#### 4.1.1 ÊNCLISE OBRIGATÓRIA

Como já mencionamos, o clítico não podia vir em posição inicial absoluta, devido à lei de Tobler-Mussafia. Além desse fenômeno, existem outros casos, que alguns autores levantaram em seus estudos, a respeito da tendência enclítica do pronome. Nesta seção, quero destacar que levantarei alguns casos de ênclise obrigatória, não sendo exaustiva, demonstrando os casos mais destacados na literatura.

##### 1. Em contextos V1 de sentença raiz e em orações vocativas:

- (1) Respondiol don Pelayo [...]   
 Respondeu lhe Don Pelayo[...].

(FONTANA, 1996, p. 41)

- (2) Amigos, ruegouos por Dios [...]   
 Amigos, rogo vos por Deus [...]

(GRAMBERG, 1988, p. 152)

##### 2. Quando a frase começa com a conjunção *mas* e com locuções que tenham valor coordenante:

- (3) *mas* dexola despues porque sospecho della   
 *mas* deixou-la depois porque suspeitou dela

(PCG, p.386:8-9/ ELVIRA, 1987, p. 70)

- (4) *y por ende* acogierse los troyanos para la villa   
 e por tanto retiraram-se os troianos para a vila

(HTroy. 321:3-4/ ELVIRA, 1987, p. 70)

### 3. Com os advérbios *desí* e *demás* (vindo antes do verbo):

- (5) et desi fuesse con ellos poral rey  
e logo foi-se com eles por al rei

(PCG, p.375: 1-2/ ELVIRA, 1987, p. 70)

- (6) *demas* digouos que si yo  
Também digovos que se eu

(PCG, p.397:18/ ELVIRA, 1987, p. 70)

### 4. Quando a oração subordinada vem antes da principal e o verbo desta vem em posição inicial:

- (7) *Después* que ovieron fablado tornous Josep a Pharaon e dexol  
Depois que haviam falado tornou-se Josep a Faraó e deixou-lhe

(Faz.: 58/ ELVIRA, 1987, p. 71)

### 5. Se o OD e OI se antepõe ao verbo:

- (8) e los qui eran de XI annos en suso, leulos todos catiuos a Roma por mostrar su uictoria  
E os que eram de XI anos atrás, levou-los todos cativos a Roma por mostrar sua vitória

(LR, 11:7/ ELVIRA, 1987, p. 71)

- (9) E Abraam a el diol el diezmo  
E Abraão a ele deu-lhe o dízimo

(Faz.: 44/ ELVIRA, 1987, p. 70)

#### 4.1.2 PRÓCLISE OBRIGATÓRIA

Nesta seção, quero destacar que, igual à subseção 4.1.1, levantarei alguns casos de próclise obrigatória, segundo os estudos de alguns autores. Em relação à próclise obrigatória, destacamos dois tipos de elementos à esquerda do verbo:

### 1. Neg – Cl – V (usado até hoje no espanhol):

- (10) Mas *no lo fazen*, por que segund depart Maestre pedro.  
Mas não o fazem, porque segundo por parte de Mestre Pedro

(FONTANA, 1993, p 148)

O uso da partícula negativa no espanhol medieval nos leva a crer que a ordem do verbo e o clítico é um assunto sintático e não fonológico. Nunca foram encontradas no espanhol medieval as combinações:

- (11) \*Neg – V - Cl

- (12) \*V – Neg – Cl

- (13) \*V – Cl – Neg

### 2 *Que* (complementizador – conjunção interrogativa):

- (14) ¿ Qui los podrie contar?  
Que os poderia contar?

(FONTANA, 1993, p. 189)

3 Nas orações subordinadas, a próclise é preferida.

- (15) E sy algund pesar o alguna desonrra les auian fecha fasta ally, començaronse a vengar dellos

E se algum pesar ou alguma deshonra lhes haviam feita até alí, começaram-se a vingar deles.

(HTroy. -252: 30-32/ ELVIRA, 1987, p. 68)

#### 4.1.3 A MESÓCLISE NO ESPANHOL MEDIEVAL

Segundo Lapesa (1981), Fontana (1993) e Pharies (2006), no espanhol medieval além da próclise e ênclise, existia também a mesóclise em verbos no Futuro Simples e no Condicional que foram encontrados no texto de Afonsí e no Poema de Mio Cid (século XIII).



(16) Seeruos am perdonados uuestros pecados  
Ser vos ao perdoados vossos pecados

(17) Vengar **no** emos dellos del mal que nos na fecho  
Vengar no emos deles do mal que nos há feito

(PHARIES, 2006, p. 125)

Bouzouita (2011) fez um estudo sincrônico sobre a mesóclise do século XIII entre o futuro analítico (analytic future - AF) e o futuro sintético (synthetic future - SF), para demonstrar que o uso nas construções de futuro e condicional seguem as mesmas regras dos princípios gerais existentes da colocação dos clíticos.

I shall tease out the interaction of the AF and SF with clitic placement: (i) AF will be shown to occur only in those environments in which postverbal clitics are attested with other tenses of the verb, (ii) SF with preverbal clitics appear in the same syntactic contexts as anteposition with other tenses and (iii) SF with postposition, which is relatively rare, has only been observed in those environments which license postverbal clitics with other tenses. In other words, several distributional parallelisms can be observed between the use of the future constructions and the positioning of clitics in non-future contexts. (BOUZOUITA, 2011, p. 94)

O futuro no espanhol medieval é formado pelo verbo no infinitivo e pelo auxiliar do presente do indicativo do verbo *haver*, mas Bouzouita (2011) prefere chamar o verbo no infinitivo de *infinitive-like*<sup>16</sup>. É no futuro analítico que ocorre a mesóclise, e é no futuro sintético que ocorre a próclise e muito raramente a ênclise.

(18) E dixo: ‘Tornar-**m**-é a Jherusalem’  
E ele disse 3sg: retornarei 1sg a Jerusalém

(BOUZOUITA, 2011, p. 92)

(19) E dyxo ella: ‘Que **me** daras?’  
E disse 3sg ela o que CL dará 2sg

(BOUZOUITA, 2011, p. 92)

---

<sup>16</sup> Ao contrário de muitos estudos, Bouzouita (2011) não considera a primeira parte do futuro analítico do Espanhol medieval como um verbo no infinitivo, não se refere a ele como tal, optando por chamá-lo de *infinitive-like* (verbo do tipo infinitivo).

- (20) las viandas que comieres, comiaráslas  
A comida que comerá 2sg, vomitarás-las 2sg-cl.

(BOUZOUITA, 2011, p. 101)

Castillo Lluch (1996) defende que existe uma relação associativa entre o futuro analítico e o clítico.

Partimos de dos hechos básicos e incuestionables que consideramos de importancia capital: 1) no se dan formas de futuros analíticos más que con pronombres átonos intercalados y 2) la aparición de formas analíticas se limita a contextos fonológico-sintácticos de posposición pronominal. (CASTILLO LLUCH, 1996, p. 386).

Rivero (1986c) afirma que no futuro analítico, o clítico se adjuge ao auxiliar e não ao infinitivo. Os clíticos antigos não podem ser CPs-iniciais, devido à lei de Wackernagel, então o movimento V-C fornece um constituinte dentro do CP precedendo o clítico que está anexado ao auxiliar.

- (21) a. Et fazer VOShe algunos enxiemplos  
E farei vos ei alguns exemplos  
(Luc48/ RIVERO, 1986c, p. 263)

b. [CP [C fazer i] [vos he [VP ti algunos enxiemplos]]]  
(RIVERO, 1986c, p.263)

#### 4.1.4 A INTERPOLAÇÃO NO ESPANHOL MEDIEVAL

No espanhol medieval, os clíticos na posição pré-verbal poderiam não estar necessariamente adjacentes ao verbo, permitindo a intercalação de constituintes entre o clítico e o verbo, fenômeno este conhecido como interpolação.

- (22) Mando al omne que vos esta mj carta mostrara  
Mando ao homem que vos esta minha carta mostrara  
(FONTANA, 1993, p. 20)

A interpolação é muito importante na hora de abordar a natureza do clítico no espanhol medieval. Para Rivero (1986b), Rini (1990), Nieuwenhuijsen (1999), e Eberenz (2000), com a interpolação, no espanhol medieval, os clíticos eram

sintaticamente ligados ao verbo e não fonologicamente, como são no espanhol atual. Rasmussen (1963) afirma que há uma união lógica e funcional entre o verbo e o elemento precedente, interferindo na posição do clítico.

Menéndez Pidal (1908) sugeriu que o emprego da interpolação no espanhol foi dado pela influência do galego-português, pois a interpolação era uma característica que já fazia parte da gramática dessa língua e chegou às cortes castelhanas através do rei Afonso X (o sábio), que gostava de cultivar versos galegos, mas segundo Chenery (1905), as condições sintáticas que ocorrem na interpolação no espanhol são diferentes das que ocorrem no galego e no português.

Chenery (1905) e Castillo Llach (1996) apresentam os estudos de Meyer-Lübke (1897) sobre a interpolação, e este afirma que o pronome objeto átono é originalmente enclítico e que a interpolação em Espanhol Antigo e no Português era uma sobrevivência do uso do Latim. No seu estudo sobre os clíticos, Chenery (1905) observa que esse fenômeno dificilmente aparece nos textos anteriores à última parte do século XIII e isso se dá, provavelmente, devido à influência da porção ocidental da Península Ibérica. E tenta provar que em Castela não havia ênclise do pronome na interpolação e que esse fenômeno é só uma questão de ordem de palavras, influenciada por analogias de certas colocações frequentes.

Then follows a section dealing with Portuguese Word order and making it appear probable that enclisis of the pronoun to other words than the verb is a phenomenon peculiar to the western portion of Iberian Peninsula and not a relic of universal Vulgar Latin usage. (CHENERY, 1905, p. 07).

A ordem de palavras de uma interpolação era: Cl XP V; nunca foi vista a ordem V XP Cl.

A interpolação se dava com as palavras negativas *non* ou *no* (23), com certos advérbios (24), com o pronome pessoal (25), e com um NP (26) ou um pronome demonstrativo (26).

- (23) todas las bocas que **la** non besaron  
todas as bocas que a não beijaram

(LFU 111/ CASTILLO LUCH, 1996, p. 302)

- (24) desta moneda blanca que **se** agora vsa en Castiella  
desta moeda branca que se agora usa em Castela

(DLE 35, 21/ CASTILLO LUCH, 1996, p. 303)

- (25) por este solar sobredicho que **uos** yo uendj  
por este solar sobredito que vos eu vendi

(DLE 62, 23/ CASTILLO LUCH, 1996, p. 303)

- (26) si non, que **me** Dios confonda en esti mundo el cuerpo et en ellotro ellalma.  
se não, que me Deus confunda neste mundo o corpo, e não o outro a alma

(DLE 106, 15/ CASTILLO LUCH, 1996, p. 303)

- (27) avn que no **lo** este deues sen~or cessar tu razon. (CEL, fol. 40v)  
embora não o este debes senhor cessar tua razão

Chenery (1905) ressalta que esse fenômeno ocorre frequentemente em orações subordinadas, em que o pronome objeto aparece imediatamente após a palavra inicial, mas destaca duas anomalias: a) quando o pronome objeto segue algum membro de uma oração principal (incluindo as conjunções *et*, *pero* e *mas*); b) quando o pronome objeto não aparece imediatamente seguindo a palavra inicial da oração subordinada. E a palavra inicial de uma oração subordinada ele nomeou de *exordium*, e as mais comuns são *que* (simples ou composto por mais outra palavra) e *si* (ou *se*), além da palavra *quando*.

Rivero (1986a) propõe que os clíticos no Espanhol Antigo são núcleos de categorias frasais, e que a interpolação é um fenômeno que prova que os clíticos não deveriam ser tratados como *bound morphemes*<sup>17</sup> formando uma única palavra com o verbo e funcionando como um elemento sintático, pois os clíticos no espanhol medieval são palavras independentes do verbo e que podem encabeçar NPs ou PPs.

Nos seus estudos, Batllori et al. (1995) assume que a primeira frase na oração, em línguas que exibem modelos de interpolação e a lei de Tobler-Mussafia, corresponde a uma projeção sintática de uma FP (Focus Phrase) precedida pela projeção CP, e que a FP fornece uma explicação satisfatória para os fenômenos da interpolação.

The unstressed pronoun occupies the head of the projection which is the most prominent from a prosodic point of view (i. e. Focus °) Besides, when interpolation occurs in matrix clauses, the clitic occurs in F° and the linguistic element that bears the prosodic accent, on which the clitic depends for stress, is positioned in the Focus Phrase Spec position. Although in embedded clauses the unstressed pronoun can be located in F°, then it is not due to the

<sup>17</sup> São palavras que não podem ficar sozinhas como simples palavras na frase.

effect of a prosodic restriction (Tobler-Mussafia Law), but to the use of a stylistic strategy which conveys rhythmic implications. This would explain the high frequency of these construction in poetry.

We conclude, therefore, that these pronouns can easily be supposed to have stressed nature because they occupy the head of a projection whose specifier is accommodates elements with prosodic prominence. (BATLLORI et al., 1995, p. 201).

Batllori et al. (1995) afirma que um dos aspectos mais relevantes a se considerar é o fato de que, nas interpolações, mais de um item linguístico enfatizado, poderia intervir entre o clítico e o verbo, o que prova que não há relação acentuada entre o verbo e o clítico.

Podemos constatar que a colocação dos clíticos na época medieval (século XII aos XV), seguia alguns contextos sintáticos obrigatórios, mas dentro desse contexto obrigatório podemos encontrar variações. Na próxima seção, estudaremos a posição e variação dos clíticos no espanhol medieval, e veremos que algumas regras têm suas exceções.

#### 4.2 O ESTUDO DA POSIÇÃO E VARIAÇÃO DOS CLÍTICOS

Para observar as mudanças diacrônicas e sincrônicas que os clíticos sofrem ao longo da Idade Média, utilizamos três textos de diferentes épocas (séculos XIII, XIV e XV) e de diferentes gêneros (poesia, crônica y tragicomédia).

Com essa análise da colocação pronominal dos clíticos se obterá um estudo tanto diacrônico como sincrônico de sua distribuição ao comparar as análises de distintos momentos cronológicos (do século XIII ao XV). O estudo de diferentes textos se dá pela necessidade de assegurar que a variação e a colocação dos clíticos não estão vinculadas a um gênero literário específico. Para observar a colocação e variação dos clíticos no Espanhol Medieval, catalogamos todas as ocorrências dos clíticos de acordo com a sua tipologia e função.

Segundo Enrique-Arias e Bouzouita (2013), um problema que surge ao selecionar diferentes textos de diferentes épocas e gêneros para se estudar fenômenos de variação morfossintática é a da comparação:

cuando se comparan textos de diferentes épocas, el número y función de los clíticos varían dependiendo de circunstancias idiosincrásicas de cada texto (por ejemplo, los contenidos de un texto dado pueden exigir una mayor presencia de verbos transitivos). Ello dificulta el poder examinar los cambios de la frecuencia de los diferentes tipos de clíticos controlando los factores estructurales y contextuales que pueden influir en su presencia. (ENRIQUE-ARIAS; BOUZOUITA, 2013, p. 32).

No estudo sincrônico, a ocorrência dos clíticos foi estudada separadamente em cada obra, e observamos que essa ocorrência se dá por aspectos sintáticos e fonológicos, com uma diferença na distribuição entre orações matrizes e subordinadas.

De acordo com Eberenz (2000) a perspectiva diacrônica pode conduzir a uma visão simples dos fatos, já que supõe extrapolar a rivalidade entre formas equivalentes dentro das variedades regionais, sociais, e estilísticas da língua. A mudança linguística se produz em indivíduos que estão em uma zona geográfica, em um dado momento histórico, que adota um dado linguístico, a fim de convertê-lo em norma social.

Para analisar a variação e a colocação dos clíticos nesses textos, selecionei todos os tipos de clíticos, suas diferentes funções e significados.

#### 4.2.1 O CORPUS DOS TEXTOS ANALISADOS

O *corpus* que faz parte dessa análise contempla textos dos séculos XIV e XV, textos de diversos gêneros literários para que possamos observar a variedade linguística empregada em cada texto, analisando a colocação dos clíticos de cada época. Os dados foram coletados a partir dos seguintes textos: a) *Vida de Santa María Egipcíaca (SME)*, texto poético do século XIII, que se caracteriza como um sermão em verso em que a maior parte do relato retórico se centra no “exemplo”, gênero muito utilizado na Idade Média, que, neste caso, demonstra a vida de uma pecadora, que graças a misericórdia divina e as suas penitências, converte-se em uma santa.; b) *História de los Godos de San Isidoro (GSI)*, texto escrito no século XIV por Santo Isidoro, que na época era arcebispo de Sevilha, é considerada a sua obra mais importante dentro das crônicas medievais. Nesta crônica, Santo Isidoro conta brevemente a existência da Espanha visigoda e sua influência política, religiosa e social sobre os povos da península; c) *Comedia de Calisto y Melibea (CEL)*, de 1499, século XV, primeira edição da obra intitulada *La Celestina*, uma das melhores obras da literatura medieval, considerada como obra de transição entre a Idade Média e a Renascentista.

#### 4.2.2 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS DO CORPUS

Nas tabelas de 5 a 7, temos a quantidade total de clíticos que aparecem nos textos.

Na tabela 5, essa variação na quantidade de clíticos entre os séculos pode se dar, porque os textos analisados são textos de diferentes gêneros. Por exemplo, constata-se

que, se um texto é uma comédia (texto do século XV), a língua falada está mais presente e o uso do clítico é mais frequente, do que em um poema (século XIII), então o gênero textual influencia na frequência do uso dos clíticos.

**Tabela 5:** Ocorrência de clíticos encontrada em cada texto

Século XIII	452
Século XIV	38
Século XV	2287

Na tabela 6, podemos observar um aumento da ênclise e um decréscimo da próclise. A interpolação, embora seja um fenômeno raro, no século XIII, é maior do que nos últimos séculos, ocorrendo o seu declínio. Segundo Rivero (1986c), o desaparecimento da interpolação data na segunda metade do século XV, mas Castillo Lluch (1996) afirma que se documentam exemplos de estruturas interpoladas durante todo o século XVI.

**Tabela 6:** Ocorrência geral (em percentagem) de clíticos em cada contexto

	ÊNCLISE	PRÓCLISE	INTERPOLAÇÃO
Século XIII	15,27	84,29	0,44
Século XIV	23,68	76,32	0
Século XV	23,92	76,04	0,04

Na tabela 7, temos a ocorrência geral dos clíticos em cada tipo de oração: matriz, subordinada e coordenada. Também há o registro dos clíticos tanto em orações finitas, não finitas e imperativos, assim como a computação de todos os diferentes tipos de orações interrogativas.

Nas orações matrizes e subordinadas o clítico pode estar tanto proclítico como enclítico. Em relação a interpolação, ela se dá em orações subordinadas, mas foi registrada uma estrutura interpolada em oração matriz (século XIII), e nenhum caso de interpolação em oração coordenada.

**Tabela 7:** Ocorrência geral de clíticos em cada século em orações matrizes, subordinadas e coordenadas.

	Século XIII			Século XIV			Século XV		
	E	P	I	E	P	I	E	P	I
Oração Matriz	23,70	75,83	0,47	25	75	0	39,69	60,31	0
Oração Subordinada	0,69	98,62	0,69	0	100	0	10,12	89,78	0,1
Oração coordenada	18,56	81,44	0	30,43	69,57	0	36,39	63,61	0

Na tabela 8, só foram analisadas as ocorrências de clíticos com verbos finitos. Os valores da próclise tanto na oração matriz, como na oração subordinada e na oração coordenada são altos. Nota-se a preferência pelo uso da próclise, ao longo dos séculos, e a menor frequência no uso da ênclise, porque o clítico vai cada vez mais se colocando antes do verbo. No século XV, observamos que a utilização da próclise é a forma mais preferida, pois neste século, o clítico torna-se um elemento sintaticamente dependente do verbo.

**Tabela 8:** Quantidade de clíticos nas orações matrizes, subordinadas e coordenadas em orações finitas

	Século XIII			Século XIV			Século XV		
	E	P	I	E	P	I	E	P	I
Oração Matriz	16,33	83,16	0,51	14,29	85,71	0	22,83	77,17	0
Oração Subordinada	0	99,28	0,72	0	100	0	2,60	97,28	0,12
Oração Coordenada	19,78	80,22	0	30,43	69,57	0	21,40	78,60	0

#### 4.2.3 CASOS DE ÊNCLISE E PRÓCLISE CATEGÓRICAS

Neste momento, veremos na tabela abaixo, os casos de ênclise e próclise categóricas. A ênclise categórica se dá em contextos V1, ou seja, verbos em primeira posição absoluta; e a próclise categórica se dá em contextos que temos Neg + Cl V<sup>18</sup>. É preciso salientar que, nesta seção, consideramos somente os casos ocorridos em orações finitas.

<sup>18</sup> **Neg** não faz referência somente à palavra negativa *non* o *no*, mas também a todas as partículas negativas, como por exemplo: *jamás, nunca, ni ...*



**Tabela 9:** Ênclise e próclise categóricas em cada século

	Ênclise	Próclise
	V1	Neg + Cl V
Século XIII	33,33	8,56
Século XIV	10	6,45
Século XV	33,03	11,05

Vejamos alguns contextos de ênclise obrigatória (28):

(28) a. Metiosse a grant andadura (SME, fol. 69r)

Meteu-se a grande andança

b. Sacolos dende por grant oso (SME, fol. 72r)

Sacou-os dali por grandioso

c. tengo lo por tanto en verdad (CEL, fol. 2r)

tenho-o portanto em verdade

d. riome que no pensaua que hauia peor inuencion de pecado que en sodoma

(CEL, fol. 4r)

rio-me que não pensava que havia pior invenção de pecado que em Sodoma

Constatamos que a próclise somente ocorreu no início de oração (V1) a partir do século XV, somente no texto de *La Comedia de Calisto y Melibea*. Nesse período, a próclise não é mais restringida pela Lei de Tobler Mussafia. Vejamos os exemplos abaixo:

(29) a. tal que en tu viuir supieses tener manera & forma: te descubriesse a donde

dexo encerrada tal copia de oro & plata (fol. 13v)

tal que em teu vivir soubesses ter maneira e forma: te descubrisse aonde deixo

fechada tal copia de ouro e prata.

b. por vn manto que tu des ala vieja: te dara en tus manos el mesmo que en su

cuerpo ella traya. (fol. 39r)

por um manto que tu dê à velha: te dará em tuas mãos o mesmo que em seu

corpo ela traga.

Como vemos na tabela 7, a próclise categórica se dá em contextos que se tem uma palavra negativa, o clítico e o verbo (Neg + Cl V), vejamos alguns dados:

(30) a. E por nada *non* se desujaua (SME, fol. 74r)

E por nada não se desejava

- b. que todos quantos serien trobados en lugares sagrados de los santos perdonarjen e *no* **les** farian mal. (GSI, fol. 120r)  
que todos quantos seriam trovados em lugares sagrados dos santos perdoassem e não lhes fariam mal
- c. *nunca* **me** vi cansada (CEL, fol. 22v)  
nunca me vi cansada
- d. *jamás* **te** acuerdas a cosa que guardas (CEL, fol. 23v)  
jamais te lembrás a coisa que guardas
- e. *ni* **te** pregunto esso ni tengo necesidad de saber su edad (CEL, fol. 31v)  
nem te pergunto isso nem tenho necessidade de saber sua idade

Concluindo, a partir dos textos estudados acima, em construções V1 somente ocorre ênclise, devido a Lei de Tobler-Mussafia que proíbe a colocação do clítico em posição inicial absoluta. Por outro lado, somente a partir do século XV o clítico aparece em início de frases, em construções V1.

No outro caso, sempre teremos próclise categórica quando o clítico vem antecedido pelos quantificadores negativos (*jamás, nunca, ni, ...*) ou com o marcador negativo *no(n)*. Nos dados, observamos que o marcador negativo *no(n)* é o mais frequente, porque este é considerado um afixo pré-verbal pelo seu caráter átono e pela sua propriedade sintática e semântica negativa, enquanto os quantificadores negativos foram adquirindo esse caráter negativo ao longo do tempo.

#### 4.3 DISCUSSÃO DOS CONTEXTOS DE VARIAÇÃO

De acordo com Rivero (1986b), no espanhol medieval a ordem do verbo em relação aos seus complementos era bastante livre, tanto nas orações matrizes como nas orações subordinadas.

A lei de Tobler-Mussafia restringia o clítico em aparecer em posição inicial absoluta, sendo a ênclise categórica em orações V1. Já em contextos de orações  $V > 1$ , a lei de Tobler-Mussafia não restringia o pronome vir enclítico ao verbo em orações subordinadas, embora, nesses casos, a próclise era licenciada. Assim, no espanhol medieval, o clítico podia estar tanto enclítico como proclítico.

O estudo dos clíticos em alguns textos analisados variou muito em cada época. Verificamos que com a mesma categoria lexical há variação entre ênclise e próclise. Vejamos os contextos em que aparece essas variações<sup>19</sup>:

### 1. Sujeito (nominal ou pronominal) em orações simples

De acordo com Castillo Lluch (1996), os autores que seguem a lei enclítica afirmam que quando o verbo vai precedido de sujeito em orações simples, a posição pré-verbal é o mais normal, enquanto a posposição do clítico é tida como excepcional.

Segundo Bouzouita e Kempson (2006) nos estudos de Gramberg (1988), em relação ao comportamento do clítico depois de sujeitos pré-verbais, ele afirma que a posição do clítico no espanhol antigo é determinada pela presença ou ausência do acento enfático do sujeito:

With respect to clitic behavior after preverbal subjects, Gramberg (1988:195-227) showed that the position of the OSp clitic is determined by the presence or absence of emphatic stress on the subject, as in Modern Galician: clitics occur postverbally unless the subject is highlighted by emphatic stress. (BOUZOUITA; KEMPSON, 2006, p. 255)

Verifica-se que com sujeito nominal, a próclise é mais comum (31a), (31b), (31c), (31d), (31e) mas encontramos a ênclise (31f), (31g), (31h), (31i) em pouca quantidade nos textos estudados.

(31) a. Dios **te** curie de mal (AUTO, l.76)

Deus te cure do mal

b. Sant gabrjel **te** aduxo el mandado (SME, fol. 70v)

São Gabriel te aduziu o mandado

c. La ley nueua **les** mostro ca enla boca los beso (SME, fol. 72r)

A lei nova lhes mostrou cá na boca os beijou

d. Cesar **los** aborescio. (GSI, fol. 118v)

Cesar os aboresceu

---

<sup>19</sup> No capítulo 4, expus algumas obrigatoriedades dos clíticos, mas dentro dessa obrigatoriedade, encontramos variações que serão expostas de acordo com as ocorrências encontradas nos textos estudados, não exaurindo todas as possibilidades de variação entre ênclise e próclise que podem ser encontradas em trabalhos de outros autores. O que importa aqui é explicar o motivo que ocorre essa variação a partir dos dados estudados, levantando-se algumas hipóteses.

- e. Aparta se lucrecia. (CEL, fol. 69v)  
Aparta-se Lucrecia
- f. Sempronio vase a casa de celestina (CEL, fol. 20r)  
Sempronio vai-se a casa de Celestina.
- g. Elos juyzes faganno beysar a sos parientes (FZ, fol. 1r)  
E os juízes fagam-o beijar a seus parentes
- h. e allj los Godos cremarono (GSI, fol. 119v)  
e alí os Godos cremaron-o
- i. E los Godos muerto lur rey proprio / e ueyentes la benjgnjdat de Teodosio  
emperador liuraron se al imperio romano. (GSI, fol. 120r)  
E os godos morto seu rei próprio / e viventes a benignidade de Teodosio  
Imperador livraram-se ao imperador romano

Em relação ao sujeito pronominal, Ramsden (1963, apud Castillo Lluch, 1986) propõe que, no período pré-literário, a posição do clítico dependia da pessoa gramatical do pronome sujeito: se fosse de 1ª ou 2ª pessoas, havia a variação entre ênclise e próclise; mas se fosse de 3ª pessoa, a posposição era a regra. Essa distinção se dava porque os pronomes de 1ª e 2ª pessoas eram considerados pronomes átonos, enquanto os pronomes de 3ª pessoa eram considerados tônicos, mas no período literário essa diferença rítmica entre os pronomes sujeitos não influenciava mais a posição do clítico.

(32) a. io lo uo (aor)ar (AUTO, l.58)  
Eu o vou adorar

b. & elos se juramienten & sean creydos (FZ, fol. 2r)  
E eles se juramentem e sejam creídos

Constatarei alguns casos interessantes com o pronome sujeito de 1ª pessoa do singular *yo* e o clítico. Quando temos a ordem SV, o clítico está proclítico ao verbo<sup>20</sup>.

<sup>20</sup> Gramberg (1988, p. 144-145) afirma isso no texto abaixo:

There are only two other earlier cases cited in the literature (Ramsden 102, 178). The first is a line from the thirteenth-century *Calila e Dimna*: *Di tú: ¿me viste fazer esto que dizes?* (Alien 1906:4.526-7). This example is highly suspect, however, for there is reason to believe that it is the product of erroneous editing rather than a reflection of thirteenth-century speech. If one considers the context in which it appears, and keeps in mind the fact that in the medieval system clitics appeared perverbally after emphatic perverbal subjects, it seems that the correct reading is as follows: *Di: ¿ Tú me viste*

- (33) *Yo **me** parto para el si licencia me das* (CEL, fol. 33r)  
 Eu me parto para ele se licença me das

A estrutura sintática do espanhol é SV, a inversão dessa estrutura sintática para VS demarca uma ênfase no sujeito que foi deslocado para a direita do verbo, e esse deslocamento focaliza um elemento no texto. No exemplo (34), o acento enfático está no sujeito *yo*, atraindo o clítico, fazendo com que ele fique enclítico ao verbo<sup>21</sup>; já no exemplo (35), temos a inversão da estrutura sintática, mas o clítico está próclítico ao verbo, porque a ênfase recai sobre a palavra *harto*.

- (34) *Hazia**lo** yo mejor quando tu abuela que dios aya me mostraua este oficio*  
 (CEL, fol. 50v)  
 Fazia-lo eu melhor quando tua avó que deus tenha me mostrava este ofício.

- (35) *Harto **te** dezia yo quien era esta vieja si tu me creyeras* (CEL, fol. 77v)  
 Farto te dizia eu quem era esta velha se tu me creras

No exemplo abaixo, temos a estrutura sintática em SV, em que o sujeito é o pronome pessoal de 1ª pessoa, mas neste caso o foco está no advérbio *todo* que atrai o clítico, ocorrendo a ênclise.

- (36) *Yo quise**lo** todo: & assi me padezco su ausencia & tu presencia:* (CEL, fol. 19v)  
 Eu qui-lo tudo: e assim me padeço sua ausência e tua presença

---

fazer esto que dizes? It should be pointed out that, as in modern Spanish, questions in Old Spanish normally show subject-verb inversion but in this case the question is accusatory. It is posed in exasperation by an innocent woman directly to the dishonest servant (*un açorero*) who has claimed falsely that he saw her in bed with the *portero*. Thus, the context strongly suggests that the perverbal subject is emphatic, which in turn explains the perverbal position of the clitic.

<sup>21</sup> Quero destacar que estamos falando de texto do século XV, em que havia a próclise no começo de orações. Neste caso, estou afirmando que ocorre a ênclise, porque o acento enfático recai sobre o sujeito *yo*, atraindo a ênclise. Gramberg (1988, p. 142) destaca que o surgimento da próclise em orações absolutas evidencia a importância da passagem da ênclise para a próclise:

Documented cases of clitic pronouns in absolute sentence-initial position constitute the strongest evidence that one can muster to substantiate the passage from enclisis to proclisis.

## 2. Orações coordenadas e/&

Observamos que se dá tanto a ênclise (37) quanto a próclise (38) em: oração coordenada à oração matriz; oração coordenada dentro de outra coordenada; e oração coordenada dentro de uma subordinada.

### (37) Ênclise

- Oração coordenada à oração matriz:

- a. abatio se el girifalte & vine **le** endereçar enel alcandara. (CEL, fol. 2r)  
abateu-se o falcão e vim lhe endereçar no poleiro
- b. ponen le el escalera. sube por ella & mete **se** enla huerta onde halla melibea (CEL, fol. 81v)  
põe-lhe a escada. Sobe por ela e mete-se na horta onde acha Melibea

- Oração coordenada dentro de outra coordenada:

- a. Mas auje fecho grant jornada & ssintios**se** desmayada (SME, fol. 73r)  
Mas havia feito grande jornada e sentiu-se desmaiada

- Oração coordenada dentro de uma subordinada

- a. porende da me licencia que es muy tarde: & dexa **me** lleuar el cordon porque tengo del necesidad. (CEL, fol. 42r)  
portanto da-me licença que é muito tarde: e deixa-me levar o cordão porque tenho necessidade dele

### (38) Próclise

- Oração coordenada à oração matriz:

- a. Despues les mandaua fer oraçion & **les** fazien luego sermon (SME, fol. 75r)  
Depois lhes mandava fazer oração e lhes faziam logo sermão
- b. queda celestina en casa con melibea & **le** descubre la causa de su venida. (CEL, fol. 24r)  
fica celestina em casa com Melibea e lhe descobre a causa de sua vinda

- Oração coordenada dentro de outra coordenada:

- a. & avn despues vino otra & **se** fue. (CEL, fol. 23r)  
e, todavia, depois veio outra e se foi
- b. & tu como lo sabes & **la** conosces. (CEL, fol. 9r)  
e tu como o sabes o a conheces

- Oração coordenada dentro de uma subordinada

- a. porque la hallaron de noche con vnas candelillas cogendo tierra de vna encruzijada: & **la** touieron medio dia en vna escalera enla plaça: (CEL, fol. 45v)  
porque a acharam de noite com umas castiçais colhendo terra de uma encruzi-  
lhada: e a tiveram meio dia em uma escada na praça
- b. mejor sera que vayas conella & **la** aquexes pues sabes que de su diligencia pende mi salud (CEL, fol. 18r)  
melhor será que vas com ela e a aflijas pois sabes que de sua diligência depende  
minha saúde

3. em orações subordinadas *que/si*

Nos textos estudados, nas orações subordinadas, a próclise é licenciada (39).

- (39) a. tomara el encenso **que** pertenecerá (AUTO, l. 21)  
tomara o incenso que lhe pertencerá
- b. Non es njnguno que **la** salue ssino es dios si a el plaze (SME, fol. 65v)  
não é nenhum que a salve, senão é Deus se a ele apraze
- c. Entiendeme duenya esto que yo te fablo que **me** parto del diablo (SME, fol. 71r)  
Entende-me dona isto que eu te falo que me parto do diabo
- d. Mas rauia mala me mate **si te** llego ami avn que vieja: (CEL, fol. 12v)  
Mais raiva má me mate se te chegou a mim ainda que velha
- e. pues vino no me sobraua: delo mejor que **se** beuia enla cibdad venido de  
diuersas partes (CEL, fol. 61r)  
pois vinho no me sobrava: do melhor que se bebia na cidade vindo de diversas  
partes

No caso da mesóclise (40), o verbo é considerado como anteposto ao verbo  
(ênclise)<sup>22</sup>

<sup>22</sup> Castillo Lluch (1996, p.84) diz que:

**Bendzirse an** en ti todas las generaciones de la tierra e en to linnage. E yo sere contigo e **guardarte he** por o andidieres e **tornarte he** a esta tierra e non te dexare troa quant fago lo que te fable. (LFU 139)

Las formas analíticas del futuro y del condicional (*bendzirse an / bendzirse ian*) podrían catalogarse dentro del apartado de perífrasis de infinitivo, compuestas por un verbo conjugado (*an / ian*) y por un infinitivo (*bendzirse*), en cuyo caso el pronombre sería clasificado como antepuesto al verbo principal. No obstante, por razones de unificación formal, hemos decidido

- (40) a. no me hinches las narizes con essas memorias: si no embiarte he con nueuas a ella (CEL, fol. 78r)  
 não me encha o saco com essas memorias: senão enviar-te-ei com novas a ela
- b. ven hermana a comer. no hagas agora esse prazer a estos locos porfiados: si no leuantar me he yo dela mesa (CEL, fol. 57v)  
 vem irmã a comer. Não façás agora esse prazer a estes loucos teimosos: senão levantar-me-ei eu da mesa

É difícil delimitar quando ocorre a variação entre ênclise e próclise. Devemos lembrar que os textos foram escritos por diversos autores que nasceram e escreveram os textos em diferentes épocas, e essa variação dos clíticos pode estar sujeita ao estilo e à língua de cada escritor<sup>23</sup>.

---

otorgar en este apartado descriptivo igual tratamiento a las formas analíticas y sintéticas del futuro y del condicional. Es decir, *bendezirse an / ian* serán analizados como si se tratara de *bendeziranse / bendezirianse*, por lo tanto de posposiciones pronominales. En otros términos: hemos tomado estas formas analíticas como un todo morfológico en el que se intercala un pronombre, el cual, en la medida en que no aparece antepuesto a toda la construcción, se considera que ocupa la posición postverbal.

<sup>23</sup> Galves et al. (2005, p. 07) em estudos feitos com textos dos séculos XVI e XVII comentam sobre isso:

We interpret the pattern revealed by our data as indicative that the texts written by 16th and 17th century authors represent a grammar where enclisis and proclisis correspond to distinct structures, the option between them being subject to stylistic and textual conditionings. Proclisis is neuter and enclisis is marked.

Kroch (1989, p.03) reforça que os textos, dos quais extraímos os dados para se fazer a análise, são registros de linguagem em uso e que o processo de mudança da língua se dá pelo uso da língua:

To study the process of change, we must recognize that the historical texts from which we abstract our data are records of language in use. They have preserved, for us to re-experience or to study, past human linguistic activity; and this activity was not that of ideal speaker/hearers in a homogeneous setting but that of actual people in specific historical circumstances. As sociolinguists have insisted (Weinreich, Labov, and Herzog, 1968; Labov, 1982), people live in linguistically heterogeneous environments and both learn and use their language under these conditions. Furthermore, the widespread occurrence of bilingualism and diglossia show that people often know more than one grammatical system; and the striking phenomenon of intra-sentential code-switching reveals that, in using their knowledge, people may switch fluently between forms from different systems (Poplack and Sankoff, 1981; Woolford, 1983; Joshi, 1985). It is obvious that if we conceive grammar in the standard way, as we have above, the process of language change is not a fact of grammar but a fact of language use and so must be studied with tools appropriate to that domain. The study of language use is the study of the choices that people make among alternative forms in their repertoire of grammatical knowledge in formulating utterances.



### 3. Quando a frase começa com a conjunção *mas*

De acordo com Elvira (1987), quando a frase começa com a conjunção *mas*, o clítico se pospõe ao verbo, mas encontrei casos de variação com a conjunção *mas*, em que o clítico pode estar tanto proclítico, nos exemplos (41a) e (41b), quanto enclítico ao verbo, nos exemplos (41c) e (41d):

- (41) a. *mas* **le** querra dar que lo dicho (CEL, fol. 31v)  
 mas lhe queira dar que o dito
- b. *mas* **vos** ualdra que huna fabla de huna duenya (SME, fol. 65r)  
 mas vos valerá que uma fada de uma dona
- c. *mas* ssemejauan **le** muy fieros (SME, fol. 70r)  
 mas assemelhavam-lhe muito ferozes.
- d. la oso santiguar *mas* ayudol**a** a leuantar (SME, fol. 80r)  
 a ousou santificar mas ajudou-a a levantar

### 4. Variação com o mesmo verbo

No texto *Auto de los Reyes Magos* (século XII), encontramos próclise (42) e mesóclise (43) com o verbo adorar.

- (42) ire, **lo** aorare (AUTO, l.31)  
 Irei, o adorarei
- (43) i adoral**o** e (AUTO, l. 106)  
 E adorá-lo-ei

A explicação para essa variação está também na ênfase do pronome *lo*. Segundo Ramsden (1963, apud Gramsberg, 1988) atribui-se a próclise do clítico *lo* ao seu senso de exaltar, engrandecer ou louvar ao Senhor Deus.

The second case cited by Ramsden occurs in two lines from the *Auto de los reyes magos* (31 and 58) that read: *iré, lo aoraré*. Ramsden correctly points out that *aoraré* cannot be interpreted as an infinitive, in which case the word order would be normal. Thus, if the preceding interpretation of the example from *Calila* is correct, these lines from the *Auto* remain as the only examples in Spanish between c. 1200 and 1438. A gap of 238 years (more or less) calls for an explanation and underscores the uncertainty of these examples as indicative of autochthonous usage. Ramsden attributes the preverbal position of *lo* to the influence of the strong personal pronoun which was frequently used in an exaltative sense instead of the weak pronoun to refer, as here, to God or Christ" (102). (GRAMBERG, 1988, p. 145)

### 5. Variação com a expressão *Por Dios...*

Constatei que na expressão *Por Dios* há variação entre ênclise e próclise. Essa variação se deve também ao acento enfático que se quer dar à essa expressão. Os exemplos (44a), (44b), (44c) e (44d) apresentam a ênclise, e os exemplos (44e), (44f), e (44g) a próclise. Observe que com o verbo *rogar* se apresenta tanto a ênclise quanto a próclise.

- (44) a. Juro **vos** *por dios* uerdadero non he comjgo mas de vn dinero (SME, fol. 69r)  
 Juro-vos por Deus verdadeiro não tenho comigo mais de um dinheiro
- b. Conjuero **te** *por dios* el grant que non vayas daqui adelant (SME, fol. 76v)  
 Conjuero-te por Deus o grande que não vaias daqui em diante
- d. Nunqua yo tu par vi *por dios* consei**me** aquí. Duenya conseio te pido si podria fincar contigo (SME, fol. 79r)  
 Nunca eu tu par vi por Deus aconselha-me aqui. Dona conselho te peço se poderia ficar contigo
- e. Cuenta **me lo** *por dios* Sempronio mira que tanta (CEL, fol. 76r)  
 Conta-me o por Deus Simprônio olha que tanta
- f. Ruego **te** *por dios* se cubra con secreto sello: porque yo goze de tan suaue amor. (CEL, fol 66v)  
 Rogo-te por Deus se cubra com segredo selo: porque eu goze de tanto suave amor
- g. *Por dios* mira **te** que estas a peligro. (CEL, fol. 74v)  
 Por deus olha-te que estás a perigo
- h. *Por dios* **me** digas tu sennyor ssi de dios ayas amor (SME, fol. 68v)  
 Por Deus me digas tu senhor se de deus hajas amor
- e. *Por dios* **vos** ruego e por caridat que conbusco me leuat (SME, fol. 69r)  
 Por Deus vos rogo e por caridade que convosco me leva
- f. *Por dios* **vos** ruego que melo digades de qual parte venjdes o que buscades (SME, fol. 77r)  
 Por deus vos rogo que me lo digais de qual parte vens o que buscáis
- g. Duenya por que cayes a mjs pies *por dios* **te** Ruego que te lieues. (SME, fol. 78v)  
 Dona por que caís a meus pés por deus te rogo que te leves.

- h. Agora me quiero partir de ti *por dios* **te** Ruego hora por mj (SME, fol. 80v)  
Agora me quero partir de ti por deus te rogo hora por mim
- i. que burlo: *por dios* **la** creo: *por dios* **la** confieso: & no creo que ay otro soberano  
enel cielo avn que entre nos otros mora (CEL, fol. 4r)  
que burlo: por deus a creio: por deus a confesso: e não creio que haja outro  
soberano no céu embora que entre nós mora
- j. no **me** castigues *por dios* a mi vegez: no me maltrates elicia (CEL, fol. 23v)  
não me castigues por deus a minha velhice: não me maltrates Elicia
- k. alas qualas espero para auer te de creer. pero *por dios* **me** digas que es esso que  
dixiste de areusa (CEL, fol. 53r)  
às quais espero para haver-te de crer. Mas por deus me digas que é isso que  
dissestes de Areusa

A partir do exposto acima, observamos que a distribuição da ênclise e da próclise é derivada de restrições de natureza prosódica.

Vimos que tanto os fenômenos sintáticos como os fenômenos fonológicos influenciaram na variação entre ênclise e próclise. Essa variação ocorre pela ênfase (acento enfático) que se quer dar a um item lexical na oração.

Constatamos que havia gramáticas competindo entre si. O modelo de competição de gramáticas proposto por Kroch (1989, 2001) evidencia que a variação na língua está associada a uma mudança na marcação de parâmetros diferentes no período da aquisição da língua. A fixação de um parâmetro diferente entra em competição com outros parâmetros já existentes. Essas variações paramétricas resultam em diferentes gramáticas ao longo de um determinado tempo, coexistindo uma gramática antiga com uma gramática inovadora.

#### 4.3.1 INTERPOLAÇÃO NO *CORPUS* ESTUDADO

Sabemos que a interpolação seria a colocação de um constituinte entre o clítico e o verbo, e esse constituinte podia ser uma partícula negativa, um sintagma nominal, pronomes, advérbios e sintagmas preposicionais. Nos textos analisados só encontramos casos de interpolação com a partícula negativa (45), com o pronome (46) e com o sintagma preposicional (47).

- (45) Elos iuyzes que **los** non quisieren demandar cayales en periuro. (FZ, fol. 3r)  
E os juízes que os não quiseram demandar caia-lhes em perjúrio
- (46) Avn que no **lo** este deues sen~or cessar tu razon. (CEL, fol 40v)  
Embora não o este debes senhor cessar tua razão
- (47) Omne que ouier fillo o filla de barragana **se** los per lengua non heredar non sean heredados nennos tragan a derecho (FZ, fol. 5r)  
Homem que tiver filho ou filha de concubinato se os por língua não herdar não sejam herdados nem os tragam a direito

Confirmamos, através dos textos estudados, que a interpolação aparece em orações subordinadas, mas constatamos que foi encontrado um dado de oração matriz interpolada (48).

- (48) Aquesta sangre **nos** a el dada (SME, fol. 80r)  
Aquele sangue nos a ele dada

Gostaria de salientar que a interpolação da partícula negativa *não* é mais frequente do que os outros constituintes interpoláveis encontrados ao longo da análise dos textos. Para Namiuti (2008), considerando a ideia de Mito (1992), essa frequência da utilização da partícula negativa não se dá, porque o *não* é um clítico sintático fixo, enquanto que os clíticos pronominais seriam núcleos que se movem para o seu hospedeiro na sintaxe, ou seja, a interpolação da partícula negativa não está relacionada com o seu caráter clítico. Namiuti (2008) propõe que devido à partícula negativa não ter a propriedade de núcleo funcional e ter caráter de clítico, explicaria o porquê de a negação ter sido o elemento que mais ocorreu interpolado entre o pronome clítico e o verbo.

Nos textos analisados apareceram mais casos de Neg-cl-V do que a interpolação negativa do não entre o clítico e o verbo. A variação na ordem dos constituintes cl-Neg-V (interpolação) para neg-cl-V (próclise), atestadas nos textos analisados pode estar relacionada com gramáticas em competição no período medieval.

Chenery (1905), no texto de Vida de Santa María Egipciaca, encontrou um único caso de interpolação:

1. Vida de Santa Maria Egipciaca (Appendix No. 2).-  
In the 1442 verses of this poem there is only one example of interpolation:  
por poco que se non murien, v. 103,

as against eight examples of the type *que non lo*, five of them with the pronoun *se*. I think we must attribute this one exceptional case of interpolation to a XIV century copist. (CHENERY, 1905, p. 39)

Além desse exemplo destacado por Chenery (1905), pudemos observar que há mais outro exemplo de interpolação nesse texto:

- (49) Aquesta sangre **nos** a el dada (SME, fol. 80r)  
Aquele sangue nos a ele dada

Verificamos que há um decréscimo progressivo do fenômeno da interpolação ao longo dos séculos: no século XII não encontramos interpolação; no século XIII, há um aumento significativo no uso da interpolação, mas nos séculos posteriores (séculos XIV e XV) há um decréscimo. Só foi encontrada uma interpolação no texto do século XV, reforçando que a interpolação foi desaparecendo ao longo do período medieval.

#### 4.3 CONCLUINDO O CAPÍTULO

A sociolinguística histórica da Europa é uma história de conquistas, disputas, intercâmbio linguístico e cultural. Cada região da Espanha teve uma mudança sociohistórica diferente. De acordo com Lapesa (1981), a interpenetração e a superposição de distintos povos e línguas devem ter sido grandes em toda a Península.

Tuten (2003) afirma que a rápida chegada de imigrantes de tamanha diversidade regional e dialetal, particularmente perto de Burgos e em áreas do sul e oeste da Península, aumentou a variação nas normas sociais e linguísticas, ao mesmo tempo que enfraqueceu as redes sociais: as próprias condições que promovem as koineizações.

Segundo Cano Aguilar (2005), a consciência da gênese da língua espanhola era antiga e começou a formular-se na Idade Média com a tese da corrupção da língua (*corruptio linguae*). No século XV, a língua espanhola vivia em constante mudança e não tinha regras definidas, as quais só se formaram ou se impuseram até o século XVI. Nebrija (1492) chega à conclusão que é necessário fixar as regras da língua espanhola para se evitar o processo natural de corrupção e para não se distanciar cada vez mais do latim. Um ponto importante que devemos destacar é que ao longo da leitura da Gramática Castelhana, Nebrija (1492) só se preocupa com a origem da língua espanhola em uma perspectiva histórica, não levando em conta a variação sociolinguística que ela sofreu com a introdução de outras línguas que influenciaram a história da língua castelhana. Segundo Pinto (2011), o contato, principalmente, com as línguas germânicas

e árabes foi determinante no espanhol antigo, porque deixou marcas bem características na sintaxe. Em síntese, o que se observa é o ingresso de vários povos na Península Ibérica. O contato desses povos com os que ali já habitavam a Península originou um grande fluxo linguístico e cultural.

Ao longo da história do espanhol, a próclise sempre foi a opção preferida e a ênclise é o último recurso de excepcionalidade. Os resultados descritos na sessão acima ajudam a pensar na questão de interface com a prosódia, mas também que a variação encontrada no *corpus* estudado se deve a competição de gramáticas.

## 5 TIPOS DE CLÍTICOS NO ESPANHOL MEDIEVAL

Os estudos de Rivero (1986b) fazem uma comparação entre os clíticos do Espanhol Antigo com o Espanhol Moderno, destacando que estes são afixos verbais, morfologicamente dependentes dos verbos, enquanto aqueles são categorias lexicais que alcançam projeções máximas (XP) e são dependentes fonologicamente de qualquer item lexical, tornando-se clíticos fonológicos. Por outro lado, Fontana (1993) adota a visão de que os clíticos no espanhol medieval são elementos de categorias máximas (XP), mais especificamente NPs/DPs, que são adjungidos à direita ou à esquerda do primeiro XP, posição dominada pelo IP, ou se não, substituído no Spec (IP).

Rivero (1986a) sugere que os clíticos no Espanhol Antigo são restritos posicionalmente por fatores fonológicos que operam após o componente sintático, ou seja, que eles sofrem a ênclise na Forma Fonética, após as regras sintáticas e estilísticas terem sido aplicadas.

Up to Surface Structure and/or P[honetic] F[orm], they are PRONOUNS, and share the categorial characteristics of NP's and PP's. After the stylistic rules in PF, they are CLITICS, and are restricted on the basis of their lack of tonicity. A 'clitic' has all the regular properties expected from its appropriate characterization in each branch of the grammar. As a consequence, there are no 'clitic' positions in the Phrase Structure rules, and no rules reserved for 'clitics' in syntax or Logical Form. In the PF branch, clitics have special properties. (RIVERO, 1986a, p.776).

Rivero (1986a) denomina o fenômeno que há por trás dos pronomes não-tônicos serem chamados de clíticos fonológicos de Inclinação (*Inclination*), onde o pronome não-tônico se adjuge à palavra imediatamente adjacente e sofre apócope através de uma regra geral de exclusão da vogal final.

- (1) a. et el padre firio-**l** et maltrexo **lo**  
e o pai ferio-lhe e maltratou-o
- b. luego que-**l** fieren  
logo que lhe machucaram
- c. No-**l** querades.  
Não lhe queráis

(RIVERO, 1986a, p.784)

Rivero (1986b, 1992) afirma que o sistema de clíticos no espanhol medieval é um sistema misto: alguns dos clíticos encontrados nos textos são clíticos XP, clíticos com status de projeção máxima a CP, e estão relacionados com os efeitos da lei de Wackernagel; e clíticos que devem ser considerados núcleos, clíticos X<sup>o</sup>, com status de projeção máxima a I, relacionados com os efeitos da lei de Tobler-Mussafia. Sigamos o exemplo dado por Rivero (1997) para demonstrar as estruturas dos dois sistemas:

(2) [CP C [YP Y... [TMP [TM' CL IP]]]] I – system

(3) [ CP C [YP Y [TMP CL[ TM Ø [IP ]]]]] C – system

(RIVERO, 1997, p. 176)

Rivero (1997) mostra nessas estruturas acima que, no sistema I, o clítico está adjacente ao verbo, enquanto que no sistema C, o clítico está adjacente a C e estão separados por algum constituinte, gerando a interpolação.

Segundo Fontana (1997), Rivero (1997) não considera o espanhol medieval como uma língua V2, e por isso não tenta esclarecer a distribuição dos clíticos em termos da estrutura sintagmática geral nas línguas V2. Para Fontana (1997) a análise V2/2P é a única que tenta explicar essa distribuição, eliminando a necessidade de se construir generalizações como WL ou TML diretamente na gramática:

Thus, the V2/2P is the only analysis that attempt to explain the general distribution of clitics in the medieval Romance languages in terms of independently motivated facts about the syntax of general word order and the specific syntax of 2P clitics, eliminating the need to build generalizations like WL or TML directly into the grammar. As we will presently see, this feature of the analysis allows for a more successful, less stipulative account of the facts. (FONTANA, 1997, p. 234).

Fontana (1997) menciona que Rivero (1986b, 1992) corretamente observou que os clíticos no espanhol medieval é um sistema misto: ora se comportando como núcleos (X<sup>o</sup>), ora se comportando como projeções máximas (XP). Para Fontana (1997) essa visão é compatível com o seu argumento apresentado em Fontana (1993), em que os clíticos gradativamente evoluíram de projeções máximas (XP) para núcleos (X<sup>o</sup>), mas Fontana pontua que considerar o clítico do espanhol medieval como um sistema misto é um equívoco:



Another problem is that positing a mixed system of this sort fails to make any connection to the fact that this system represents an intermediate stage in the transition from a system in which all clitics are uniformly  $X_{max}$  to one in which they are uniformly (or close to uniformly) part of verbal inflection. (FONTANA, 1997, p. 247).

Possivelmente, Fontana (1997) não considere que o espanhol medieval tenha tido um sistema misto de clíticos justamente por não considerar, em sua análise, a competição de gramáticas, buscando derivar a gramática do espanhol medieval exclusivamente numa perspectiva de língua V2 simétrica, com o verbo situado em I<sup>o</sup>. Este é o ponto que pretendemos revisar aqui, considerando os desenvolvimentos de Pinto (2011) e trabalhos posteriores.

Halpern e Fontana (1993) apontam que os clíticos podem ser projeções máximas (XP), clíticos que estão adjacentes a qualquer constituinte da frase, o que isso dá aos clíticos certa movimentação, permitindo a interpolação de constituintes entre o clítico e o verbo (4); ou projeções mínimas ( $X^o$ ), que são uma realização morfológica de características flexionais (concordância), clíticos que precisam ficar adjacentes ao verbo o que os obriga a se anexar a um núcleo (5).

- (4) Assi como **les** dios auie prometido  
Assim como lhes Deus havia prometido

(HALPERN; FONTANA, 1993, p. 252)

- (5) ¿Miembra=t quando lidiamos çerca Valençia la grant?  
Lembra-te quando brigamos ao redor de Valença, a grande?

(HALPERN; FONTANA, 1993, p. 252)

Fonologicamente os clíticos XP, que precedem verbos finitos, são geralmente enclíticos à palavra anterior. Verifica-se isso no Espanhol Medieval, em que a ênclise neste caso se dá pela inabilidade de o clítico não poder aparecer na posição inicial devido à lei de Tobler-Mussafia (TML).

- (6) Esto=lidiare aquí antel Rey don alfonso (PMC.3344)<sup>24</sup>  
Isto lhe disputo aqui frente o Rey Dom Alfonso

(HALPERN; FONTANA, p. 253)

A partir dos estudos feitos por Halpern e Fontana (1993) tem-se uma comparação entre esses dois clíticos:

### **Clíticos XP**

1. São projeções máximas
2. Estão adjacentes a qualquer constituinte da frase, o que isso dá aos clíticos certa mobilidade.
3. Podem preceder um verbo finito, mas neste caso eles são enclíticos devido à TML.
4. São categorias frasais que funcionam como argumentos.
5. Não precisam estar adjacentes a um verbo ou auxiliar, e quando estão adjacentes a esses elementos, eles não precisam estar em um lugar específico.
6. Devem se unir a uma projeção frasal.

### **Clíticos X°**

1. São afixos flexionais
2. São realizações morfológicas de traços flexionais
3. Anexam-se a um anfitrião morfofonológico
4. Precisam ficar adjacentes morfológicamente ou fonologicamente ao verbo adjacente, o que os obriga a se anexar a um núcleo
5. Podem ser sensíveis à proximidade da borda da frase.
6. Podem se envolver na subida de clítico
7. Podem se comportar notavelmente como um pronome não-clítico.

Verificamos que há dois pontos de vista em relação ao tipo de clíticos no espanhol medieval. Para Rivero (1986b, 1992) havia dois sistemas de clíticos (XP e X°), enquanto que para Fontana (1993) havia um único sistema de clíticos (XP).

---

<sup>24</sup> Este exemplo é bem curioso, porque o clítico está escrito preso ao primeiro constituinte. Aqui teríamos uma ênclise ao primeiro elemento, o que poderia ser equivalente a um tipo de interpolação. Ou seja: se tivéssemos uma negação, o esperado seria: Esto=l no lidiare.

Assumiremos aqui que o ponto de vista de Rivero (1997) encaixa-se melhor em nossos estudos, pois como veremos a seguir, a variação do clítico no espanhol medieval se deve ao fato de termos dois sistemas de clíticos interagindo, percorrendo tanto em uma posição funcional orientada para um sistema I e outra posição funcional orientada para o sistema C.

### 5.1 COMO ÊNCLISE E PRÓCLISE SÃO GERADOS

Vimos que a ênclise categórica se dá em orações matrizes V1, enquanto que a próclise categórica se dá em orações subordinadas, orações negativas, em orações interrogativas, e com foco periférico esquerdo<sup>25</sup>.

<sup>25</sup> Podemos observar que esses elementos lexicais que funcionam como elementos atrativos para a próclise, bloqueia totalmente a ênclise. Vejamos abaixo o estudo feito por Shlonsky (2004) comparando o galego e o português europeu (GALPORT) com outras línguas:

The difference between the traditional inflectional categories and negation is that the former are typically incorporation hosts that attract the verbal stem. It is quite conceivable, nonetheless, that a head will attract a feature on a lower head without actually attracting or incorporating the lower head itself—that is, without pied-piping it. This is the case of negation in Berber, but clearly the same holds for the GALPORT contrast in (19) and for the Cypriot Greek pattern, illustrated by the contrast between the affirmative (15a), repeated here as (27a), and the negative (27b):

(27) a. I Maria edhkiavasen *to*.

the Maria read 3MS  
'Maria read it.'

b. En *ton* iksero.  
NEC 3MS (I) know  
'I don't know him.'

Aside from negation, left-peripheral focus and overt wh-movement exercise a blocking effect on enclisis in Berber (28), Cypriot Greek (29) and GALPORT (30). This is evidenced by the obligatory manifestation of proclisis in these examples:

(28) a. *Maymi-as-tt* yuzn Moh?

why DAT3s-ACc3ps sent Moh  
'Why did Mofi send it to her?'

a'. M ay tsyu terbatt?  
What that bought girl  
'What did the girl buy?'

b. Moh ay-*as-tt* yuzn.  
Moh that DAT3s-ACc3FS sent  
'It is Moh who sent it to her.'

(29) a. Pjostonidhe?

Who SMS saw  
'Who saw him?'

b. Tuto to vivlio *su* edhoken i Maria  
this the book 2s gave the Maria  
'This book, Maria gave you.'

(30) a. O que Ihe deu a Maria ontem?

the what DAT3s gave the Maria yesterday  
'What did Maria give him/her yesterday?'

b. ISSE *Ihe* disse eu.  
This DAT3s said I

Na seção intitulada uma nova proposta para a posição do clítico no português europeu, Galves e Sândalo (2012) adotam que a ênclise é um efeito da aplicação de uma regra de reajuste no nível morfológico, e não como um resultado do movimento do verbo através do clítico. Para explicar sobre essa posição, as autoras adotaram uma visão de interface na Morfologia Distribuída (MD), em que Embick e Noyer (2001) analisaram operações de movimento que acontecem depois da derivação sintática, no componente FF (Forma Fônica) e observaram que nem todas essas operações de movimento ocorrem por causa de um movimento sintático.

Segundo Embick e Noyer (2001), o Merger (combinação) é uma operação com diferentes domínios de aplicação que ocorre em diferentes estágios em uma derivação na FF. Sua proposta é que há dois tipos de Merger, dependendo se o Merger ocorre na Morfologia antes, durante ou após o Vocabulary Insertion (Inserção de Vocabulário), diferem dependendo se o Merger se aplica em uma estrutura linearizada ou não. O primeiro Merger seria o Lowering (Abaixamento) que opera a nível de estruturas hierárquicas e envolve a junção de núcleo com núcleo, e esses núcleos não precisam estar adjacentes. O Local Dislocation (Deslocamento Local) ocorre após o Vocabulary Insertion. No Local Dislocation a afixação não é hierárquica, mas uma precedência e adjacência linear.

---

'This is what I told him/her.'

(SHLONSKY, 2004, p. 341-342)

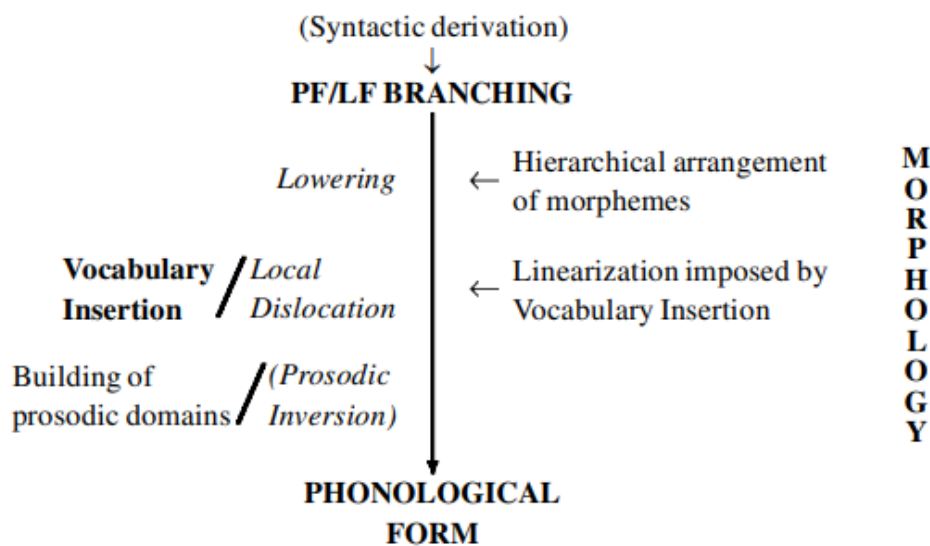
Benincá (1995) afirma que o mesmo fenômeno ocorre com o Português Antigo:

In a dependent clause introduced by a *wh*-pronoun or a complementizer we always have the order clitic-verb, as in the following Old Portuguese examples (from Huber (1933:160 ff.)):

- (26) a. As tuas doces palavras per que me prometias  
           'your sweet words with which you promised me'  
       b. O rato respondeo que lhe prazia  
           'The mouse answered that to-him-pleased'.

(BENINCÁ, 1995, p. 339)

Figura 4: Derivação Sintática



(EMBICK; NOYER, 2001, p. 556)

Galves e Sândalo (2012) argumentam que a regra responsável pela ênclise no português europeu moderno é o Lowering, visto que este é sensível à estrutura sintática; enquanto no português clássico, a colocação dos clíticos não é sensível à estrutura sintática, mas as fronteiras entoacionais e a ênclise seria derivada após a construção dos domínios prosódicos, no nível mais baixo da FF, e a regra responsável por isso não seria a Local Dislocation, mas a Prosodic Inversion, em que os elementos que ele afeta são categorias prosódicas e não categorias morfológicas. A MD formula essa mudança como um caso de gramaticalização, já que o Lowering tem acesso à estrutura sintática, e a Prosodic Inversion, não. O Lowering aplica-se antes da linearização, tendo acesso a estruturas sintáticas, enquanto o Local Dislocation aplica-se após a linearização e o Vocabulary Insertion perdendo, portanto, informação sintática, e a Prosodic Inversion é sensível aos limites prosódicos. Com o Lowering ainda estamos na sintaxe, enquanto que com o Prosodic Inversion já estamos na Fonologia. A mudança da Inversão Prosódica para Lowering é um exemplo de gramaticalização, conforme o esquema abaixo:

(7) Prosodic Inversion >> Local Dislocation >> Lowering

(GALVES; SÂNDALO, 2012, p. 29)

A MD propõe uma articulação entre a sintaxe, a morfologia, e a fonologia e define um caminho de gramaticalização para verificar se as regras responsáveis pelo movimento dos morfemas acessam ou não as estruturas sintáticas.

Shlonsky (2004) propõe que na derivação sintática, na ênclise, o clítico está em uma posição de núcleo funcional ou está adjungido a essa posição, e  $V^o$  ou  $F^o_{[+V]}$  está adjungido ao clítico. Na próclise ocorre o inverso, o clítico está adjungido ao  $V^o$  ou  $F^o_{[+V]}$ , porque neste caso, o clítico é um núcleo de XP na posição de especificador, em que o verbo se move acima desse XP para F.

A variação entre ênclise e próclise se dava não só em um mesmo contexto sintático, mas também prosódico. De acordo com Truckenbrodt (1999), alguns constituintes prosódicos mostram relação com os constituintes da estrutura sintática, embora aqueles não sejam considerados isomórficos aos constituintes sintáticos.

Some of these prosodic constituents, such as the prosodic word, the phonological phrase, and the intonational phrase, show systematic relations to syntactic constituent structure, though they have often been argued not to be isomorphic to syntactic constituents. The rules or constraints relating syntactic and prosodic structure are referred to as the (syntax-phonology) mapping. (TRUCKENBRODT, 1999, p. 220).

Segundo Sândalo (2004), é de acordo comum que não haja um mapeamento direto da sintaxe para a estrutura prosódica. Sândalo (2004) destaca que na vertente que segue a visão do modelo de regência e vinculação (Chomsky, 1981), a gramática é configurada através de módulos autônomos e a interação entre esses módulos deve ser mínima, e a prosódia seria processada em um componente independente chamado de *estrutura p*, que se localiza entre a sintaxe e a fonologia. Já na segunda linha de investigação, o mapeamento prosódico poderia acessar relações sintáticas. E por último, há a visão da teoria da otimalidade, em que não há um mapeamento unidirecional da estrutura sintática para a estrutura prosódica, bem como não há parâmetros.

Abaurre e Galves (1996) analisam os clíticos em uma abordagem sintático-fonológica no português do Brasil (PB), em que a hipótese levantada é que os clíticos, por sua natureza híbrida, situam-se tanto no limite da fonologia quanto da sintaxe. Do ponto de vista sintático, os clíticos do PB são analisados como núcleos e não como sintagmas, porque no final da derivação, eles não ocupam uma posição argumental, mas encontram-se afixados pelo IP. A escolha da próclise (Cl-V) corresponde à interpretação

desses elementos como sintagmas (XP), e do ponto de vista fonológico como palavras autônomas. Quando enclíticos, os clíticos são considerados como integrantes da palavra.

No português clássico e no português europeu, Galves et al. (2005) pressupõem que a posição proclítica ou enclítica dos clíticos é uma questão morfológica, ou seja, deriva de condições sobre a boa formação das palavras, e não das propriedades das categorias funcionais que está ligada à sintaxe. A mudança na posição dos clíticos do português clássico para o português europeu moderno está relacionada com a restrição *Non-initial*. A variação entre ênclise e próclise deriva da aplicação dessa restrição: o clítico não pode ser o primeiro elemento do primeiro X-barra da oração. A restrição *Non-initial* está ligada à prosódia e nesse sentido se assemelha à lei de Tobler-Mussafia. Galves et al. (2005) levantam a questão de que forma a Lei de Tobler-Mussafia seria traduzida em termos modernos. A hipótese que as autoras levantam é o termo “oração”, na lei, refere-se a uma unidade prosódica que pode ser identificada como a entoação prosódica (IntP) da Teoria Prosódica. Então a movimentação do clítico ocorre no nível prosódico, no seu sintagma entoacional e essa restrição está relacionada com o clítico não poder se colocar em primeira posição em um IntP.

Den Besten (1989) argumenta que tudo que acontece com a conjunção na subordinada, acontece com o verbo na oração matriz, e, portanto, o verbo está no mesmo lugar da conjunção, e o clítico tem uma posição fixa na oração (2P clitic).

O clítico, por ele ser de segunda posição (2P clitic), ele não estará enclítico ao verbo em uma oração subordinada, e sim proclítico, porque ele terá que ocupar a segunda posição na oração, atraído pela conjunção.

Pinto (2011), analisando o espanhol medieval com o espanhol atual, destaca que a posição dos clíticos evidencia diferenças gramaticais entre as duas fases do espanhol. Em relação à colocação pronominal, a possibilidade de termos a ênclise, mesóclise e interpolação com verbos finitos no espanhol medieval é algo que diferencia as duas fases, porque no espanhol atual, a próclise é categórica nas orações finitas, funcionando como afixos. Pinto (2011) expôs nas tabelas abaixo a posição do clítico com verbos finitos nas duas fases da língua, discriminando ênclise, próclise e interpolação tanto em orações com uma única forma verbal quanto com locuções.

**Tabela 10:** Colocação pronominal em orações matrizes nas duas fases do espanhol

	próclise	próclise locuçã.	ênclise	ênclise locuçã.	interpolaçã.
	cl-V	cl-V <sub>[+fin]</sub> -V <sub>[-fin]</sub>	V-cl	V <sub>[-fin]</sub> -V <sub>[+fin]</sub> -cl	cl-XP-V
<b>Século XII</b>	38,57	6,65	54,53		
	45,22		54,53		
<b>Século XIII</b>	28,98	8,82	57,96	3,78	
	37,80		61,74		
<b>Século XIV</b>	39,40	10,64	47,88	1,33	
	50,04		49,21		
<b>Século XV</b>	54,24	5,65	38,42	1,13	
	59,89		39,35		
<b>Século XIX</b>	74,10	5,70	14,82	5,70	
	79,80		20,52		
<b>Século XX</b>	83,49	7,56	6,21	2,76	
	91,05		8,97		

(PINTO, 2011, p. 146)

**Tabela 11:** Colocação pronominal em orações subordinadas nas duas fases do espanhol

	próclise	próclise locuçã.	ênclise	ênclise locuçã.	interpolaçã.
	cl-V	cl-V <sub>[+fin]</sub> -V <sub>[-fin]</sub>	V-cl	V <sub>[-fin]</sub> -V <sub>[+fin]</sub> -cl	cl-XP-V
<b>Século XII</b>	71,72	14,67	11,41	1,63	
	86,39		13,04		
<b>Século XIII</b>	75,48	12,24	6,12	0,68	4,76
	87,72		6,80		
<b>Século XIV</b>	76,56	9,24	3,96	0,66	8,58
	85,80		4,62		
<b>Século XV</b>	68,33	19,85	1,75	5,26	4,67
	88,18		7,01		
<b>Século XIX</b>	76,16	10,88		12,24	
	87,78		12,24		
<b>Século XX</b>	92,16	3,84		3,84	
	96,00		3,84		

(PINTO, 2011, p. 147)

As tabelas 10 e 11 acima confirmam quantitativamente as diferenças qualitativas entre as duas fases do espanhol. As tabelas mostram que no espanhol medieval há um contraste entre orações matrizes e orações subordinadas com relação à colocação pronominal. Como já vimos, este contraste é explicado pela lei de Tobler-Mussafia que restringe o uso da próclise em posição inicial absoluta em contextos V1.



Pinto (2011) conclui que as duas fases do espanhol são sistemas linguísticos diferentes e que os dados apresentados ao longo do seu estudo confirmam o fato de que gramáticas diferentes podem gerar estruturas superficiais idênticas:

O que fica claro a partir da observação dos dados, como já pontuado por Mesching (2009) e Pinto (2010b), é que havia variação entre estruturas V2 e estruturas não V2 no espanhol antigo. Pode-se supor, portanto, que o espanhol antigo apresentava um processo de competição de gramáticas no sentido de Kroch (2001). (PINTO, 2011, p. 156)

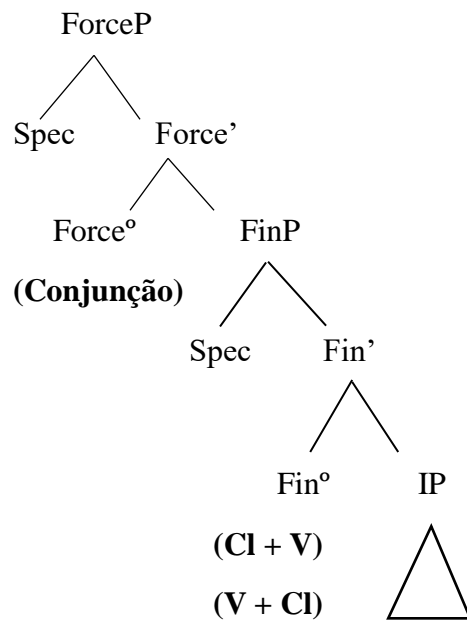
Nos exemplos abaixo, utilizamos a representação arbórea para explicar que quando temos ênclise e próclise, o clítico está adjungido ao verbo em uma posição mais baixa, em Fin; e que na interpolação, o clítico está adjungido ao item lexical (uma conjunção) em uma posição mais alta que é o CP, mais precisamente em Force<sup>26</sup>. Esse movimento não deve ser visto como mecanismo de último recurso, e sim como um movimento longo do núcleo (LHM – Long Head Movement). Na realidade, não é somente o verbo que se move, mas sim o clítico que também se move de uma posição mais baixa para uma posição mais alta por adjunção ao verbo, e no caso de o clítico estar enclítico a uma conjunção, ele deve estar no mesmo sintagma da conjunção, uma relação de especificador e núcleo<sup>27</sup>.

---

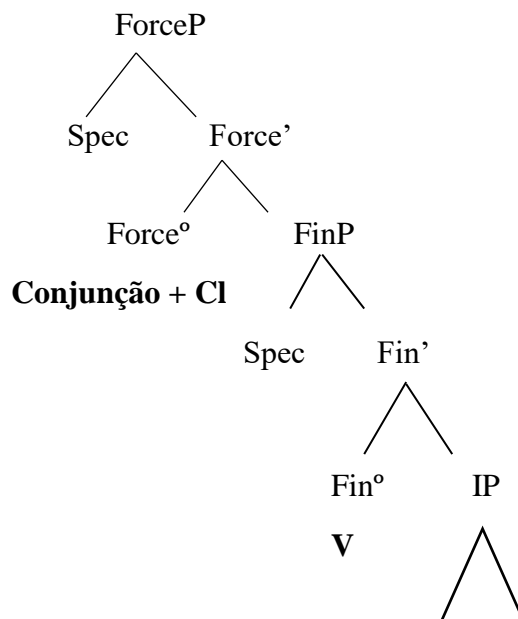
<sup>26</sup> Recorro aqui à estrutura que Pinto (2011) utilizou para explicar a variação do efeito V2 em orações matizes e em orações subordinadas com complementizador.

<sup>27</sup> Temos que pensar se na interpolação temos evidências empíricas (dados) que mostrem o verbo alto ou se na interpolação não haveria V2. Se na interpolação não há V2, poderia ter aí o gatilho para a perda de V2.

(8) ênclise e próclise com o clítico adjungido ao verbo na posição Fin.



(9) interpolação, clítico adjungido à conjunção



Tanto na ênclise como na próclise, o verbo está com o clítico em Fin. A ênclise, em orações V1, é um fenômeno prosódico, que segue a lei de Tobler-Mussafia, e a próclise é um fenômeno puramente sintático. Quando temos a interpolação, o clítico está conectado à conjunção em um nível mais alto do que Fin, em Force, por isso a explicação de nunca se ter uma interpolação em oração matriz, porque o verbo está em Fin e nunca em Force.

Com isso, podemos encontrar uma explicação para a nossa hipótese de que havia duas gramáticas operando no Espanhol Medieval: uma de clítico de segunda posição (2P), quando o clítico se concatena à conjunção e interpola; e o clítico núcleo (X<sup>o</sup>) que vai estar junto com o verbo gerando ênclise e próclise, decorrente de fatores sintáticos e prosódicos.

## 5. CONCLUÍNDO O CAPÍTULO

Para Uriagereka (1995), embora os fenômenos morfofonológicos e prosódicos desempenham um papel importante na colocação dos clíticos, ele não concorda que tais fatores sejam os principais determinantes na colocação dos clíticos, também se precisa de um estudo da sintaxe e da semântica em relação à colocação dos clíticos. Ele destaca duas abordagens sobre a colocação dos clíticos: uma morfofonológica, em que os clíticos se movem para satisfazer algum requisito prosódico ou morfológico; e outra sintática, em que os clíticos devem mover-se para uma posição mais alta, acima do IP e abaixo do CP, chamada de F (Posição Funcional).

Segundo Bošković (2020) a prosódia desempenha um papel importante nos clíticos de segunda posição. Estudando os clíticos da língua Servo-Croata, ele afirma que esses clíticos ocorrem na segunda posição da sua frase entoacional (I-phrase). O clítico não precisa estar na segunda posição estrutural, mas ele tem que ser a segunda categoria na sua frase entoacional. O clítico ser de segunda posição é um requisito prosódico e não sintático, que é imposto por meio da filtragem dos clíticos na PF (Phonetic Form – Forma Fonética). A sintaxe faz o seu trabalho sem se preocupar com o fenômeno prosódico.

Concluindo, o sistema de clíticos no Espanhol Medieval é um sistema misto com dois tipos de clíticos: a) os clíticos XP, que são clíticos de projeção máxima adjuntos (enclíticos) a C<sup>o</sup> e estão relacionados com os efeitos da lei de Wackernagel; b) os clíticos X<sup>o</sup>, com status de projeção máxima adjuntos (enclíticos ou proclíticos) a I<sup>o</sup>, e estão relacionados com os efeitos da lei de Tobler-Mussafia, em que a ênclise e a próclise são fenômenos sintático-prosódicos. É essa variação na posição do clítico que permite afirmar que havia duas gramáticas competindo no Espanhol Medieval. Assim, a mudança sintática procede via competição de diferentes gramáticas no espanhol medieval como sugerido por Pinto (2011).

Ainda se tem poucos estudos a respeito da variação dos clíticos como um fenômeno prosódico. O que eu pretendi demonstrar com isso é a confirmação que os clíticos são unidades com características sintáticas, fonológicas e morfológicas.

Neste momento, não temos uma explicação teórica para justificar a variação entre ênclise e próclise. Como foi constatado, não há, aparentemente, um condicionador que nos leve a uma conclusão plausível, porque se tem um mesmo elemento pré-verbal gerando ênclise e próclise.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, tendo como marco teórico a gramática gerativa, discutimos a variação na colocação dos clíticos no espanhol medieval, com a finalidade de detectar se havia uma única gramática ou duas gramáticas competindo (KROCH, 1989) nessa fase da língua.

O espanhol medieval apresentava variação entre a ênclise (V-Cl) e a próclise (Cl-V), seguindo a lei de Tobler-Mussafia, em que os clíticos eram impedidos de estar em posição inicial absoluta em uma oração. Além da ênclise e da próclise, tínhamos a mesóclise e a interpolação, em que um elemento podia se intercalar entre o clítico e o verbo.

No primeiro capítulo, levantamos a hipótese acerca da posição dos clíticos no espanhol medieval, principalmente se a variação entre ênclise e próclise se dava por meio de fenômenos sintáticos e/ou fonológicos

No segundo capítulo, apresentamos o referencial teórico, evidenciando a Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981), e o Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995) associadas a outras teorias, como a Fonologia Prosódica (NESPOR; VOGEL, 1986), a Teoria da Otimidade e a Competição de Gramáticas (KROCH, 1989) para explicar como se dava a variação entre a ênclise e a próclise, e se essa variação era resultado de um fenômeno sintático e ou fonológico.

No terceiro capítulo abordamos sobre a cliticização. Verificou-se que a cliticização se dava por causa de sua natureza fraca e da sua ausência de acento. Isso explicaria a mobilidade do clítico de se apoiar a um constituinte acentuado à direita (ênclise), ou à sua esquerda (próclise). Analisamos os critérios de Zwicky (1977) para explicar a funcionalidade dos clíticos no espanhol medieval. Nessa análise foi constatada que, nesses critérios, o clítico é considerado um verdadeiro afixo, porque ele se adjunge ou se incorpora à palavra que ele está conectado.

Sobre a tipologia dos clíticos, destacamos três estudos importantes na categorização dos sistemas de clíticos. O primeiro foi Zwicky (1977) que estuda os clíticos em relação às suas propriedades distributiva e sua relação com sua forma. Zwicky (1977) classificou os clíticos em três tipos: clíticos especiais, clíticos simples e *bound words*; na tipologia de Klavans (1985), ela diferencia as propriedades sintáticas dos clíticos, das suas propriedades fonológicas; e por último, temos a tipologia de Cardinaletti e Starke (1996,1999) que classificam os clíticos em fortes, fracos e clíticos.

Abordamos a posição dos clíticos segundo a lei de Wackernagel (1892), chamados de clíticos de segunda posição (2P). Os clíticos de segunda posição, em orações matrizes, estão posicionados depois da primeira palavra na sentença, ou depois do primeiro constituinte e não podem aparecer no início da sentença, e em orações subordinadas, eles aparecem como primeiro elemento na sentença, imediatamente seguindo o complementizador. Assim sendo, concluímos que os clíticos no espanhol medieval são clíticos especiais de segunda posição (2P), porque estão fonologicamente anexados a um item lexical, funcionando como afixo, e têm uma sintaxe especial.

No quarto capítulo, relatamos os estudos sobre a colocação, posição e variação dos clíticos no espanhol medieval. Analisamos o corpus dos seguintes textos: a) *Vida de Santa María Egipcíaca (SME)*, século XIII; b) *História de los Godos de San Isidoro (GSI)*, século XIV; d) *Comedia de Calisto y Malibea (CEL)*, de 1499, século XV.

Na descrição dos resultados do corpus, observamos a preferência pelo uso da próclise, à medida que o texto vai chegando ao final da época medieval (século XV). Também no século XV, constatamos o uso da próclise em posição inicial absoluta (V1).

Em relação a ocorrência dos clíticos em cada oração, averiguamos que a próclise é produtiva em todos os tipos de orações. A mesóclise é mais produtiva em orações matrizes, enquanto que a interpolação é mais produtiva em oração subordinada, não sendo encontrada em oração coordenada. Constatamos que só foi encontrado um caso de interpolação no texto do século XV.

Na exposição das variações entre a ênclise e a próclise, constatamos que algumas variações podem ocorrer por escolhas dialetais ou prosódicas. Por causa dessa variação linguística, sugiro que havia mais de um sistema de clíticos, como também duas gramáticas competindo no espanhol medieval, dado ao contato de línguas que sofreu a Península Ibérica, principalmente no Período Medieval (séculos XII e XV). Essa variabilidade dos clíticos pode ser explicada através da hipótese da existência de gramáticas em competição (KROCH, 2001). Há duas gramáticas de clíticos no espanhol medieval: a interpolação sendo gerada por uma gramática; enquanto que a ênclise e a próclise sendo geradas por outra gramática, e essa variação é resultado de aspectos prosódicos e sintáticos em que a ênclise ocorre para evitar que o clítico apareça em primeira posição, seguindo a lei de Tobler-Mussafia; e a próclise ocorre quando uma categoria sintática específica aparece em posição pré-verbal.

Tuten (2003) afirma que leva um tempo para que uma situação de interação e de contato linguístico seja favorável à mudança linguística e ao nascimento de um novo

dialeto koiné. Para que isso ocorra, necessita-se de um influxo de imigrantes ao mesmo tempo, por um longo período. A situação social instável leva à mescla, à nivelação, à redução e à simplificação de formas. Uma língua koiné surge pelo menos em três gerações de falantes, assim a nova variedade linguística se estabiliza. Tuten (2003) mostra os contatos de língua que existiram na história do espanhol medieval, dividindo-a em três fases: 1) a koiné burgalesa: durante a fase de Burgos (século IX a XI) os imigrantes de Cantabria, Asturias, o País Basco, Navarra e La Rioja, León e Galicia, assim como os Mozárabes se estabeleceram na fronteira de Castilha; 2) a koiné toledana: a fase toledana (séculos XI e XII) mostrou uma mistura dialetal, com variação social e estilística entre Toledo e a Península em geral, ocorrendo também a vinda dos povos francos para a península onde ocuparam postos de destaque e que com isso influenciaram na formação da língua espanhola; 3) a koiné sevilhana: a fase sevilhana (a partir do século XIII) representou a melhor e última fase da língua koiné do período medieval espanhol.

A mudança linguística não aparece somente em função do tempo, mas também em função de aspectos linguísticos e sociais. Segundo Gimeno (1983) as crianças reestruturam a gramática dos pais para harmonizá-la com a gramática do grupo de fala, criando uma nova gramática dentro de uma versão mais sistemática e fácil. A geração da mudança preservará o inventário lexical, fonético, semântico, da geração anterior, mas poderá mostrar uma ruptura no nível da sintaxe. No processo de aquisição da língua a criança deve formar os aspectos pré-sintáticos, os sintáticos propriamente ditos e os pós-sintáticos. A complexidade do sistema de colocação dos pronomes clíticos está também na base da aquisição tardia deste aspecto da sintaxe pela criança.

Segundo Pharies (2006), o processo opera por gerações: os jovens se adaptam às novas circunstâncias, usando a língua de prestígio em contextos comuns, e a língua tradicional morre, morrendo com eles a necessidade de manter um bilinguismo cada vez menos útil.

Conclui-se que a língua espanhola nunca foi uma língua homogênea, ao contrário do que a tradição linguística faz crer. No estudo da posição e variação dos clíticos foi observado que não existiu um único sistema de clíticos nas três décadas estudadas (do XII ao XV). É necessário um estudo mais aprofundado das línguas ibero romances, para se chegar a esses sistemas e entender as mudanças que ocorreram com os clíticos ao longo dessa época no espanhol. A sintaxe dos clíticos não era uniforme.

Se havia mais de um sistema, também havia mais de uma gramática de clíticos competindo entre si.



## REFERÊNCIA DOS TEXTOS MEDIEVAIS

1. Vida de Santa María Egipciaca (SME)
2. História de los Godos de San Isidoro (GSI)
3. Comedia de Calisto y Melibea (CEL)
4. General Estoria I (GE)
5. Fuero de Zamora (FZ)
6. Auto de los Reyes Magos (AUTO)

GAGO JOVER, Francisco; PUEYO MENA, F. Javier. *Old Spanish Textual Archive*.  
Hispanic Seminary of Medieval Studies, 2020.

Disponível em: <http://osta.oldspanishtextualarchive.org>

## REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M.B.M.; GALVES, C. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In: CASTILHO, A.T. de; BASÍLIO, M. (orgs.). *Gramática do português falado - Estudos descritivos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996, p.1-12.
- ANDERSON, Stephen R. *Aspects of the theory of clitics*. Oxford Studies in Theoretical Linguistics. Oxford: Oxford University Press. 2005.
- BATLLORI, Montse; SÁNCHEZ, Carlos; SUÑER, Avelina. The incidence of interpolation on the word order of romance languages. *Catalan Working Papers in Linguistics*, v.4, p. 185-209, 1995. Disponível em: <https://ddd.uab.cat/pub/cwpil/1132256Xv4n2/1132256Xv4n2p185.pdf> . Acesso em 07 de dezembro de 2022.
- BENINCÀ, Paola. Complement clitics in medieval romance: The Tobler-Mussafia law. In: BATTYE, Adrian; ROBERTS, Ian (orgs). *Clause structure and language change*. Oxford: Oxford University Press, 1995, p. 325-344.
- BISOL, L. Mattoso Câmara Jr. e a palavra prosódica. *Revista Delta*. São Paulo, v. 20, n.3 (especial), p. 59-70, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/dtMNm7MdL4tCr7TdNjrphD/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 19 de fevereiro de 2020.
- BOSKOVIC, Željko, On the syntax and prosody of verb second and clitic second. In: WOODS, Rebecca; WOLFE, Sam (eds). *Rethinking verb second*. Oxford: Oxford University Press, 2020, p. 1-35. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/oso/9780198844303.003.0021>. Acesso em 07 de dezembro de 2022.
- BOUZOUITA, M; KEMPSON, R. Clitic placement in old and modern spanish: a dynamic account. In: NEDERGAARD THOMSEN, Ole (ed.). *Amsterdam studies in the theory and history of linguistic science series IV-Current Issues in Linguistic Theory*. Amsterdam, The Netherlands: John Benjamins, 2006, p. 253–268.
- BOUZOUITA, M. Future constructions in medieval spanish: mesoclysis uncovered. In: R. Kempson; E. Gregoromichelaki, & C. Howes (Eds.), *The dynamics of lexical interfaces*. Stanford, UK: CSLI., 2011, p. 89-130.
- CANO AGUILAR, Rafael. *El español a través de los tiempos*. Madrid: Arco/Libros. 2005.
- CARDINALETTI, Anna; STARKE, Michal. The typology of structural deficiency: a case study of the three classes of pronouns. In: VAN RIEMSKIJK, Hendrik C. (ed.), *Clitics and the languages of Europe*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999, p. 145–233.

CASTILLO LLUCH, Mónica. *La posición del pronombre átono en la prosa hispánicamedieval*, Tesis doctoral. Universidad Autónoma de Madrid / Université Paris XIII, 1996.

CHAGAS DE SOUZA, Paulo. Fonologia de laboratório. In: FIORIN, José Luiz (org). *Novos caminhos da língua*. São Paulo: Contexto, 2017, p. 11-35.

CHENERY, W.H. *Object pronouns in dependent clauses: a study in old spanish word order*. PMLA, 1905.

CHOMSKY, Noam. A minimalism program for linguistic theory. In: HALE, K.; KEYSER, S.J. (org.). *The view from binding*. Cambridge/Mass.; Mit Press, 1993.

CHOMSKY, Noam. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.

CHOMSKY, Noam. *Knowledge of language: its origin, nature and use*. New York: Praeger, 1986.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, Noam. *Syntactic structures*. The Hague: Mouton, 1957.

CHOMSKY, Noam. *The minimalist program*. MIT Press, 1995

DEN BESTEN, Hans. *On the interaction of root transformations and lexical deletive rules*. Studies in west germanic syntax. 1989, 299f. Doctoral Thesis, Tilburg University. Amsterdam.

EBERENZ, Rolf. *El español en el otoño de la edad media. Sobre el artículo y los pronombres*. Madrid: Gredos, 2000.

ELVIRA, Javier. *Enclisis pronominal y posición del verbo en español antiguo*. Epos, v.3, 1987, p. 63-79.

EMBICK, David; NOYER, Rolf. Movement operations after syntax. *Linguistic Inquiry*. Massachusetts, v. 32, n. 4, p. 555-595, 2001. Disponível em: <http://ieeexplore.ieee.org/abstract/document/6788912>. Acesso em: 15 de Setembro de 2020.

ENRIQUE-ARIAS, Andrés; BOUZOUITA, Miriam. *La frecuencia textual en la evolución histórica de los clíticos pronominales en español*. De Gruyter, 2013, p. 29-46.

FONTANA, Josep M. Phonology and syntax in the interpretation of the Tobler-Mussafia law. In: HALPERN, Aaron, and ZWICKY, Arnold (eds.), *Approaching second: second position clitics and related phenomena*. Stanford, CA: CSLI Publications, 1946, p. 41–83.

FONTANA, Josep. *Phrase structure and the syntax of clitics in the history of spanish*. Dissertation (Doctor of Linguistics), 1993, 312f. University of Pennsylvania, Philadelphia.

FONTANA, Josep. To Appear. On the integration of second position phenomena. In: KEMENADE, A. V., & VICENT, Nigel. (Eds.) *Parameters of Morphosyntactic Change*. Cambridge: Cambridge University Press. 1997, p. 207-249.

GALVES, C.; SANDALO, F. From intonational phrase to syntactic phase: the grammaticalization of enclisis in the history of Portuguese. *Revista Língua*, n. 8, v.122, p. 952-974, 2012.

GALVES, Charlotte; BRITTO, Helena; PAIXÃO de SOUSA, Maria Clara. The change in clitic placement from classical to modern European Portuguese: results from the Tycho Brahe corpus. *Journal of Portuguese Linguistics*. v. 4, n.1, p. 39-68, 2005. Disponível em; <https://doi.org/10.5334/jpl.166> . Acesso em: 11 de Outubro de 2020.

GARRETT, Andrew. Wackernagel's law and unaccusativity in Hittite. In: HALPERN, Aaron; ZWICKY, Arnold. *Approaching second: second position clitics and related phenomena*. Stanford, CA: CSLI Publications, (eds.). 1996, p. 85-133.

GRAMBERG, Robert Arthur. *Object pronoun position in medieval and early modern Spanish*. Ph.D. Dissertation, 1988, 426f. University of California, Los Angeles.

GIMENO MENÉNDEZ, Francisco. Hacia una sociolingüística histórica. *Revista E.L.U.A. Estudios de Lingüística de la Universidad de Alicante*, Alicante, n. 1, p. 181-226, 1983.

HALPERN, Aaron. *On the placement and morphology of clitics*. Stanford: CSLI Publications, 1995.

HALPERN, Aaron. Clitics. In: SPENCER, Andrew; ZWICKY, Arnold (eds.). *The Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell Publishers, 1998, p. 101-122.

HALPERN, Aaron L. *Topics in the Placement and Morphology of Clitics*. 1992, Ph.D. dissertation, Stanford University.

HALPERN, Aaron L.; FONTANA, Josep M. *X<sup>o</sup> and X<sup>max</sup> clitics*. In: DUNCAN, E.; FARKAS, D.; SPAELTI, P. (eds.). *The proceedings of the Twelfth West Coast Conference on Formal Linguistics*. Stanford: CSLI Publications, 1993, p. 251-266.

HAEGEMAN, Liliane. Object clitics in West Flemish. In: HALPERN, Aaron; ZWICKY, Arnold. *Approaching Second: Second Position Clitics and Related Phenomena*. Stanford, CA: CSLI Publications, 1996, p. 135-164.

HEGGIE, Lorie; ORDÓÑEZ, Francisco. Clitic ordering phenomena: the path to generalizations. In: HEGGIE, Lorie; ORDÓÑEZ, Francisco (eds.). *Clitic and Affix Combinations*. Amsterdam: John Benjamins, 2005, p. 1-29.

KLAVANS, Judith L. *The independence of syntax and phonology in cliticization*. *Language*, New York, v. 61, p. 95-120, 1985.

- KENEDY, Eduardo. *Curso básico de lingüística gerativa*. São Paulo: Contexto, 2016.
- KROCH, Anthony. Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. *Journal of Language Variation and Change*, Pennsylvania, v. 1, p. 199-244, 1989.
- KROCH, Antony. Syntactic change. In: BALTIN, M.; COLLINS, C. (eds.). *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*. Malden: Blackwell, 2001, p. 699-729.
- LAPESA, Rafael. *Historia de la lengua española*. 8ª edição. Madrid: Editorial Gredos, 1981.
- LIGHTFOOT, David. *How new languages emerge*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- LIGHTFOOT, David. *The development of language, acquisition, change and evolution*. Oxford: Blackwell Publishers, 1999.
- KATO, Mary A. A variação no domínio dos clíticos no português brasileiro. *Revista Linguística*. v. 33-1, p. 135-149, 2017.
- MAVROGIORGOS, Marios. *Clitics in greek: a minimalist account of proclisis and enclisis*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2010.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón. *Cantar de Mio Cid. Texto, gramática y vocabulario*. Madrid: Espasa Calpe, 1908.
- MUSSAFIA, A. Una particolarità sintattica della lingua italiana dei primi secoli. In: G. I. Ascoli et al., *Miscellanea di filologia e linguistica in memoria di N. Caix e U.A. Canello*. Florence: LeMonnier, 1886, p. 255-61.
- NAMIUTI, C. *Aspectos da história gramatical do português: interpolação, negação e mudança*. 2008, 309f. Tese (Doutorado em Linguística). Unicamp: Campinas, São Paulo.
- NESPOR, Marina. Prosódia: uma entrevista com Marina Nespor. *ReVEL*, v. 8, n. 15, 2010. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. Disponível em: [www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br). Acesso em 02 de Fevereiro de 2020.
- NESPOR, Marina, e VOGEL, Irene. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- NEBRIJA, E. A. de. *Gramática castellana*. Madrid: SGEL, 1492.
- NIEUWENHUIJSEN, Dorien. *Cambios en la colocación de los pronombres átonos en la historia del español*. Facultad de Letras, Universidad de Utrecht, Holanda, v.5, 1999. Disponível em: <http://elies.rediris.es/elies5>. Acesso em 15 de setembro de 2019.
- PHARIES, David A. *Breve historia de la lengua española*. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

PINTO, Carlos Felipe. *Ordem de palavras, movimento do verbo e efeito V2 na história do espanhol*. 2011, 341f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas- São Paulo.

POUNTAIN, Christopher J. *A history of the spanish language through texts*. Routledge: London. 2001.

RAMSDEN, Herbert. *Weak-pronoun position in the early romance languages*. Manchester: Manchester University Press, 1963.

RIIHO, Timo. *La redundancia pronominal en el iberorromance medieval*. De Gruyter, 1988.

RINI, Joel. Dating the Grammaticalization of the Spanish Clitic Pronoun. *Zeitschrift für romanische Philologie*. CVI, 3-4, p. 350-370, 1990.

RIVERO, María Luisa. On two locations for complement clitic pronouns: Serbo-Croatian, Bulgarian, and Old Spanish. In: KEMENADE, A. V., & VICENT, Nigel. (eds.) *Parameters of Morphosyntactic Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997, p. 170–206.

RIVERO, María Luisa. Clitic and NP Climbing. In: CAMPOS, H; MARTINEZ-GIL, F. *Current studies in Spanish linguistics*. Georgetown University Press, 1992, p. 241-282.

RIVERO, María Luisa. La tipología de los pronombres átonos en es español medieval y el español actual. *Anuario de lingüística hispánica*. Valladolid, v.2, p. 197-220, 1986a.

RIVERO, María Luisa. Parameters in the Typology of Clitics in Romance and Old Spanish. *Language*. Ottawa. v. 64, p. 774-807, 1986b.

RIVERO, María Luisa. Sintaxis diacrónica: relativos y pronombres átonos en español. *Revista Argentina de Lingüística*, v. 2, p. 343-359, 1986c.

ROBERTS, Ian. The pronominal domain: DP-NP structure, clitics and null subjects. In: D'ALESSANDRO, Roberta; LEDGEWAY, Adam; ROBERTS, Ian (eds.), *Syntactic Variation: The Dialects of Italy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 3-27.

SANDALO, F. Fonologia prosódica e teoria da otimidade: reflexões sobre a interface sintaxe e fonologia na formação de sintagmas fonológicos. *Revista de Estudos da Linguagem*, n. 2, v. 12, p. 319-344, 2004.

SELKIRK, Elisabeth O. *Phonology and syntax: The relation between sound and structure*. Cambridge, MA: MIT Press, 1984.

SELKIRK, Elisabeth O. The prosodic structure of function words. In BECKMAN, Jill N.; DICKEY, Laura W.; URBANCZYK, Suzanne (eds.), *Papers in Optimality Theory*. Massachusetts, v. 1 ed. 18, p. 187-213, 1995.

SHLONSKY, Ur. Enclisis and proclisis. In: RIZZI, Luigi (org). *The structure of CP and IP. The cartography of syntactic structures*. Oxford: Oxford University Express, 2004, p. 329-354.

SPENCER, Andrew; LUIS, Ana R. *Clitics. An introduction*. Cambridge University Press, 2012.

TAYLOR, Ann. A prosodic account of clitic position in Ancient Greek. In Halpern, Aaron, and Zwicky, Arnold (eds.), *Approaching Second: Second Position Clitics and Related Phenomena*. Stanford, CA: CSLI Publications, 1996, p. 477–503.

TUTEN, Donald. *Koineization in Medieval Spanish*. Berlin/Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 2003.

TRUCKENBRODT, Hubert. On the relation between syntactic phrases and phonological phrases. *Linguistic Inquiry*. Massachusetts, v. 30, p. 219–55, 1999.

URIAGEREKA, Juan. Aspects of the syntax of clitic placement in Western Romance. *Linguistic Inquiry*. Massachusetts, v. 26, p. 79–123, 1995.

WACKERNAGEL, Jacob. *Über ein Gesetz der indogermanischen Wortstellung*. *Indogermanische Forschungen*, v. 1, p. 333–436, 1892.

WANNER, Dieter. *The Development of Romance Clitic Pronouns: From Latin to Old Romance*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1987.

YANG, C. D. *Knowledge and learning in natural language*. 2000, 140f. Tese. (Doutorado em filosofia) - Department of Electrical Engineering and Computer Science. Massachusetts Institute of Technology, Massachusetts.

ZWICKY, Arnold M. *On Clitics*. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1977.

ZWICKY, Arnold; PULLUM Geoffrey K. Cliticization vs. Inflection: English n't. *Language*. v. 59, n.3, p. 502-513, 1983. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~zwicky/ZPCLiticsInfl.pdf> . Acesso em 20 de Agosto de 2019.